



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MÁRCIA MARIA FONTELES VASCONCELOS

**A REGIONALIDADE PRESENTE EM LEXIAS SIMPLES, COMPLEXAS E
TEXTUAIS NA OBRA *A RAINHA DO IGNOTO* DE EMÍLIA FREITAS**

FORTALEZA

2022

MÁRCIA MARIA FONTELES VASCONCELOS

A REGIONALIDADE PRESENTE EM LEXIAS SIMPLES, COMPLEXAS E TEXTUAIS
NA OBRA *A RAINHA DO IGNOTO* DE EMÍLIA FREITAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra. Área de Concentração: Linguística

Orientadora: Prof.^a Dra Maria do Socorro Silva de Aragão

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V451r Vasconcelos, Márcia Maria Fonteles.
A regionalidade presente em lexias simples, complexas e textuais na obra A Rainha do Ignoto de Emilia
Freitas / Márcia Maria Fonteles Vasconcelos. – 2022.
176 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

1. Regionalidade. 2. Lexias. 3. Campos lexicais. I. Título.

CDD 410

MÁRCIA MARIA FONTELES VASCONCELOS

A REGIONALIDADE PRESENTE EM LEXIAS SIMPLES, COMPLEXAS E TEXTUAIS
NA OBRA *A RAINHA DO IGNOTO* DE EMÍLIA FREITAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Linguística.
Área de Concentração: Linguística

Aprovada em 02/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof.^a Dra. Maria Silvana Militão de Alencar

Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. Fabrício Paiva Mota

Universidade Federal de Roraima – UFRR

A meu filho, Ítalo Fonteles Vasconcelos, pela
inspiração e pelo valor que agrega a minha
vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de ter alcançado este propósito e pela concessão de inspiração para isso;

A minha família, em especial meus pais, Raimundo Fonteles e Rocilene Fonteles, que sempre incentivaram meus estudos e não mediram esforços para isso, contribuindo com a cessão de tempo e espaço para a produção; ao meu esposo, Reginaldo César, que amparou e motivou durante os momentos de fragilidade emocional;

Aos professores, em que destaco a minha orientadora e os participantes da banca de defesa, Maria do Socorro Silva de Aragão, Maria Silvana Militão de Alencar e Fabrício Paiva Mota, que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho;

Ao meu colega Raimundo José Ferreira Neto que, ao longo do percurso, tornou-se um grande amigo, que muito apoiou e colaborou com o desenvolvimento dos meus estudos, incentivando e auxiliando no que fosse preciso, incondicionalmente;

A todos que, de alguma forma, torceram por este momento e ficam felizes com as minhas conquistas.

[...] Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
– Trouxeste a chave? (ANDRADE, 2012, p. 12)

RESUMO

A língua é manifestação constante de dinamicidade e de representação dos povos. Como instrumentos de representação social, os fenômenos linguísticos permitem o contato com a cultura, os costumes, as caracterizações políticas e históricas que se reproduzem por meio da escrita e da oralidade. Ao lançar o olhar para a literatura como veículo possível de representação linguística, verifica-se as particularidades ali inseridas quanto à linguagem e como essa via de estudo opera concomitantemente à representação social. É, pois, dentro dessa ambientação, que a pertinência regionalista da escrita de Emília Freitas agrega às discussões linguísticas ao passo que denotam possibilidades de desdobramento, tendo em vista as lacunas identificadas acerca do assunto. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as lexias de cunho regional presentes na obra *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas, em destaque aos aspectos semânticos da linguagem popular cearense e à representação daquelas em campos lexicais preponderantes. Para esse intento, serão utilizados os embasamentos teóricos da área da lexicologia e da lexicografia (COSERIU, 1979, 1981; MATORÉ, 1953; VILLALVA E SILVESTRE, 2014); das unidades lexicais que serão tratadas neste processo (VILELA, 1979; BIDERMAN, 1978, POTTIER, 1978, BORBA, 2003); das áreas que se interligam às discussões e análises que serão propostas, como a ambientação dialetológica e a semântica (DUBOIS, 1978; NASCENTES, 1953; ARAGÃO, 2020; ILLARI E GERALDI, 2004; ULLMANN, 1964) e das teorias que sustentam os estudos sobre os campos lexicais, a partir dos quais selecionou-se uma que estrutura o produto final desta pesquisa (COSERIU, 1981, 1982; WEISGERBER, 1963; VILELA, 1979). Acerca do percurso metodológico desta proposição, salienta-se a abordagem de caráter quanti-qualitativa, em que, inicialmente, realizou-se pesquisas, estudos e levantamento de dados para posterior escrutínio que fundamenta o viés quantitativo. As lexias simples, complexas e textuais foram extraídas da obra *A Rainha do Ignoto* (2019), conforme o que se delineia nos processos metodológicos. No que concerne à análise propriamente dita, verifica-se uma ocorrência maior das lexias simples em detrimento às outras, havendo registro de acepção dicionarizada em grande parte delas, o que auxilia na comprovação da pertinência regional. Além disso, os resultados evidenciam campos lexicais que são equivalentes às representações culturais regionais, em que a obra está inserida, corroborando hipóteses e ampliando as vias de estudo, assim como suscita outras reflexões para posteriores estudos com obras não canônicas, mas que não se inferiorizam por isso.

Palavras-chave: regionalidade; lexias; campos lexicais.

ABSTRACT

Language is a constant manifestation of dynamism and representation of peoples. As instruments of social representation, linguistic phenomena allow contact with culture, customs, political and historical characterizations that are reproduced through writing and orality. When looking at literature as a possible vehicle of linguistic representation, one can verify the particularities inserted there regarding language and how this way of study operates concomitantly with social representation. It is, therefore, within this setting, that the regionalist pertinence of Emília Freitas writing adds to the linguistic discussions while denoting possibilities of unfolding, in view of the gaps identified on the subject. In this sense, the general objective of this research is to analyze the regional lexias present in the work *A Rainha do Ignoto* by Emília Freitas, highlighting the semantic aspects of the popular language of Ceará and the representation of those in preponderant lexical fields. For this purpose, theoretical foundations in the area of lexicology and lexicography will be used (COSERIU, 1979, 1981; MATORÉ, 1953; VILLALVA E SILVESTRE, 2014); of the lexical units that will be treated in this process (VILELA, 1979; BIDERMAN, 1978, POTTIER, 1978, BORBA, 2003); of the areas that are linked to the discussions and analyzes that will be proposed, such as the dialectological and semantic setting (DUBOIS, 1978; NASCENTES, 1953; ARAGÃO, 2020; ILLARI E GERALDI, 2004; ULLMANN, 1964) and the theories that support the studies on the lexical fields, from which one was selected that structures the final product of this research (COSERIU, 1981, 1982; WEISGERBER, 1963; VILELA, 1979). Regarding the methodological course of this proposition, the quantitative-qualitative approach is highlighted, in which, *a priori*, research, studies and data collection were carried out for later scrutiny that underlies the quantitative bias. The simple, complex and textual lexicons were extracted from the work *A Rainha do Ignoto* (2019), as outlined in the methodological processes. As far as the analysis itself is concerned, there is a greater occurrence of simple lexicons to the detriment of others, with a record of dictionary meaning in most of them, which helps to prove their regional relevance. In addition, the results show lexical fields that are equivalent to the regional cultural representations, in which the work is inserted, corroborating hypotheses and expanding the paths of study, as well as raising other reflections for further studies with non-canonical works, but which are not inferior therefore.

Keywords: regionality; lexias; lexical fields.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura do glossário.....	42
Figura 2 – Campo onomasiológico.....	83
Figura 3 – Campo semasiológico.....	83
Figura 4 – Campo semasiológico (continuação).....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios para identificação/seleção das lexias para análise.....	74
Quadro 2 – Ficha lexicográfica das unidades lexicais.....	76
Quadro 3 – Exemplificação de análise da lexia simples “paragem”	79
Quadro 4 – Elementos da estruturação do glossário.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quanto à classificação das lexias e sua respectiva dicionarização ou não.....	147
Tabela 2 – Quanto à dicionarização ou não por obra lexicográfica.....	148
Tabela 3 – Quantificação das lexias por campo lexical: alimento.....	154
Tabela 4 – Quantificação das lexias por campo lexical: planta.....	154
Tabela 5 – Quantificação das lexias por campo lexical: animal.....	155
Tabela 6 – Quantificação das lexias por campo lexical: objetos.....	156
Tabela 7 – Quantificação das lexias por campo lexical: caracterização.....	157
Tabela 8 – Quantificação das lexias por campo lexical: insulto/desrespeito.....	158
Tabela 9 – Quantificação das lexias por campo lexical: profissão/atuação.....	159
Tabela 10 – Quantificação das lexias por campo lexical: espaço.....	159
Tabela 11 – Quantificação das lexias por campo lexical: ação.....	160

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Classificação das lexias.....	146
Gráfico 2 – Quanto às lexias por tipo de acepção registrada ou não nos dicionários da língua.....	150
Gráfico 3 - Quanto às lexias por tipo de acepção registrada ou não nos dicionários regionais.....	151
Gráfico 4 – Quanto à categoria das classes gramaticais dos verbetes-entrada.....	152
Gráfico 5 – Quantitativo de lexias por campos lexicais.....	161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj. – Adjetivo

adv. - Advérbio

DA – Dicionário Aurélio

DC – Dicionário Cabral

DH – Dicionário Houaiss

DM – Dicionário Michaelis

DP – Dicionário Pontes

DS – Dicionário Seraine

E.F. – Emília Freitas

exp. - Expressão

LCDAC – Lexia complexa dicionarizada com acepção complementar

LCDAD – Lexia complexa dicionarizada com acepção diferente

LCDAE – Lexia complexa dicionarizada com acepção equivalente

LCND – Lexia complexa não dicionarizada

loc. adv. – Locução adverbial

LSDAC – Lexia simples dicionarizada com acepção complementar

LSDAD - Lexia simples dicionarizada com acepção diferente

LSDAE - Lexia simples dicionarizada com acepção equivalente

LSND - Lexia simples não dicionarizada

LTDAC – Lexia textual dicionarizada com acepção complementar

LTDAD - Lexia textual dicionarizada com acepção diferente

LTDAE - Lexia textual dicionarizada com acepção equivalente

LTND – Lexia textual não dicionarizada

s. - Substantivo

V. - Veja

v. – Verbo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	27
2.1	As ciências do léxico	27
2.1.1	<i>Lexicologia e alguns desdobramentos</i>	27
2.1.2	<i>Itens lexicais: as lexias</i>	31
2.1.3	<i>Lexicografia</i>	36
2.1.3.1	<i>Estruturação das obras lexicográficas</i>	40
2.2	O espaço geográfico e a dialetologia	44
2.3	A relação língua-cultura: Etnolinguística	50
2.4	O léxico e a semântica: alguns apontamentos	52
2.5	Considerações gerais sobre o léxico na literatura e o Regionalismo	63
3	PERCURSO METODOLÓGICO	71
3.1	Caracterização da pesquisa	71
3.2	Delimitação do universo e da amostra	72
3.3	Procedimentos de coleta de dados	73
3.4	Procedimentos de análise de dados	77
3.4.1	<i>Organização do glossário</i>	80
3.4.1.1	<i>Da macroestrutura do glossário</i>	81
3.4.1.2	<i>Da medioestrutura do glossário</i>	84
3.4.1.3	<i>Da microestrutura do glossário</i>	85
4	GLOSSÁRIO DOS CAMPOS LEXICAIS REGIONALISTAS/POPULARES DA OBRA A RAINHA DO IGNOTO DE EMÍLIA FREITAS	89
4.1	Campo lexical: alimento	89
4.1.1	<i>Macrocampo: produzidos à base de milho</i>	89
4.1.2	<i>Macrocampo: produzidos com outras bases</i>	89
4.2	Campo lexical: planta	91
4.2.1	<i>Macrocampo: frutíferas</i>	91
4.2.2	<i>Macrocampo: não frutíferas</i>	94
4.2.2.1	<i>Microcampo: consideradas selvagens</i>	94
4.2.2.2	<i>Microcampo: consideradas medicinais</i>	95

4.2.2.3	<i>Microcampo: consideradas ornamentais</i>	97
4.2.2.4	<i>Microcampo: outras caracterizações</i>	98
4.3	Campo lexical: animal	98
4.3.1	<i>Macrocampo: animais de médio porte</i>	99
4.3.2	<i>Macrocampo: animais de pequeno porte</i>	99
4.3.2.1	<i>Microcampo: dos cantadores</i>	99
4.3.2.2	<i>Microcampo: dos não cantadores</i>	100
4.4	Campo lexical: objetos	100
4.4.1	<i>Macrocampo: tipos de uso</i>	101
4.4.1.1	<i>Microcampo: uso em ofício/afazer</i>	101
4.4.1.2	<i>Microcampo: uso pessoal/individual</i>	105
4.4.1.3	<i>Microcampo: uso em confecção</i>	107
4.4.1.4	<i>Microcampo: usos diversos</i>	108
4.5	Campo lexical: caracterização	108
4.5.1	<i>Macrocampo: do tipo de caracterização</i>	108
4.5.1.1	<i>Microcampo: relacionada ao homem</i>	108
4.5.1.1.1	Subcampo: quanto ao comportamento ou físico.....	108
4.5.1.1.2	Subcampo: quanto à alcunha/designação.....	115
4.5.1.1.3	Subcampo: quanto às manifestações emotivas.....	121
4.5.1.2	<i>Microcampo: relacionada à natureza</i>	126
4.5.1.3	<i>Microcampo: relacionada a ordens diversas</i>	127
4.6	Campo lexical: insulto/desrespeito	132
4.6.1	<i>Macrocampo: realizado verbalmente</i>	132
4.6.2	<i>Macrocampo: realizado fisicamente</i>	135
4.7	Campo lexical: profissão/atuação	136
4.7.1	<i>Macrocampo: relacionados ao mar</i>	136
4.7.2	<i>Macrocampo: não relacionados ao mar</i>	137
4.8	Campo lexical: espaço	138
4.8.1	<i>Macrocampo: edificações</i>	139
4.8.2	<i>Macrocampo: lugares abertos</i>	139
4.8.3	<i>Macrocampo: partes de construções</i>	140
4.9	Campo lexical: ação	141
4.9.1	<i>Macrocampo: para com os outros</i>	141

4.9.2	<i>Macrocampo: de ordem individual</i>	143
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	146
6	CONCLUSÃO	163
	REFERÊNCIAS	167

1 INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos acerca da língua e de como esta se configura em consonância com a representatividade que carrega, seja nas manifestações literárias, culturais, históricas, seja nas sociais. Dentro, pois, dessa conjuntura em que a língua se define, outras pesquisas e análises mostram-se necessárias, dadas as lacunas em determinadas evidências, assim como a ocorrência de fenômenos em panoramas ainda carentes de escrutínio.

Nessas múltiplas formas de conceber a língua e o seu caráter dinâmico, os estudos linguísticos se sobressaem com perspectivas de abordagem também diversas e com vieses de interpretação dotados de especificidades que direcionam a averiguação por parte do pesquisador. Com esse papel de representação que é social, mas também de construção identitária de um povo, a língua tem, na literatura, um importante aporte para a propagação de suas formas e particularidades linguísticas que se evidenciam, de modo mais contundente, nesta ambientação, na representação do léxico que comunga das peculiaridades de uma comunidade, que, por sua vez, se pode reconhecer por meio dele.

Assim, o léxico, como esse conjunto possível representativo de uma língua, guarda, na sua imanência, muito mais do que caracterizações morfológicas ou fonético-fonológicas, mas também traços expressivos do homem e por meio do qual este estabelece a relação social e se faz reconhecer pela manifestação linguística.

Tal associação e correspondência léxico-espacial, junto à tipificação literária, fazem emergir o Regionalismo, importante particularidade também linguística que é tão bem exemplificada e propagada por obras locais. No âmago de suas construções, os autores põem em cena o espaço geográfico em que o enredo se desenrola; as caracterizações de um povo, com pauta para costumes, ações rotineiras, adjetivações, dentre outros pontos; a cultura e o contexto social, bem como demais propriedades que permitem pormenorizar uma comunidade por meio dos aspectos linguísticos.

Diversas são as obras que assumem a caracterização regionalista e que trazem, em sua seleção lexical, minudências que aludem a distintas regiões do Brasil, em obras nacionalmente conhecidas, como as de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, José de Alencar, Rachel de Queiroz. Em meio a esse universo, o foco dessa pesquisa recai na região¹ cearense, tendo em vista a seleção de *corpus* deste estudo, ao passo que se busca um enredo que remeta a cenas não tão prototípicas como as que habitualmente são associadas ao

¹ Observa-se que serão tratadas, ao longo deste trabalho, analogamente, as referências aos termos *região*, *regional* e *regionalista*, tendo em vista a associação destas às representações de espaço especificado aqui como o cearense.

Estado do Ceará, como as escritas de dois dos autores acima mencionados ou ainda, de modo mais específico, histórias como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, *A Fome*, de Rodolfo Teófilo.

Trazer à apreciação outra obra que particularize uma região também por meio do léxico é ampliar as referências de autores que, embora não sejam nacionalmente conhecidos, conseguiram também fazer uso de recursos linguísticos que demarcam uma comunidade, ao mesmo tempo em que se torna possível reconhecer os valores de ordem cultural, social, político e histórico que permeiam o par língua e sociedade.

Por isso, é com este olhar atípico, que interessa a essa pesquisa a obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas. Constituindo umas das primeiras autoras a apresentar o gênero fantástico no país, sua história revela um Ceará com outras facetas, com problemas que se voltam à ótica distorcida com que se constrói a mulher. Reunindo elementos do fantástico, das credices, da característica cultural do Estado, a narrativa ganha forças pela linguagem utilizada para apresentar todos os fatos. Sua perspectiva contempla as ações de uma personagem feminina, dando-lhe vez e voz em uma sociedade presa aos costumes, aos (pré) conceitos e ao silêncio que se impõe a muitas mulheres, mas que, independentemente disso, são capazes de referenciar a região a que pertence a obra.

Conquanto seja construído historicamente, o Regionalismo é, para Candido (1975), por esse motivo também, ambíguo, tendo em vista a forma como foi pensado e como de fato conseguiu ser concretizado por meio da literatura. O escritor se via preso a uma realidade com a qual convivia, ou a que facilmente tinha acesso, referências, mas da qual se afastava ao assumir o viés artístico, ao fantasiar as cenas que entravam em paradoxo.

Nesse sentido, a busca a que se propõe é a evidência dessa caracterização regionalista em uma obra pouco conhecida, inclusive nos meios literários, de modo a verificar a pertinência do repertório lexical à comunidade cearense. Essa especificidade de estilo literário imbrica-se no viés linguístico a que se destina este estudo e os pontos de convergência darão margem para a comprovação do caráter cultural e dialetológico que serão desdobrados em áreas como a lexicologia e a lexicografia, cujas bases serão consideradas para alicerçar esta pesquisa.

Dessa forma, a compreensão do léxico, como algo que é diretamente associado aos falantes de uma língua, permite a concordância à percepção de Vilela (1979), para quem, em meio a distintas definições do termo, denota um sentido que vincula as unidades da língua a uma representação extralinguística, que funcionam como referentes para o falante/ouvinte. Concomitante a essa caracterização, é oportuno também ressaltar a dificuldade de trabalhar com um assunto não exaustivo e que exige, dentro das possibilidades, uma delimitação para estudo.

Considerando, pois, a referência de Vilalva e Silvestre (2014) no que diz respeito à identificação do léxico, reconhece-se que este tem uma carga abstrata que se constitui à medida que o falante está inserido em uma sociedade e partilha com ela evidências de uma língua contemporânea, mas também de outros tempos, e que o levam a constituir a sua experiência linguística compartilhada em um dado espaço geográfico.

Embora assim se configure, vale ressaltar o quanto as escolhas lexicais dos falantes não se dão de forma aleatória, já que suas combinações, associações e/ou permutas coadunam com o que se conhece como convenção social, o que não é pré-selecionado pelo indivíduo, mas que, para Biderman (1978), ao passo que dá a falsa ideia de liberdade, permite distinguir as pessoas e suas caracterizações, por mais diversas que sejam.

A seleção, portanto, da obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, para *corpus* dessa pesquisa, parte da pertinência regionalista verificada por meio da manifestação linguística, que conta com expressões, vocábulos e outras representações, que serão apresentadas posteriormente e que marcam culturalmente a região cearense. Além disso, a autora em questão, ainda que às margens da literatura nacionalmente conhecida, teve importante repercussão no século XIX, reconhecida pela crítica literária, considerando não somente seu estilo de linguagem, mas também em virtude das temáticas sobre as quais discorria, como a defesa pela mulher e pelas ações de caráter abolicionista, apesar de ser do gênero feminino.

Ainda que tenha participado ativamente em causas do Ceará, por meio da Literatura, não são comuns pesquisas sobre a autora Emília Freitas e sua obra em questão, já que as outras, *O Renegado* e *Canções do Lar*, não são encontradas para compra e/ou acesso gratuito, o que limita o aprofundamento ao *corpus* deste projeto. As pesquisas existentes acerca da autora/obra se restringem, em sua maioria, à apreciação de caráter literário. Este fato, portanto, explicita uma lacuna que mostra ser possível um desdobramento de viés linguístico, cujo aproveitamento ponha em destaque o regionalismo identificado nas lexias e como ele impacta em outras linhas de análise, como a lexicologia, a lexicografia e a dialetologia, além de reforçar a justificativa deste intento.

É sob este prisma que a análise aqui delimitada procura pôr em destaque, dentro do universo não exaustivo do léxico, as lexias de caráter regional enunciadas na obra e que possibilitem compreender a ocorrência linguística vinculada ao espaço geográfico em que um povo se situa, o que torna indispensável o estudo pautado nas considerações também da dialetologia. Nesse sentido, a correspondência lexical à ambientação geográfica revela as facetas de uma comunidade, caracterizada por lexias peculiares que dão forma a objetos, especificam os homens e/ou as ações destes, bem como aludem à fauna, à flora, dentre outras

evidências que coadunam e se interseccionam com áreas afins e que permitem entrever o social, o cultural, o histórico por meio da língua.

Assim, a seleção da obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, se justifica pela possibilidade de identificação dos pontos expostos anteriormente, o que leva também à apreciação linguística em uma perspectiva léxico-semântica, frente à qual são utilizados embasamentos da lexicografia a fim de estruturar melhor as acepções das lexias depreendidas, comparando-as quanto ao que consta dicionarizado ou não. Nesse prisma, novas referências linguísticas poderão ser depreendidas da esfera literária e endossarão o interesse nesta pesquisa, ao passo que contemplarão também o léxico regionalista cearense, constituindo importantes elementos culturais e sociais de um povo.

Quanto a essa abordagem, pontua-se também o interesse em realizar agrupamentos admissíveis em campos lexicais, pautado na teoria de Coseriu (1981b), que vê as lexias como possíveis de organização estruturada e que, ao mesmo tempo em que se interligam, por pontos comuns associados entre si, se diferenciam por características distintivas e que admitem reorganizá-las dentro de estruturas delimitadas.

Embora não seja um trabalho de fácil estruturação, o que reforça a abertura do léxico como um todo, não impede que se especifiquem as vias de análise, ao passo em que se buscam os parâmetros e as relações formais que favorecem a associação de uma dada representação linguística a um significado, construindo uma rede semântica que também valide a perspectiva regional evidenciada pelo léxico.

No tocante à obra *A Rainha do Ignoto* como objeto de análise e/ou à autora propriamente dita, faz-se importante a socialização de alguns dos trabalhos desenvolvidos, de modo a enfatizar os direcionamentos dados até então acerca do *corpus*, e de como algumas apreciações reforçam a caracterização que será tomada nesta pesquisa em uma perspectiva linguística.

Numa amostragem frente ao que se produziu, academicamente, em uma estruturação cujo viés não é linguístico, destacam-se exemplos como os trabalhos de Oliveira (2007), Silva (2003, 2010), Lopes (2018), Alberti e Furuzato (2020) e Santos (2020) que figuram em postagens com fins diversos e em áreas afins à literatura, mas nenhum com referência de apreciação linguística nem similar à proposta nesta pesquisa.

Em Oliveira (2007), o trabalho versa sobre a biografia e a produção da autora, configurando um importante construto que justifica as escolhas de Emília Freitas, sua preocupação em discorrer sobre determinada temática, além dos recursos utilizados para isso. Destaca-se a peculiaridade regionalista que também é sobressalente no trabalho, inclusive

quanto aos aspectos linguísticos que particularizam a região, mas que são tomados rapidamente a fim de caracterizar a obra como um todo.

Em Silva (2003), embora pertença à área de História Social, elenca-se um panorama de representação feminina e como esta pôde ser símbolo de resistência frente a um contexto de submissão ao homem ainda imposto no século de construção da obra. Chamam a atenção as evidências, embora superficiais, de como o regionalismo e a linguagem concorreram para a prática de inversão de valores de como a mulher era vista e de como ela se fazia perceber a partir da leitura de Emília Freitas.

Lopes (2018), por sua vez, traz, em sua proposição, um estudo de ordem comparativa com o canônico, voltado também à apreciação do gênero fantástico, ao passo que confirma o teor de relevância da obra e do estilo pioneiro exposto pela autora, outrora apresentado ao longo da justificativa deste estudo.

No que diz respeito ao trabalho de Silva (2010), elenca-se aqui a pesquisa justamente em virtude de como os registros da autora expressam aspectos de ordem cultural, social e regional, que remetem a um contexto de abordagem etnolinguística, ao mesmo tempo em que o regionalismo ganha espaço e é associado, mormente, à ambientação, embora também não contemple o viés linguístico.

Alberti e Furuzato (2020) destacam Emília Freitas em conformidade com o gênero literário sobre o qual sua obra se estrutura. A análise do livro se concretiza sob o ângulo da narrativa fantástica e como os excertos comprovam esse estilo e se associam ao contexto histórico da época, o que também não se mostra equidistante da pesquisa que se propõe ao atender para o fato de que esse panorama apresentado, escolhido com um propósito pela autora, serve de palco para as identificações que se busca fazer, no entanto, linguisticamente. Interessante pontuar também que a referida pesquisa é da área de História Literária.

Por fim, em Santos (2020), de modo similar, o que se põe em pauta é o gênero fantástico e como a narrativa se configura de forma a apresentar um contexto diferente ao que se trabalhava na época e como isso serve para representação cearense, mas sob uma tônica ímpar, o que também reflete a ambientação e, conseqüentemente, a vertente que não é destacada nesta proposta, mas será alvo do trabalho, pela perspectiva dialetológica.

Tais perspectivas, pois, não contemplam o caráter linguístico a que se destina esta discussão, sendo pertinente o estudo na referida obra, dadas as análises possíveis e as contribuições inerentes às áreas de apreciação. De modo a melhor expor as áreas com que dialoga a pesquisa, e frente às quais encontram-se pontos similares em outros estudos, mas com

escopos distintos, algumas referências serão apresentadas que apoiarão a justificativa e a relevância deste trabalho.

Nesta conjuntura, portanto, a língua é analisada sob um prisma de heterogeneidade que reflete em estudos contextualizados, em que se pode depreendê-la como um sistema complexo, mas que ao mesmo tempo é útil à comunidade falante. Apreciar e compreender essas estruturas específicas de determinada região endossa a perspectiva a que se detém, na evidência de explicitar como são vistas as lexias que se busca identificar e categorizar.

Trazendo à tona os trabalhos que versam sobre as lexias depreendidas de *corpus* literário, em uma abordagem léxico-semântica, a maioria das indicações ratifica o exposto no início deste tópico quanto à seleção de obras cujos autores já são referências clássicas e prototípicas do estilo regionalista. Amparados pela base lexicológica, lexicográfica, sociolinguística, dialetológica e semântica, em sua maioria comuns a esta abordagem, os trabalhos a seguir ilustram o aspecto léxico-semântica a partir das impressões regionalistas identificadas em obras literárias: *O vocabulário alencariano de O Sertanejo: uma análise léxico-semântica*, de Queiroz (2006); *O vocabulário regional da obra menino de engenho de José Lins do Rego*, de Gama e Queiroz (2012); *A linguagem regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz*, de Souza (2013); *Expressões regionais populares em 'O Quinze' de Rachel de Queiroz*, de Aragão (2016); *Linguagem regional/popular em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: uma perspectiva etno-sociolinguística*, de Pontes (2017); *O vocabulário regional do escritor Ariano Suassuna na obra Farsa da Boa Preguiça*, de Oliveira e Aragão (2018); *O léxico regional/popular de Graciliano Ramos em Caetés, São Bernardo e Vidas Secas: uma análise léxico-semântica*, de Marinho (2018); *A linguagem regional popular de José Lins do Rego*, de Aragão (2020a).

Em Queiroz (2006), a autora verifica os aspectos do léxico, limitados à ocorrência de substantivos associados à fauna e à flora na obra de José de Alencar, recorrendo ao embasamento teórico da lexicologia e da lexicografia, ao mesmo tempo que estabelece associações com as particularidades étnicas e geográficas. Essa perspectiva traz, notoriamente, a identificação do léxico com a ambientação em que a história transcorre, a partir dos quais se depreendem os valores semânticos intrínsecos à região, fato com o qual coaduna esta pesquisa.

Em Gama e Queiroz (2012), as autoras constroem uma fundamentação conceitual da lexicologia, *a priori*, até enveredar pela obra *Menino de Engenho* (1932), por meio de um estudo sincrônico, cujo *corpus* da pesquisa põe em evidência os planos diafásicos, diastráticos e diatópicos da variação. Os estudos realizados por Pontes (2017) e Aragão (2020a) são análogos aos já mencionados quanto a essa identidade linguístico-cultural de um povo,

expressas aqui, de forma mais enfática, nas obras literárias paraibanas, cujo foco recai nos livros de José Lins do Rego, frente aos quais lançam mão de referências da Dialectologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística, como ciências que veem o léxico cotejado à região a que o falante pertence.

Souza (2013), em uma análise com o mesmo viés, mas com o *corpus* distinto, assim como Aragão (2016), traz uma abordagem de apreciação que se volta às obras de Rachel de Queiroz, com pressupostos teóricos que enfatizam a interseção entre língua, cultura e sociedade, tencionando o reconhecimento de formação e representação do léxico como resultado também da relação, a que a etnolinguística toma como objeto de estudo.

Oliveira e Aragão (2018), de modo correlato, trabalham com Ariano Suassuna a partir da obra *Farsa da Boa Preguiça* (1961), em que se destaca o léxico regional nordestino e, igualmente às outras, o cenário sendo representado pelas referências sociais e culturais, depreendidas pelas lexias selecionadas. A confluência nordestina ao vocabulário do povo marca a realidade dos personagens e das pessoas que ali residem, o que leva esse tipo de estudo a uma descoberta de valores que não se restringem à língua, mas contemplam os traços da história, do social, das condições econômicas, do limite geográfico, dentre outros fatores que são possíveis de análise a partir do teor linguístico.

Com o intuito de elaborar um glossário do léxico regional/popular de Graciliano Ramos, Marinho (2018) envereda pelos pressupostos teóricos da Lexicologia, da Lexicografia dialetal, da Dialectologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística, cujas abordagens se mostram articuladas à comprovação da relação língua, cultura e sociedade. Além disso, a autora destaca a importância do estudo no tocante à representação nordestina e à propagação de valores de ordem cultural e linguística, possibilitadas pela austeridade com que o referido autor consegue imprimir no seu estilo de escrita.

Esses prismas e desdobramentos elencados acerca dessas pesquisas, embora não tenham como *corpus* a obra a que se propõe analisar, ensejam o reconhecimento da relevância e da necessidade de estudos que vinculam ao léxico caracterizações para além da língua propriamente dita. Em adição às considerações que justificam a pesquisa, já elencadas ao longo deste tópico, destaca-se como principal lacuna nos estudos apontados até então, não somente a abordagem do léxico na perspectiva que utiliza os embasamentos teóricos que, em sua maioria serão também de base para a atual pesquisa, mas também o fato de que não se limitam à construção do glossário da autora Emília Freitas, assim como a forma de organização e exibição dos glossários produzidos.

Paralelo ao trabalho de construção de glossário da referida escritora no que diz respeito à obra publicada em sua primeira edição no século XX, direciona-se o estudo para a elaboração também de outra forma de exibição do glossário pautado na Teoria dos Campos Lexicais de Eugenio Coseriu (1981b), de modo a facilitar as associações possíveis das lexias selecionadas para a análise aos referenciais que demarcam a regionalidade cearense.

Nesse sentido, ao trazer à tona estudos que enveredam pela Teoria dos Campos Lexicais, observa-se que parte deles assume a perspectiva do referido autor, que serve de aporte maior neste estudo; mas outros assumem diferentes teorias dos campos, como a de Horst Geckeler (1976) ou mesmo a de Stephen Ulmann (1964). Além dessa diferença teórica, aponta-se a forma como o trabalho é organizado, nos quais, em sua maioria, é perceptível que os pesquisadores selecionam já, *a priori*, um campo lexical específico que demarca as lexias que serão selecionadas ao longo da obra. Essa disposição é diferente da perspectiva aqui tomada, uma vez que as lexias dão espaço para a posterior organização dos campos lexicais, o que, conseqüentemente, exige uma delimitação também, mas no que diz respeito à categorização das lexias e que são exemplificadas e aprofundadas na metodologia deste trabalho.

Outros estudos até abordaram um panorama maior de seleção das lexias, no tocante às manifestações culturais-sociais, em uma determinada região, o que se assimila a este estudo, no entanto, definiram o campo lexical ao gênero textual que analisavam como *corpus*. De forma a melhor exemplificar as pesquisas que se mostram complementares a que se desenvolve acerca da obra *A Rainha do Ignoto*, mas que também se diferenciam dela em virtude das lacunas elencadas, explicita-se algumas a seguir.

Em Abbade (2004), a autora constrói um trabalho de apreciação lexical partindo de um manuscrito da culinária portuguesa medieval, um livro de cozinha, no qual depreende as lexias associadas ao campo lexical peculiar à produção de receitas, à cozinha, que passou a ser organizado, posteriormente, em macrocampos e microcampos de acordo com o que a Teoria dos Campos Lexicais permite estabelecer.

De modo análogo à pesquisa anterior, Santos (2017) também articula seu estudo ao campo lexical *cozinha*, mas analisa as lexias extraídas do *Receituário Setecentista de Frei Manuel de Santa Teresa* a partir do qual constrói também os macrocampos, microcampos e ainda os possíveis subcampos em conformidade com o que as lexias admitem associar como pontos de convergência e/ou divergência e com eles estrutura o glossário da obra.

Outra proposição acerca de construção de glossário, partindo dos campos lexicais estruturados, é o estudo de Nunes (2014), em que a autora também propõe um campo lexical restrito, *violência*, e dele elenca um macrocampo que é analisado em consequentes

microcampos e subcampos. Nesse trabalho, a pesquisadora também lança mão da Teoria de Coseriu e utiliza como *corpus* os *Autos de Querela* do século XIX, já que o intuito é abordar a terminografia e como esta área contribui para a compreensão dos estudos do léxico.

Menciona-se, ademais, o estudo de Leonel (2000), que remete, igualmente, à apreciação do léxico sob a ótica da teoria dos campos lexicais, para a qual utiliza como aporte teórico as propostas de Horst Geckeler (1976) e de Lyons (1987), complementando uma à outra à medida em que recorre às bases da lexicologia e da lexicografia para a construção de um glossário, partindo da obra *Grande Sertão-Veredas*, de Guimarães Rosa. No trabalho a que se alude, a autora aborda, mormente, a relação entre *faca* e *armas brancas*, objetos tomados como um campo lexical que torna possível o desdobramento dos outros que são depreendidos da obra em análise.

Assim, com base no exposto, o que se sobressai é a tendência à particularização do léxico, dada de forma precedente à seleção das lexias para análise. Isso torna o universo de referência cultural, social, histórica ou política, por exemplo, também restrito, pois o pesquisador já antevê quais aspectos semânticos serão tratados e em qual ambientação isso é mais frequente. Embora coadunem com o foco da presente pesquisa quanto à elaboração do glossário, considerando também a construção de campos lexicais, propõe-se uma delimitação posterior à seleção das lexias, de modo a verificar quais campos são mais recorrentes e, por conseguinte, remetem ao caráter regional do Estado do Ceará, dados a origem e o cenário da obra.

Mediante o contexto apresentado, este estudo evidencia uma especificidade linguística considerável para análise, dados o reconhecimento e a caracterização identitário-cultural de um povo, bem como as marcas espaciais denotadas pelas lexias regionalistas e que mostram como a língua torna possível a cristalização de referências extralinguísticas por parte dos falantes, à medida que também se reafirma em um contexto social como caracterizadora deste.

Desse modo, este trabalho identifica a seguinte problemática: quais campos lexicais se mostram mais pertinentes para a composição de glossário regional-popular, considerando a identificação das lexias regionais simples, complexas e textuais na obra em pauta? Ponderando a temática em discussão por Emília Freitas, a hipótese elencada é a de que a obra em análise traz à tona, de forma mais enfática, os campos lexicais que remetem à *representação feminina; ações/comportamentos do homem; objetos diversos* (caracterizadores do espaço; instrumentos de uso corriqueiro; objetos de uso pessoal); *fauna; flora; cultura local*. Tais campos contemplam, pois, a regionalidade com que se caracterizam os termos a compor o glossário.

Mediante o exposto, apresenta-se, como objetivo geral, analisar as lexias de cunho regional presentes na obra *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas, em destaque aos aspectos semânticos da linguagem popular cearense e à representação daquelas em campos lexicais preponderantes. Frente a isso, estabelece-se, como objetivos específicos, identificar as lexias simples, complexas e textuais próprias da linguagem regional cearense na obra *A Rainha do Ignoto*; examinar pertinência regionalista nas lexias identificadas na obra em consonância com o espaço geográfico cearense; verificar a relação léxico-semântica depreendida a partir das lexias identificadas em paralelo com o sentido dicionarizado; e associar as lexias a campos lexicais específicos a partir dos quais seja possível o reconhecimento da caracterização regionalista cearense.

A proposta da pesquisa, conforme o que se expôs, procura atender às seguintes indagações:

- a) em verificação às lexias na obra, quais das classificações se mostram mais recorrentes e endossam a perspectiva regionalista cearense?
- b) considerando as lexias selecionadas para análise, a quais caracterizações dialetológicas elas remetem?
- c) ao realizar análise de caráter léxico-semântico em comparativo com os dicionários populares e os da língua, observa-se, quantitativamente, lexias cujas acepções já estão dicionarizadas ou sentidos prototípicos à autora?
- d) considerando as lexias selecionadas para agrupamentos em campos lexicais, são identificáveis fenômenos culturais, sociais, históricos e/ou referenciais dos costumes/comportamento do homem cearense que favoreçam a associação léxico-regional em conformidade com a Teoria dos Campos Lexicais?

Os referidos questionamentos têm como hipóteses estruturadas:

- a) em conformidade com a caracterização de cada lexia a identificar, a autora apresenta seleções lexicais regionalistas principalmente pelas simples, seguidas das textuais e, por último, das complexas;
- b) as escolhas regionalistas da autora evidenciam o uso linguístico caracterizador dos falares regionais do Ceará, manifestados por lexias que remetem à cultura; a comportamentos/ações locais; à fauna; à flora; a objetos de uso pessoal/profissional, dentre outros;
- c) embora traga um repertório linguístico com evidências prototípicas ao seu estilo e à interpretação específica, a autora faz uso, em sua maioria, de lexias cujo valor semântico já se encontra dicionarizado;

d) de posse das lexias simples para análise quanto ao agrupamento, estas serão organizadas de modo a contemplar um campo lexical cuja relação associativa entre elas permita identificá-las dentro desse universo comum, ao passo que se diferenciam de outros campos organizados, mas que, ao todo, coadunam com a representação regional cearense.

Ademais, será possível, para outros pesquisadores e admiradores da área, encontrar referências contextuais à linguística, distintas das elocuições outrora apresentadas, assim como ressignificar os traços regionalistas cearenses, fundamentados na Dialetologia; a correlação língua, cultura e sociedade, cujas evidências dos campos lexicais, em apreciação, possibilitam a identificação; e os vieses da Lexicologia e da Lexicografia que apoiarão a análise léxico-semântica desta proposta.

Para tal intento, este trabalho está estruturado em seis capítulos, sendo o primeiro representado por esta introdução que versa sobre uma contextualização mais ampla do corpo do estudo, com os elementos gerais que norteiam a pesquisa. O segundo capítulo se volta à fundamentação teórica, em que se discorre acerca das bases que sustentam a pesquisa, como os principais teóricos, conceituações e perspectivas de análise.

O terceiro capítulo, por sua vez, traz a metodologia selecionada para apreciação do *corpus*, delimitação da abordagem, critérios de análise e estruturação do glossário, bem como as ferramentas utilizadas para a organização/apresentação daquele, em consonância com o aparato teórico exposto no capítulo dois.

No quarto capítulo, será feita a apresentação do glossário propriamente dito, com sua estruturação em macrocampos, microcampos e subcampos, organizado em ordem alfabética, de modo a facilitar a identificação e o acesso por parte do consulente. A referida organização facilitará a associação pretendida neste trabalho das lexias aos seus respectivos campos lexicais e o conseqüente reconhecimento do caráter regional elencado.

O quinto capítulo versa sobre a análise dos resultados, sobre a qual se tece uma discussão com comparativos entre as acepções dicionarizadas ou não, bem como aspectos quantitativos e de ordem qualitativa que permitiram a composição do glossário, a estruturação em campos lexicais, bem como a correspondência ou não com as hipóteses apontadas.

O sexto capítulo traz as considerações finais do estudo, em que se elencam as associações das lexias obtidas em paralelo com os objetivos da pesquisa, de forma a verificar os dados levantados, assim como as reflexões cabíveis dentro dos campos lexicais construídos e as possibilidades de estudo a desenvolver acerca da temática e do *corpus* propostos na perspectiva linguística. Por fim, anseia-se que a propagação dos estudos da língua, em

caracterização regional, permita o reconhecimento cultural e social, por meio do léxico, de um povo que se vê ainda marginalizado, ao mesmo tempo em que se contempla uma obra esquecida, mas rica de aspectos a aprofundar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As ciências do léxico

Compreender a língua e as suas facetas sempre está envolto em um prisma de enumerados conceitos, teorias e exemplificações que tendem, de forma acertada ou não, a destacar o que o pesquisador em dado momento busca comprovar. Apropriar-se do léxico como um elemento comum dentro da linguística é desconsiderar a amplitude de possibilidades de estudos advindos dele. Nesse sentido, o embasamento em áreas que o tomam em diferentes vieses é pertinente para que o dinamismo da língua e o seu caráter representativo sejam postos em pauta. Considerando, pois, a Lexicologia e a Lexicografia como pontos basilares desta discussão, cabe aqui explicitá-las.

2.1.1 *Lexicologia e alguns desdobramentos*

A lexicologia, como um campo de estudo da linguística, se debruça sobre o léxico, atentando-se para as distintas abordagens que são possíveis de realizar a partir deste, das suas representações e circunstâncias. Na ciência de que a língua se molda ou se constitui à medida em que se enuncia e em que o interlocutor capta a intenção do falante, denota-se o quão significativas sejam as escolhas lexicais, a fim de evitar que sejam mal interpretadas, confusas e/ou ambíguas.

Definida por Coseriu (1979, p. 111), a lexicologia assume os estudos da “[...] estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade receptiva.” O léxico é apreciado, por isso, em organizações diversas, não havendo uma delimitação apropriada quanto às óticas possíveis de abordá-lo, seja em construções advindas do uso social, seja do cultural.

É, assim, nesse viés, que os estudos e as teorias da lexicologia são tomados por outras áreas a fim de elucidar determinadas construções ou servir de escopo para posteriores apontamentos. Como uma ciência que se preocupa com as questões sociais, seu objeto de análise não é apreciado sem que se denotem as relações estruturais do próprio léxico, o que requer a delimitação do estudo quanto ao que de fato se quer buscar.

Alguns teóricos aproximam-se quanto às definições à referida área, interrelacionando-a a outras, como a lexicografia, a semântica, em virtude das aproximações nos estudos e de como os elementos são averiguados. Outros estudiosos, todavia, já não

concebem a lexicologia sem a lexicografia, também pela interação perceptível entre as pesquisas, assim como apreciação da estrutura e do valor semântico do léxico.

Por relacionar-se com diferentes áreas, os estudos lexicológicos não se restringem somente à concepção de léxico, mas tomam também a representação da palavra, abordagens etimológicas, em busca de descrever e apreciar o fato linguístico. Nesse sentido, Lewandowski (1995, p. 209) define a lexicologia como:

Doutrina do estudo do vocabulário ou do léxico de uma língua, a descrição de sua estrutura; a doutrina da palavra e o vocabulário, o subsistema léxico da língua, sua articulação e sua mudança. O objeto principal da lexicologia é a palavra como elemento do vocabulário.

O estudo do sistema linguístico é concebido de modo a entender como o léxico se desenvolve, se relaciona com as demais formas e muda em decorrência das necessidades comunicativas do falante. Nessa conjuntura, aqui se sobressai a relação língua e sociedade e, conseqüentemente, as variações linguísticas que se mostram nos vocabulários e nas adaptações lexicais.

A lexicologia se configura, pois, como importante área de apreciação do léxico, do limite deste, seus significados e estruturação. Embora hoje tenha toda essa referência e destaque, o percurso para o título de ciência se deu de forma lenta e complexa. Conforme Orsi (2012), os primeiros estudos que mostraram indícios dessa natureza de análise são atribuídos a Panini, com a gramática do sânscrito, no século IV a. C., na Índia. Depois disso, outros estudos comparativos com itens lexicais e tentativas de uma pormenorização descritiva foram aprimorando as necessidades sociais quanto à estruturação da língua e encaminhando para o surgimento da ciência lexicológica, que se concretiza efetivamente no século XIX.

O fortalecimento das reflexões da área foi crucial com as investigações de Matoré (1953, p. 50), para quem a Lexicologia é “[...] uma disciplina sociológica que utiliza o material linguístico: as palavras.” Depreende-se, desse conceito, o estreitamento social que se vincula à língua e como esta é determinada pelas relações socioculturais. Tais associações permitem à Lexicologia considerar o léxico não apenas na sua representação morfológica, mas também nos vieses sintáticos, fonético-fonológicos, discursivos e, principalmente, semânticos.

A lexicologia também contempla, dada a inexistência de uma teoria específica para limitar a estrutura do léxico, a análise funcional deste, denominada de lexemática. Apresentada por teóricos de grande renome, recorre-se a Coseriu (1981b) que, de forma mais lógica, expôs o objeto de estudo desse modelo, mediante o qual a apreciação é feita a nível de língua e o

léxico ganha significação própria, independentemente dos aspectos sintáticos e/ou semânticos universais.

Nessa apreciação, diversos pontos são analisados de modo a convergirem para aqueles que, realmente, sirvam para referenciar o léxico somente na sua estruturação, desvinculando-se, por exemplo, questões de ordem extralinguística; diacrônica; variações, sejam estas, diatópicas, diastráticas, sejam diafásicas; plano de discurso. Frente a essas considerações distintivas a que se precisa delimitar para o tratamento estrutural do léxico, Coseriu (1981b) tece algumas críticas quanto à abordagem da Lexicologia, ao passo que esta costuma tomar os significados linguísticos em correlação às evidências extralinguísticas, o que causa confusão entre os termos.

Quanto a isso, o autor lança mão de um comparativo com a gramática, ao passo que considera esta como realmente estrutural, enquanto a Lexicologia se mostra distante dessa organização coerente, tendo em vista a forma como concebe as noções de significado, associado ao conteúdo linguístico, e às de designados, vinculados à realidade extralinguística. Nesse sentido, a área interliga a realidade propriamente dita às palavras, e não o inverso, o que distancia suas intenções da estruturação linguística.

Essas divergências no que diz respeito ao encontro da Lexicologia com a via estrutural estão relacionadas, por um lado, à própria definição da área, como a ligação do plano de expressão ao plano de conteúdo; por outro lado, à já mencionada associação significado linguístico-realidade extralinguística; e também, por fim, ao comparativo da área à gramática, sendo que as duas são distintas e com caracterizações que lhes são peculiares.

Em exemplos para justificar essa relação entre conteúdo linguístico e realidade extralinguística pela Lexicologia, Coseriu (1981b) traz o questionamento acerca de como seria chamada a árvore em alemão,

[...] o que implica que se considera o léxico como um sistema de nomenclatura já dada –, em lugar de perguntar qual palavra ou quais palavras alemãs *correspondem* à palavra espanhola *árvore* e em quais oposições específicas essa palavra ou essas palavras funcionam nessa outra língua.² (COSERIU, 1981b, p. 19, TRADUÇÃO NOSSA, GRIFOS DO AUTOR).

Isto posto, verifica-se que há uma tendência de vincular expressão e conteúdo ao léxico, o que não favorece o tratamento linguístico que deve ser dado a ele. Caberiam questionamentos que pusessem em pauta a referência linguística em si e quais correspondências

² “[...] lo que implica que se considera el léxico como un sistema de nomenclatura ya dada –, em lugar de perguntar qué palabra o qué palabras alemanas *corresponden* a la palabra española *árbol* y em qué oposiciones específicas esta palabra o estas palabras funcionan en esa outra lengua.” (COSERIU, 1981b, p. 19, GRIFOS DO AUTOR)

ela evoca, e não o tratamento conjunto que se evidencia entre expressão e conteúdo, que correlaciona realidade extralinguística ao conteúdo linguístico.

No que diz respeito à área acerca do tratamento analítico dado às palavras, Ullmann (1964) enfatiza o importante papel que aquelas desempenham e como a Lexicologia se configura como um ramo que se encarrega de examiná-los. Nesse sentido, não se limitam as análises às formas livres³, consideradas como independentes, mas contemplam todas as formas mínimas significativas, a partir das quais se torna possível conhecer a formação das palavras e suas relações semânticas.

Para isso, pois, a área é associada à morfologia, mas também à sintaxe, à medida em que se verificam as relações entre formas, outrora livres, ou entre livres e dependentes, ou mesmo independentes, que se mostram, posteriormente, como novas composições cujas substâncias precisam ser bem investigadas. O autor enfatiza também o desdobramento possível de análise da palavra quanto à etimologia, disciplina que se apresenta no ramo lexicológico, mas que não será tratada neste estudo.

De todo modo, enfatiza-se a ligação que a Lexicologia tem com a semântica e como o estudo do léxico conflui para a compreensão dos significados que compõem as formas linguísticas, assim como o limite que se impõe sobre as diferentes composições das palavras e que norteia as análises.

No tocante à Lexicologia quanto à apreciação do próprio léxico em suas relações internas, como elemento significativo, cujas unidades são passíveis de análise e se estruturam de formas variadas à medida que atendem ao objetivo com que foram sistematizadas, salienta-se a diversidade de conceitos empregados. Esses conceitos, que atendem ao panorama com que são enxergados, são envoltos em definições, como as de Villalva e Silvestre (2014, p. 76), que “Para além das palavras, [consideram] como unidades lexicais todos os seus constituintes”. Tal afirmativa permite a interpretação de que os autores coadunam com a perspectiva mencionada anteriormente, assim como veem, por meio da palavra, a possibilidade de apropriação de todas as informações que lhe são inerentes através da própria constituição formal.

A análise, portanto, das estruturas básicas do léxico facilitará a apreensão de suas unidades e os estudos prospectivos numa ambientação especificada. Ainda assim, salienta-se que esta pesquisa tem como proposta a averiguação da palavra⁴ como um todo, sem que haja

³ Termo cotado por Leonard Bloomfield (1926), no qual Ullmann se embasa para delimitar/conceituar a palavra e a relação desta com a semântica, que corresponde à possibilidade de existência isolada da palavra.

⁴ Embora apresentada até então como equivalente ao que se pretende analisar (lexias), no subitem 2.1.2, se discute a distinção entre termos que são tratados, aparentemente, como sinônimos.

processos de análise mórfica, sintática ou fonológica propriamente dita, mas apreciação que permitam a abordagem léxico-semântica.

Consequentemente, a compreensão de que as construções linguísticas implicam interpretações associadas aos falantes em uma dada situação, além de estarem correlacionadas a um contexto de uso e/ou a outras unidades lexicais, leva à abordagem das lexias, de como se estruturam e qual valoração apresentam. Tal necessidade se impõe a partir da proposição deste trabalho que remete ao exame das lexias na ambientação literária e que serão apresentadas a seguir.

2.1.2 *Itens lexicais: as lexias*

Associado de forma mais habitual ao vocabulário de uma língua, o léxico ocupa um importante espaço nos estudos linguísticos, permeando áreas mais específicas que passam a lhe atribuir conceitos um tanto diferentes, mas representativos da dinamicidade inerente à língua. Assim, pesquisas que se debruçam sobre as variações linguísticas, sobre a estruturação do sistema da língua, das seleções vocabulares dos falantes, dentre outras especificidades, têm, como objeto de apreciação, o léxico.

Constituindo, pois, um importante elemento de representação social, dadas as escolhas dos falantes para efetivar a comunicação a partir da qual, caracterizam, nomeiam, qualificam, dentre outras ações, o léxico traz, diferentemente de outras áreas da linguística, uma organização cuja complexidade exige uma abordagem cautelosa e pormenorizada.

Segundo Vilela (1979, p. 9):

Por léxico duma língua poder-se-á entender o *dicionário* no duplo sentido de conjunto de palavras dessa língua e a sua inventariação (dicionarística ou lexicográfica), a competência lexical do falante/ouvinte nativo duma língua e, na perspectiva resultante da função representativa da linguagem, o conjunto das unidades léxicas (=as unidades que representam a realidade extralinguística) duma língua.

Nessa perspectiva, nota-se o quão abrangente é o léxico e como seus limites só se estabelecem a depender de qual via ele está sendo analisado, mas que, independentemente disso, representa um conjunto de palavras lexicais significativas em cada ambientação e caracterizador, portanto, de uma dada sociedade que o toma para referenciar, linguisticamente, a cultura, a história, a política, o social.

Para Biderman (1978, p. 139), de modo a corroborar a ênfase dada anteriormente, “O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos.

Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades.” Assim, é em sociedade que o léxico se estabelece, se modifica e se conserva como patrimônio de um povo à medida que este o cria e o molda em conformidade com as necessidades comunicativas e que se intersecciona entre os falantes de dada localidade.

Por mais que constitua elemento aparentemente fácil de averiguação, dadas a correspondência extralinguística e a perspectiva representativa que carrega, o léxico concebe um trabalho de complexo direcionamento, que se justifica não apenas pelas discussões e divergências conceituais, mas também pela delicadeza em segmentar as menores unidades dele.

No que diz respeito a algumas das possíveis associações equivocadas, menciona-se a constante referência à *palavra* como sinônimo de *lexia* ou outros nomes equivalentes, mas que se distinguem entre si, dada a representatividade e/ou função que desempenham. Nesse sentido, vale a distinção entre esses nomes, de modo a deixar claro o objeto de estudo deste trabalho.

A priori, e de forma mais acertada, comunga-se do exposto por Villalva e Silvestre (2014, p. 75) “[...] de que cada domínio da análise linguística tem um diferente entendimento do que é uma palavra.” Assim, a depender da ambientação em que se dá a análise, os termos podem ter diferentes associações ou apresentações correspondentes.

De todo modo, para Biderman (1978, p. 73), “[...] a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante [e o que se apresenta sobre constitui] uma definição de validade universal.” Portanto, como uma primeira definição do termo, a palavra se configura como as representações separadas por um espaço em branco ou enunciadas com a possibilidade de pausa. Para além desta, aponta-se também outra definição que mostra a complexidade desse elemento na análise linguística.

Frente ao questionamento do que seria uma palavra, segundo Ullmann (1964, p. 59), “[...] não há qualquer dificuldade em reconhecer as palavras, e, enquanto escrevo esta página, separo-as umas das outras sem a mais leve hesitação. Mas uma coisa é identificar as palavras, e outra estabelecer os critérios pelos quais elas são identificadas.” Considerando, pois, o universo múltiplo de definições possíveis da palavra e como esta é analisada a depender da linha de abordagem, o estudo torna-se ainda mais desconcertante.

No que diz respeito às unidades que compõem o léxico, antes de tentar defini-las a contento, ressalta-se a problemática voltada à segmentação, a qual se dá em virtude do tratamento com elementos abstratos da língua, que podem ser concretizados no discurso. Biderman (1978) aponta que, muitas vezes, os limites dessas *lexias* são complexos e difíceis de

identificar. Envolve-se, neste plano de percepção, o fato de que algumas lexias já são representativas de valoração unitária, pois estão cristalizadas na mente do falante, embora sejam construídas por mais de um vocábulo. No entanto, dado esse caráter de inconsistência frente às representações, os autores procuram seguir a lógica do código escrito.

Pottier (1975, p. 26-27) define lexia como “unidade lexical memorizada [...], [considerando que o locutor] não constrói [...] combinações no momento em que fala, mas tira o conjunto de sua ‘memória lexical’”. Assim, recorrendo ainda ao autor, são apresentadas as distinções dessas lexias, as quais são tomadas, posteriormente, sob o prisma das categorias, que referenciam os morfemas; da invariabilidade; da estrutura de formação conforme as zonas de ocorrência, que convergem, por sua vez, para as análises sintáticas e semânticas. Ao tratar da estrutura das lexias, são evidenciados os tipos de morfemas que a compõem e como a variação da forma ocorre em paralelo com o significado, em processos de comutação que permitem as novas constituições. Como não há o propósito de exaustividade dessa apreciação estrutural, restringe-se a explanação apenas quanto à divisão primária das lexias, a saber: simples, compostas, complexas estáveis e textuais, que serão foco de apreciação neste trabalho.

Para Biderman (1978, p. 133, grifo do autor), “O termo *lexia simples* será, pois, reservado para as unidades que são grafadas como um único segmento.” Palavras como *sapo*, *homem*, *bonito*, *viajou* exemplificam a conceituação da autora. Compreende-se, a partir disso, que a classe gramatical não limita a exemplificação das lexias simples, podendo esta ocorrer em distintas classes.

Por outro lado, a associação cristalizada como unidade de certas expressões pelo homem também não permitirá abranger *quinta-feira*, *criado-mudo* como exemplares da lexia simples, pois seus elementos constituintes configuram mais de uma representação. Esses casos de complexidade são recorrentes, principalmente em situações de uso de formas que já se consolidaram culturalmente.

Os últimos exemplos, portanto, junto a outros como *bem-vindo*, *couve-flor*, *micro-ondas* constituem casos da lexia composta, já que esta tem em sua composição mais de um elemento. Pottier (1975) não apresenta um elemento claro quanto à distinção desta lexia para a complexa, uma vez que expõe exemplos que contemplam representações similares, como a presença de, no mínimo, dois elementos. No entanto, os modelos de lexia complexa parecem se aproximar mais de uma ideia situacional ou que sejam delimitados mediante outras possibilidades de ocorrência, como “estado de sítio” e “mortalidade infantil”, respectivamente. (POTTIER, 1975, p. 27).

Cabe aqui uma discussão quanto às classificações compostas e complexas apontadas por Pottier (1975), considerando justamente a forma similar com que essas lexias são apresentadas. Para Borba (2003), ao tratar da estrutura mórfica do léxico, as lexias são classificadas apenas como simples e complexas, sendo estas últimas “[...] as que combinam mais de uma forma livre [porta-luvas, mal-me-quer, joão-de-barro], ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa [desconsolo, incontrolável].”

Além disso, o autor evidencia os graus de estruturação e automatização dessas construções, frente às quais destacam-se aqui a “construção fixa”, dado o seu caráter imutável, como em “O cocheiro amarrou a cara e saiu furioso.” e a “oração fixa”, cujo grau de coesão entre os elementos é mais complexo e cuja disposição não pode ser alterada, como no exemplo “É como digo, compadre. Duro com duro não faz bom muro.” (BORBA, 2003, p. 23, grifos do autor). Em ambos os casos é endossado o critério de combinações possíveis na língua, mas, para o caso das orações fixas, embora o autor as considere como “compostos”, as define como “[...] itens lexicais complexos formados por justaposição de formas livres” e que permanecem na classificação como complexas.

Tal posicionamento de Borba (2003) acerca das lexias mostra-se equivalente ao de Biderman (1978), uma vez que a autora também considera as lexias, inicialmente, como classificadas em simples e complexas, ainda que faça menção, como será exposto à frente, às expressões idiomáticas. O que fica desse panorama exposto quanto à classificação das lexias parece trazer à tona uma problemática: o que diferencia essas lexias é a noção de composicionalidade e possibilidades de permuta entre os elementos, mas a gramática traz classificações que põem a ideia de composição em discussão, como nas consideradas palavras compostas.

No que diz respeito a isso, Biderman (1978) lança mão de exemplos que, a seu ver, não deveriam mais ser representadas com hífen, já que, ao longo do tempo, tornaram-se cristalizadas para o falante, sendo facilmente identificáveis no universo extralinguístico, como “terça-feira” e “guarda-chuva”. Por outro lado, palavras também que não são compostas por hífen trazem essa representação, dados os critérios que a autora estabelece como testes para a verificação de compostos indissociáveis, como “dor de cabeça”, “mercado negro”.

Mediante o exposto, tais contradições, pois, para Biderman (1999, p. 92), ocorrem “Em virtude de uma ortografia conservadora e inconsistente, numerosas unidades lexicais já categorizadas como tal no plano do sistema lexical são, contudo, grafadas como se fossem várias unidades, gerando ambiguidade”, conforme os últimos exemplos elencados. Essa inconsistência, portanto, desenvolve outras problemáticas, que serão discutidas no próximo

tópico acerca da Lexicografia. Salienta-se, de antemão, que em virtude das controvérsias, tomar-se-á a classificação defendida por Borba (2003) e por Biderman (1978, 1999), no que diz respeito às lexias compostas e complexas diferenciadas por Pottier (1975), apresentando-as neste trabalho somente como complexas.

Quanto às lexias textuais, Pottier (1978, p. 268-272 *apud* FILHO, 2003, p. 2181) as define “como uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto, como em provérbios, por exemplo.” Esse tipo de construção se vincula aos costumes do falante que permitem formações cujas combinatórias não são tomadas no sentido literal, não se podendo prever a aceção a partir do significado de cada elemento que compõe a expressão.

Biderman (1978) faz uso do valor interpretativo dessas construções, não se depreendendo o sentido com a soma das representações, mas a partir de uma convenção social. Assim, para ela, essa representação lexical não se deixa dividir e está envolta por significados metafóricos. Embora não denomine essas referências como lexias textuais, a autora, ao remeter à ideia das expressões idiomáticas como exemplos, comunga com a perspectiva de outros teóricos para o conceito, como a do próprio Pottier.

Nessa conjuntura, as expressões idiomáticas, tomadas pela fraseologia, são fortes marcas dessa caracterização semântica que predomina frente à valoração de cada unidade lexical que concebe o idiotismo. Não se analisa construções como *Dor de cotovelo*, *Engolir sapos* e *Lágrimas de crocodilo* numa perspectiva denotativa, mas em conformidade com o que socialmente se atribuiu como valor semântico em um dado momento, cabendo-lhes apreciação conotativa. Para Aragão (2010), pertencem a esse universo das lexias textuais também, além dos provérbios, frases e refrões, outras referências que componham modelos vistos sob essa interpretação unitária pelos falantes.

Frente a essas classificações e exemplificações, Biderman (1978) aponta um problema para os pesquisadores, oriundo do processo de computação léxica, ao evidenciar as diferentes lexias com fins estatísticos. Ao fazê-lo, a programação compreende as entradas lexicais de forma específica e aponta-as com essa noção de unidade, quando se tem uma forma textual, o que não permite o alcance do mesmo valor semântico, fato que implica prejuízo para outros pesquisadores ou leitores. Esta e outras problemáticas serão desdobradas no próximo tópico concernente à Lexicografia.

Percebe-se, pois, que os diferentes estudos pertinentes ao léxico somente ratificam a sua amplitude e revelam a não exaustividade do assunto, visto que há a impossibilidade de representá-lo em sua totalidade concomitantemente. Os vieses tomados em diferentes pesquisas

ênfatisam a dinamicidade da língua e como o léxico pode constituir uma representação identitária de um povo.

Nesse sentido, para este trabalho, o *corpus* a analisar será pautado, conforme embasamentos teóricos apontados, nas lexias simples, complexas e textuais, cuja caracterização regionalista seja evidenciada, o que delimitará o universo de apreciação e definirá o objeto de estudo.

2.1.3 Lexicografia

A lexicografia, como uma área que se volta ao registro do léxico, à organização dos termos, é uma das que mais recorrem aos conceitos e às estruturas apresentadas pela lexicologia. A importância de registrar as distintas construções de uma língua repercute na interpretação e na significação, dadas as referências linguísticas, sejam elas escritas, sejam faladas. Nesses estudos, é possível a construção não apenas de dicionários, mas também de glossários, de vocabulários que ampliem a relação de léxico que já é comum à sociedade, dando-lhe, portanto, outras abordagens.

Desse modo, são comuns as análises de palavras que provêm do português popular, já que estas referências evidenciam novas conceituações possíveis a partir da combinação de vocábulos ou de formações idiomáticas que remetam a um contexto de uso e que evocam sentidos distintos. Nessa perspectiva, as produções de atlas linguísticos são exemplos claros, além de abordagens que se embasam no léxico regionalista, evidenciados por músicas, obras literárias, redes sociais ou *corpora* orais.

Em virtude da relação que se estabelece entre Lexicologia e Lexicografia, são comuns as associações a essas áreas, além de discussões complementares que facilitam o caráter descritivo do léxico. A necessidade de ampliação de verbetes para melhor evidência de fatores externos ao sistema, e que influenciam na representação linguística, tem permitido o aprofundamento de estudos e a produção de dicionários que não conseguem lidar, de forma exaustiva, com o leque de referências linguísticas possíveis. Muitas das produções lexicográficas ainda desconsideram as variedades de ordem dialetal, por exemplo, e remetem ao léxico formal, com aplicações nem sempre corriqueiras.

Segundo Lewandowski (1995, p. 208), a lexicografia é:

A doutrina de realização de dicionários, o trabalho de dicionários como aplicação dos conhecimentos lexicológicos e a satisfação das exigências ou necessidades teóricas e práticas; a representação do vocabulário de uma língua, um dialeto, uma especialidade.

Tal processo de estruturação do léxico precisa considerar a língua em suas acepções de uso real, principalmente em abordagens descritivas cujo viés seja sincrônico. O problema quanto a isso, conforme exposto anteriormente, ocorre em virtude da não apreciação das variações linguísticas, ao mesmo tempo que se garanta a objetividade de análise. Esse trabalho descritivo envolveria as relações socioculturais e as distintas situações de uso, o que ampliaria significativamente os documentos lexicográficos e, ainda assim, não contemplaria todo o léxico.

Desse modo, as indicações descritivas dependem muito do intuito do lexicógrafo, quais contextos pretendem ser contemplados e em qual perspectiva o léxico será evidenciado, se em sincronia ou diacronia, por exemplo; se a composição do documento será como um dicionário de línguas ou de termos regionais, dentre outras especificações e classificações possíveis.

Na concepção de Aragão (2010, p. 38):

Pode-se resumir a definição de Lexicografia dizendo que ela é uma tecnologia de tratamento da lexicologia, de compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres.

Nesse sentido, a Lexicografia se ampara na Lexicologia, funcionando como um processo descritivo a partir do qual o tratamento do léxico leva a elaborações de diferentes documentos, como dicionários, glossários, vocabulários, enciclopédias. A organização em cada um desses arquivos segue métodos próprios, conforme viés tomado pelo lexicógrafo, embora se fundamente na atualização lexical, na correlação cultural e nas representações sociais.

Dessa forma, o trabalho do lexicógrafo deve ser melhor sistematizado para que a organização do produto evidencie uma língua não apenas no que diz respeito à sua representação estática, mas como um instrumento que auxilie o falante quanto à utilização do código, à língua em uso.

Para Borba (2003, p. 16):

O mais comum entre os lexicógrafos é descrever o vocabulário com apoio numa teoria que permita dar conta dos vários tipos de relações em que entram os lexemas ou unidades lexicais. Poucos vinculam essa descrição a uma teoria gramatical ou, mais, a uma teoria sintática.

O que se denota, portanto, é que boa parte das produções dicionarísticas limita-se a ser uma espécie de repositório de palavras, desarticulada dos processos de uso das formas linguísticas. Assim, o dicionário que deveria ter um tratamento sintático-semântico dos dados,

se perde quanto à função social que deve ter, tendo em vista a articulação comunicativa, a interação que pode propiciar entre seus usuários.

Desse modo, muitos dos modelos a que se tem acesso são de caracterização abstrata, cuja referência social é quase nula, o que restringe a utilização do produto pelo falante, e com uma carga de cientificidade que não favorece tomá-lo como um guia de uso, mas como recortes da língua em um viés normativo e que é socialmente prestigiado.

Para além disso, menciona-se uma das problemáticas voltadas para a produção de dicionários, considerando a facilidade de acesso que deve apresentar para o usuário, que é o distanciamento ocorrente entre a definição das lexias e a representação real destas, uma vez que a descrição exposta, muitas vezes, traz outras nomenclaturas difíceis de associar, ou são vagas.

Ademais, retomando a dificuldade citada no tópico anterior quanto à abordagem das lexias textuais na ambientação da computação léxica, registra-se, por Biderman (1978, p. 134, grifo do autor), dois tratamentos possíveis, sendo:

[...] a) fragmentar a expressão em seus constituintes gráficos, o que equivaleria a violentar o significado dessa expressão; b) computar a expressão como um todo, o que acarretará o aparecimento de expressões idiomáticas no *index verborum* resultante.

Assim, ao passo que o dicionário precisa facilitar o acesso às informações pelo consulente, o lexicólogo vê-se no impasse quanto à inserção de expressões idiomáticas, já que, por um lado, estaria ferindo um critério semântico, pois uma vez desmembradas as unidades léxicas perdem a acepção original na forma lexicalizada, enquanto a segunda forma traria resultados muito diversos.

Frente a isso, ainda recorrendo à Biderman (1978), a autora expõe que, mediante esse tipo de construção, o comum é que os registros dessas lexias sejam vinculados, como entrada, ao primeiro verbo ou substantivo que a constituem, o que dificulta a consulta. Ressalta-se ainda que o registro ocorre, pelos dicionários de maior renome, com as expressões que são mais utilizadas, fato que limita a propagação de lexias que são conhecidas e de uso comum em algumas regiões específicas.

No tocante às lexias complexas, estas também são apresentadas de formas distintas, havendo casos em que aparecem associadas ao primeiro nome que a compõem, mas outras, cuja forma também é similar, são colocadas como verbetes independentes. Como se verifica, então, o fator que favorece o vínculo ao mesmo verbete? Conforme Biderman (1999), os impasses já surgem da classificação da unidade, ora considerada autônoma, ora subordinada, assim como a imprecisão de quando realmente foi lexicalizada e passou a ter representação nova. Assim,

torna-se incoerente exemplos⁵ como “filho de papai” pertencer ao verbete *filho*, enquanto que “filho da mãe” aparece como entrada isolada, embora as duas construções tenham valores semânticos figurados.

De todo modo, para além dos problemas mencionados, vale salientar que as produções na área da Lexicografia não ficam restritas aos dicionários, mas há também, conforme já apontado, os glossários, tipologia que será utilizada nesta pesquisa. Ainda que sejam diversas as denominações atribuídas para as produções da Lexicografia, há uma organização sistemática que permite tomar como uma das tipologias lexicográficas⁶, o glossário.

De acordo com Aurélio (2010, p. 1036), glossário pode ser definido como:

1. Vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura; elucidário. 2. Dicionário de termos técnicos, científicos, poéticos etc. 3. Vocabulário que figura como apêndice a uma obra, principalmente para elucidação de palavras e expressões regionais ou pouco usadas [...]. 4. Léxico de um autor, que figuram em geral, como apêndice a uma edição crítica [...].

Dentre as definições elencadas, interessa a esta pesquisa, as de números 3 e 4, considerando o intuito de elaboração de construto em que possa ser denotado o léxico de um autor em específico e cuja particularização evoque as palavras e/ou expressões de caráter regionalista, as quais serão selecionadas para a composição.

Ressalta-se, além do que foi exposto até aqui, a título de diferenciação do trabalho a ser desenvolvido na ambientação lexicográfica, a área da Terminologia. Como uma ciência do léxico que também o toma quanto à descrição das unidades linguísticas, a Terminologia é conceituada por Krieger (2005, p. 1) como:

[...] uma área de conhecimentos e de práticas, cujo principal objeto de estudos teóricos e aplicados são os termos técnico-científicos. Em sua face teórica, a Terminologia ocupa-se da descrição da gênese e dos modos de constituição e funcionamento das unidades lexicais especializadas. Estas são assim denominadas porque se constituem e são utilizadas no âmbito de atividades profissionais especializadas, cumprindo a missão de veicularem conceitos próprios de cada área do conhecimento.

Desse modo, denota-se que é uma área que lida com unidades lexicais mais específicas, cujas caracterizações remontem a campos de atuação profissional delimitados pelo pesquisador conforme seu interesse de estudo e trabalho a ser produzido. Ao tratar de um

⁵ Exemplos extraídos do dicionário Aurélio (2010, p. 1537), versão física.

⁶ Segundo Villalva e Silvestre (2014, p. 192) o termo tem sido substituído por “função lexicográfica”, tendo em vista o objetivo com que se utiliza o dicionário.

conhecimento específico, restringem o universo referencial ao passo que partem da formação relacional entre o conceito e o termo, em um viés onomasiológico.

Embora não sejam trabalhos tão profícuos no Brasil, muitos estudos têm sido desenvolvidos a partir do reconhecimento da área e da contribuição científica que oferecem por meio do aprofundamento das pesquisas linguísticas. O tratamento dado na área é voltado aos termos que são explorados na ambientação que se propõe investigar e que exige alguns cuidados por quem os analisa, como questões voltadas aos limites das unidades lexicais em relação com a área.

Tal perspectiva de análise do léxico não se encaixa com a proposta deste trabalho, uma vez que não será feito tratamento de termos específicos dentro da obra em pauta, muito menos serão delimitadas abordagens para depreensão das unidades lexicais no que diz respeito a um campo profissional. Assim, como aporte característico deste estudo, as áreas da Lexicologia e da Lexicografia serão tomadas para o norteamento, a depreensão e o tratamento dos dados.

Em suma, acentua-se, pois, que a Lexicografia se configura como importante referência de falares regionais, termos populares que são caracterizadores de uma comunidade, dos costumes de um povo e que lhes revela muito mais do que a sistematização da língua, mas também o vínculo que se constrói da língua com a cultura, com o espaço social, considerando as produções possíveis na área. Para além disso, há lacunas que ainda vigoram, como a reprodução de métodos que perdura há tempos, e que, assim como antes, constituem-se de metodologias falhas no que diz respeito à representação que carregam, embora, recentemente, o campo já tenha outros estudos desenvolvidos.

2.1.3.1 Estruturação das obras lexicográficas

A produção de obras lexicográficas constitui-se como um trabalho que, dado o volume de informações com que se lida, exige uma perspectiva teórica clara, além de metodologias que melhor atendam ao objetivo a que se propõe o pesquisador. Ciente da dimensão do léxico e da impossibilidade de trabalhos exaustivos na área, ainda que se tente, o lexicógrafo tem, a seu dispor, uma gama de informações que tratam da estrutura e que permitirão o acesso aos dados registrados.

Nesse sentido, as obras costumam ser estruturadas por um conjunto de elementos que são comuns a quase todas as referências, havendo adaptações, retiradas ou acréscimos de informações a depender do viés tomado pelo pesquisador. Assim, para além das ações e análises

que antecedem a estruturação do verbete, esta se dá em conformidade com a taxionomia, a qual se volta para as especificações das classes de palavras.

Conforme Borba (2003, p. 322)

As palavras lexicais organizam-se em matrizes valenciais e as gramaticais, pela natureza das relações que estabelecem. O grau de complexidade de um verbete depende de sua combinatória contextual. O mais simples verbete terá três níveis de informação [...], não é o que predomina. O mais comum é o verbete de quatro/cinco níveis de informação [...]. Uma estrutura completa terá seis níveis de informação [...].

Dessa forma, o que geralmente define o nível em que as lexias serão estruturadas está muito associado à quantidade de acepções que a unidade lexical tem, o que pode exigir mais informações complementares, mas que não torna desorganizada a estrutura, dada a descrição e o apoio teórico que a precedem.

Isto posto, a nominata, definida por Villalva e Silvestre (2014, p. 194) como “[...] a lista de formas-lema que iniciam os verbetes”, pode ser representada por substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, expressões e provérbios. No caso desta pesquisa, a seleção das entradas ocorre em consonância com a caracterização regionalista evidenciada na obra e passa a compor o glossário.

Desse modo, o glossário passa a ter uma representação por paradigma, três referências que passam a estruturá-lo, além, claro, de informações prévias que orientem o consulente acerca do manuseio da obra, como identificação de abreviaturas, notas ou outras informações que sejam pertinentes. Logo, o glossário se estrutura em macroestrutura, medioestrutura e microestrutura.

A primeira diz respeito à apresentação geral da organização, em que se dá a descrição das unidades lexicais, as quais, geralmente, são dispostas em ordem alfabética e compõem as entradas. A entrada, ou ainda palavra-vedete ou também palavra-entrada, no tocante a nossa língua, apresenta-se no infinitivo para as formas verbais; no singular para substantivos; e no masculino singular para os adjetivos, sendo que as indicações das classes e das categorias gramaticais aparecem em forma abreviada e em itálico.

Com os avanços na área da tecnologia, ao comparar os dicionários impressos com os dicionários eletrônicos, estes últimos têm ganhado bastante espaço e inovado quanto à disposição das palavras-entrada e o sistema de busca por parte do consulente, considerando, nesse sentido, associações semânticas, gramaticais, dentre outras. Dentro desse universo, ainda surgem os dicionários específicos, cuja seleção de lexias é restrita, para atender a objetivos delineados previamente, mas também como forma de melhor sistematizar e facilitar o acesso às informações.

A segunda estrutura constitui indicativos de relações que são estabelecidas entre as unidades lexicais, associando distintos elementos no dicionário. Para Polguère (2018, p. 249),

[...] as referências cruzadas, isto é [...] [os] apontadores que partem do artigo de uma determinada lexia e levam conceitualmente a outros artigos de vocábulos ou de lexias [...] são de dois tipos formais: 1. Apontadores explicitamente assinalados [...] e apontadores implícitos [...]. A profusão de apontadores desse tipo contida em cada dicionário de língua forma uma grade complexa de conexões interartigos, à imagem da estrutura da rede lexical da língua escrita.

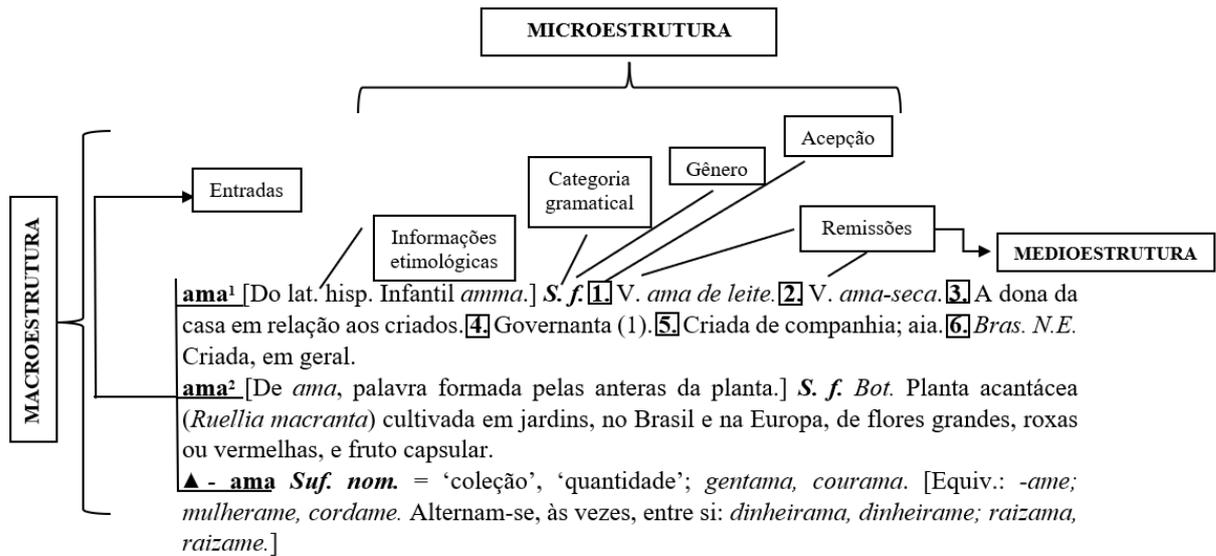
Essa estrutura, também definida como sistema de remissiva, é importante, tendo em vista as identificações possíveis de construir e dadas as relações apresentadas pela rede lexical. Assim, as remissões podem conter informações voltadas às relações semânticas por meio de sinônimos, antônimos, parônimos, hipônimos, hiperônimos. Segundo Barbosa (1989, p. 73), “[...] em qualquer das fases metodológicas, da constituição da macro-estrutura, da micro-estrutura, do sistema de remissivas, a aplicação de relações de significação é fundamental.”, pois permite que se reconheçam as especificidades aos aspectos conceituais das unidades léxicas em análise.

A terceira está vinculada à organização interna de cada entrada, correspondendo às informações propriamente ditas das lexias, em que se denotam os níveis de estruturação. É nesse segundo paradigma que as obras costumam diferir, justamente em virtude dos níveis que expõem. Dentre os elementos que podem compor a microestrutura, têm-se, segundo Borba (2003, p. 323): “[...] a classe, a subclasse, a complementação, o registro de uso, a definição e a abonação.”

Ainda quanto à microestrutura, Barbosa (1989, p. 69) especifica que a estrutura “entrada + enunciado lexicográfico [informações aplicáveis à entrada e definição] denomina-se ‘artigo’”. Em cada enunciado lexicográfico, encontram-se as informações diferenciadas entre uma obra e outra, que a autora esclarece como sendo “macro-paradigmas” que podem ser subdivididos em “micro-paradigmas”, em que se contemplam abreviatura, categoria, acepção, dentre outros elementos a depender do intuito do lexicógrafo.

De forma a melhor esclarecer as referidas estruturas em suas três constituições, os exemplos retirados do dicionário Aurélio (2010, p. 118), no esquema feito na Figura 1, ilustram cada um dos paradigmas expostos.

Figura 1 – Estrutura do glossário



□ Marcação associada ao número de acepções vinculadas à lexia de entrada.

Fonte: Elaborada pela autora.

Pelo esquema apresentado, em uma visão panorâmica, a estruturação remete à macroestrutura, evidenciada pelas palavras-entrada selecionadas para exemplificação dos níveis já expostos. As lexias da entrada, embora se mostrem idênticas quanto à grafia, contemplam especificações que as restringem a blocos separados. Nesse dicionário, a cabeça do verbete⁷ é acompanhada de um índice, número colocado ao lado para assinalar as palavras homógrafas de origens distintas. A última entrada é antecedida por um sinal identificador, cuja marca que a introduz indica um elemento morfológico, de composição.

Acerca da medioestrutura, as remissões destacadas na figura são introduzidas pela abreviatura “V.”, que indica “ver” outro verbete, remetendo a um significado semelhante ou complementar à palavra cujo contexto está sendo pesquisado. Denota-se a relação estabelecida em rede semântica, dada a caracterização das lexias, ao mesmo tempo que conduzem o leitor/consulente para maiores esclarecimentos ou referências dentro da área de pesquisa.

Quanto à microestrutura, por contemplar o detalhamento de cada verbete, apresenta exemplificações diversas, desde a etimologia da entrada às informações concernentes à área em que a palavra-vedete é utilizada, como a rubrica apresentada no exemplo da figura, abreviada e em itálico, e indicativa da região Nordeste, onde a acepção de número seis é utilizada.

Além disso, há ainda, na microestrutura, conforme exposto, informações acerca das categorias gramaticais das entradas, gênero, as acepções em si, também numeradas, para que o

⁷ Termo utilizado no dicionário Aurélio para caracterizar a entrada, a qual também é nomeada no dicionário como “cabeça”. (AURÉLIO, 2010, p. 16)

consultante as distinga, considerando tanto a categoria gramatical quanto as similaridades semânticas entre as definições. Ao final de algumas cabeças de verbete, há exemplos em que o uso é demonstrado, como se percebe no emprego de *ama* como sufixo nas informações dispostas entre colchetes e/ou o seu equivalente *ame*.

Mediante o exposto, portanto, enfatiza-se a possibilidade de mudança dessas estruturas detalhadas, com a presença ou ausência de alguns dos elementos mencionados, assim como a existência de outros, e de como esses recortes e as seleções dependem do intuito do lexicógrafo e qual obra ele está produzindo e para qual público. De todo modo, essas estruturas, quando claras e objetivas, são cruciais para que o consultante tenha sucesso nas informações que busca.

2.2 O espaço geográfico e a Dialectologia

A língua e a sua dinamicidade têm conduzido, ao longo dos anos de pesquisa, a delimitação de abordagem em consonância com o que se busca compreender e em qual contexto. Várias são as áreas de estudo e as possibilidades de aprofundamento teórico e prático da língua, que se voltam, por exemplo, à compreensão dos fatores contribuintes para que a manifestação linguística se concretize de determinada forma.

Como um fator social, pois, a língua evidencia caracterizações próprias de um povo, seja por meio de fatores externos ao sistema, como a escolaridade, o gênero, a faixa etária e as condições sociais; seja pelos fatores internos, como mudanças de ordem morfosintática, fonético-fonológicas e semânticas, averiguadas também pela Sociolinguística.

Ao ambientar a língua em um dado espaço geográfico, entra em cena a Dialectologia, como ciência que estuda os dialetos em conformidade com a ambientação espacial em que as comunidades vivem. Tal apreciação leva em conta a ocorrência de especificidades linguísticas, ao passo que se busca uma referência espacial que as situe quanto a isso, sendo o limite geográfico marcador de dadas variações linguísticas.

Nesse sentido, para Dubois (1978, p. 185), a dialectologia “[...] assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”. Compreender os aspectos variáveis da língua a partir do prisma geográfico, é, pois, identificar não só a formação do léxico de uma comunidade, mas também observar como a sistematização de determinados usos revela valores históricos, políticos e culturais desses falantes.

Assim, o interesse dessa área versa sobre como a língua, em caráter variacional, se dá em diferentes espaços geográficos, a que é possível chamar de variação diatópica, ao mesmo tempo que possibilita esse estabelecimento de limites, a partir do qual as variações são detectadas quanto à ocorrência dos fenômenos linguísticos.

À medida que expressa a descrição dos fatos linguísticos e utiliza métodos comparativos para identificação da realização daqueles em diferentes espaços geográficos, a área corresponde, para Cardoso (2010, p. 25), à “[...] ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização”. Para isso, a Dialectologia lança mão de propostas comparativas entre o léxico de distintas regiões, de modo a comprovar ou não a aproximação semântica, assim como valida as múltiplas representações linguísticas e configura importante defesa para as distintas peculiaridades regionais da língua.

Tais caracterizações dessa área também não permitem que ela atue de forma isolada, são perceptíveis e imprescindíveis outras associações e considerações para que ela tenha seu objeto de estudo analisado do melhor modo possível. Embora a variação linguística se dê em um dado espaço geográfico, por exemplo, outros fatores que contribuem para a interferência nos fatos linguísticos devem ser postos em pauta. Dessa forma, os falantes estão sujeitos às interferências de ordem extralinguística, que não se limitam à ambientação, mas envolvem as relações sociais que estabelecem, as condições econômicas que têm ou até mesmo o estudo que detêm são impactantes quanto à representação da língua.

Portanto, a relação entre variáveis diatópicas, diastráticas e diafásicas no tocante à concepção da língua é comum para a compreensão dos estudos e o estabelecimento de métodos de tratamento dos dados, o que tem sido reforçado por alguns pesquisadores, como Cardoso (2010), em que há a defesa da indissociabilidade dialetológica com a sociolinguística, para as quais o fator social deve ser preponderante.

Nas considerações de viés dialetal, portanto, para além do espaço em que a língua se reproduz, variável diatópica, o nível social a que o falante pertence, configurando a variável diastrática, emerge como outro fator que influencia na forma como o fato linguístico se revelará. Esse estrato é relevante dado o acesso que se tem ou não ao estudo e aos aspectos normativos da língua e o conseqüente uso que se faz da mesma. A variável diafásica, por sua vez, corresponde às interações que os falantes têm com os demais, de modo a selecionar a linguagem que melhor se adequa ao contexto de uso, podendo ser, por exemplo, familiar, formal. Assim, essas variáveis, provenientes também dos aspectos sociais, podem interferir na formação dos dialetos e nas diferenças linguísticas e não podem ser de todo marginalizadas quanto às

abordagens de variação. Tais situações, talvez, justifiquem a dificuldade de estabelecer limites entre as variáveis, principalmente diatópica e diastrática, dada a linha tênue que as separa, assim como as interseções existentes em virtude das escolhas e do ambiente do falante.

E nesta busca de elucidação dos fatos e do que realmente concorre para a compreensão do fenômeno da variação linguística, sob a ótica da dialetologia, alguns termos merecem esclarecimento como a própria geolinguística, tomada por muitos como a área em si, e o dialeto como um termo que costuma ser analisado à luz da comparação com os falares.

Para Coseriu (1982, p. 79),

a geografia linguística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa [...] ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Nesse sentido, embora as evidências linguísticas coletadas sejam resultantes de uma caracterização peculiar à região, a geografia linguística constitui via a partir da qual as relações apreendidas entre espaço e língua não se estabelecem inerentemente, mas pelas formas como essas ocorrências se deixam propagar, ao mesmo tempo que carregam outras influências de caráter social, como mencionado anteriormente.

Essa representação, pois, da Dialetologia e da geografia linguística frente aos estudos da propagação e da extensão dos fenômenos linguísticos em dado espaço geográfico repercutiu significativamente, de modo a induzir novas pesquisas dentro da área, momento em que o Brasil passou a atuar nesse sentido já no século XX.

No ano de 1922, Antenor Nascentes passou a discutir acerca da representação linguística do Brasil, comparando-a com a de Portugal. Para o autor, na explanação e justificativa que expõe na obra *O linguajar carioca* (1953), o Brasil continha especificidades linguísticas e regras diferentes das que Portugal utilizava, demarcando, nesse sentido, o idioma como o “dialeto brasileiro”, fortemente subdividido em conformidade com as regiões que apresentam subdialetos que se caracterizavam diferentemente.

Em defesa, pois, de uma língua que se configura em sua diversidade, Antenor Nascente (1953) fez emergir questões reflexivas da linguística a partir do modo como os falantes lidam com a oralidade e com a escrita e como a padronização impera em meio às noções ainda suscitadas de falar certo e falar errado.

No percurso histórico, portanto, apresentado por Aragão (2020b), apesar das ideias pioneiras de vários professores para o estabelecimento de cursos na área, desde o século XX,

não há grandes motivações pelos profissionais para aprofundamento sobre. A ideia de construção de um atlas linguístico-etnográfico, em 1952, foi que de fato possibilitou a ressignificação do assunto, bem como o impacto no ensino que tal empreitada terá.

De todo modo, a idealização de construção do atlas no referido período, estabelecido pelo Decreto 30.643, de 20 de março, por meio da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, sofreu grandes dificuldades ao longo da pesquisa, vindo a se concretizar somente 62 anos depois, do lançamento dos dois primeiros volumes, realizado em outubro de 2014. Isso mostra as distintas limitações dos pesquisadores, fator que os levou ao mapeamento linguístico do país por região.

O site do Alib (2022), atualmente, revela uma média de 19 atlas construídos de distintas regiões do país, além de outros em esboço e que endossam a relevância das pesquisas na área, assim como o impacto que esses estudos têm trazido para maior compreensão da língua e dos falares regionais. Acrescenta-se, como estudos em andamento, pesquisas de diferentes vieses, mas que contemplam as especificidades linguísticas regionais, considerando-se o léxico, dentro das estruturas da Lexicologia, da Lexicografia, da Fraseologia, dos Tabus Linguísticos, além de outros; a ambientação fonética, com abordagens aos róticos, às vogais pretônicas e postônicas, dentre outras análises; o eixo morfossintático, com análises que se voltam à flexão do gênero, aos verbos, aos pronomes, por exemplo, e a própria pragmática.

Considerando, assim, as diversas discussões suscitadas por teóricos ao longo do século passado até aqui, denota-se a necessidade de reconhecer a divisão linguística do Brasil. Como um país de dimensões continentais, o Brasil registra diferentes falares, termo que tem sido priorizado por muitos teóricos em paralelo com o dialeto; enquanto outros os utilizam como sinônimos.

Para Castilho (1972, p. 116),

A variação espacial ou horizontal [...] processa-se numa gradação que vai desde pequenas alterações no foneticismo e no material léxico, sem prejuízo de uma fácil compreensão, até uma diferenciação mais avançada, que atinge também a morfologia e chega a acarretar dificuldades à comunicação. No primeiro caso, temos os falares, e no segundo, os dialetos. Quando as pessoas que se servem de falares distintos entram em contacto percebem apenas que procedem de regiões geográficas diferentes. No caso dos dialetos os embaraços à compreensão deixam escassamente entrever um fundo linguístico comum, e isso é tudo.

Dessa forma, o falar, embora caracterizador também da região a que pertence o falante, não demonstra grandes divergências que impactem negativamente quanto ao processo de comunicação, não havendo interferências que impossibilitem a mensagem. O falante compartilha com os demais, independentemente da região onde estão inseridos, o sistema

linguístico comum entre eles, mas que também contempla construções condicionadas pela comunidade de fala a que pertence.

Quanto ao dialeto, baseado no que Faraco (1991) aponta, é interpretado, comumente, como uma marca de representação regional de um povo que é perceptível pelo falar. Correspondendo à definição tradicional, esse conceito atende ao que alguns teóricos discorrem sobre o termo, aludindo à dimensão geográfica que permite a identificação de uma variação linguística. No entanto, esse aparente consenso não se concretiza, ao passo que outros estudiosos do assunto expõem conceituações díspares.

Segundo Dubois (1978, p. 184), “O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua”. Com esta definição, denota-se o valor regional que o dialeto adquire, o que lhe confere atribuições que, por vezes, são pejorativas ou estigmatizadas. O autor, assim como outros, a exemplo, Coseriu (1982), defendem o termo sob o conceito de língua, embora tenha menor propagação em virtude da língua maior, na qual é incluído.

Essa construção de outra referência linguística, com uma evidência menor de representação, é caracterizada pela variação diatópica, sendo comuns as especificidades dos falantes por um sistema de signos a que se denomina dialetos regionais. A partir, pois, dessa interface social e cultural que é possível identificar pelos dialetos, vários foram e são os estudos que também se interessam por essa perspectiva, dando espaço e possibilitando o reconhecimento como manifestação linguística de um povo, como as análises de dialetos caipiras e cariocas.

Dessa forma, as contribuições linguísticas proporcionadas pela Dialectologia são de grande valia para a compreensão de determinadas ocorrências no âmbito da língua em dado espaço geográfico, averiguando sua extensão e as correlações históricas, políticas e socioculturais que detêm enquanto influência e em paralelo com a língua oficial.

Nesse sentido, cabem discussões que ponham em destaque a diversidade linguística, assim como o uso de variantes linguísticas que entram em conflito com a representação oficial da língua. Para compreender esse panorama, é preciso, de antemão, reconhecer que diferentes forças atuam no sentido de formação da língua, de como esta se molda ao longo do tempo, podendo apresentar-se em variação, mas também em mudança.

Coelho *et al.* (2019) traz à tona algumas discussões voltadas aos termos, buscando esclarecê-los quanto à noção de diversidade da língua. Assim, para eles, “[...] a variedade [é] fala característica de determinado grupo.” (COELHO *et al.*, 2019, p. 14). Dentro desse dado espaço em que estão inseridos, os falantes fazem seleções que melhor atendam ao propósito

comunicativo, o que favorece a existência das variantes, “[...] formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável [...]”. (COELHO *et al.*, 2019, p. 15). Esta última, por sua vez, corresponde, para Mollica e Braga (2019, p. 11), “[...] ao fenômeno variável, pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes [...]. Para além do fenômeno variável, o termo ainda é utilizado para fazer referências aos grupos de fatores que condicionam o emprego de uma forma linguística em detrimento de outra.

Em uma perspectiva mais ampla, vale salientar o quanto as variantes mais comuns às regiões interioranas, ou utilizadas por grupos de menor condição financeira, escolaridade, tendem a ser menosprezadas, estigmatização que divide a língua sob os parâmetros de “certo” e “errado”, convencionalmente endossado pela mídia e que concebe a variedade culta como a única correta.

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu *status*, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala. (COELHO *et al.*, 2019, p. 15)

Ainda que isso não seja regra, pois há pessoas que fogem dessa caracterização, sendo ricas, por exemplo, mas desprovidas de estudo ou vice-versa, o que se destaca é que, por questões diversas, inclusive de ignorância quanto à língua propriamente dita, há uma ênfase à variante padrão, perceptível pelas metodologias e orientações trabalhadas na escola, assim como casos de correção e hipercorreção linguística.

Esse desfavorecimento da variante não-padrão também é notável nas telenovelas, principalmente quando, para além do sotaque forçado dos autores que interpretam algumas regiões do país, há uma tendência de uso para ridicularizar, “divertir” e inferiorizar o personagem, representante de pessoas menos abastadas, que se mostram “bobas” e, geralmente, moram em comunidades do interior.

As variantes padrão são, *grosso modo*, as que pertencem às *variedades cultas* da língua; já as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante **de prestígio**, enquanto a não padrão é muitas vezes **estigmatizada** – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser **inovadoras**. (COELHO *et al.*, 2019, p. 18, grifos dos autores)

Conquanto não seja regra também, em todas as ocasiões, a variante não padrão ser estigmatizada e inovadora, ao passo que a padrão se mostra como de prestígio e conservadora, em muitos exemplos essa realidade se configura, havendo atribuições de valores sociais às

variantes e que em paralelo aos condicionadores operam em conjunto para reger a variação linguística, já que ela não se dá de forma aleatória.

Em suma, no tocante à variação diatópica, assim como as demais, esta se apresenta como condicionada por fatores extralinguísticos que operam à medida que permitem reconhecer as isoglossas que delimitam linguisticamente os territórios, as regiões fronteiriças e que levam a outros desdobramentos para melhor compreensão do fenômeno, como as particularidades das zonas urbanas e das zonas rurais.

Além disso, as pesquisas dialetológicas são pertinentes para o aprofundamento de questões que se voltam à dinamicidade da língua e ao respeito à heterogeneidade linguística, não havendo valorações melhores ou piores acerca dos fatos linguísticos, muito menos quanto aos espaços em que se concretizam, o que amplia os saberes e diminui os preconceitos quanto às variações, sendo, portanto, um relevante objeto de estudo.

2.3 A relação língua-cultura: Etnolinguística

As formações linguísticas são enunciadas em um complexo constituído não apenas pela caracterização espacial em que ocorrem, como mencionado anteriormente, mas se sujeitam a outros elementos que também competem significativamente para os traços lexicais que particularizam a língua de dada comunidade. Essa perspectiva elenca como a língua pode coadunar com os fatores de ordem cultural, viés que é estudado e aprofundado pela área da Etnolinguística.

Essa referência etnológica é possível em virtude da percepção que os falantes têm, inseridos em suas comunidades, do mundo que os cerca e como as relações que se estabelecem são expressas, de modo que se reafirme o prisma cultural. Essa dimensão etnolinguística, assim como os aspectos dialetológicos, não se manifesta em decorrência de um único fator que impele certas caracterizações, mas resultam também das relações sociais, de forças diversas que podem ser representadas por várias esferas.

E é, logo, frente a essa interpretação, que se lança mão de apontamentos teóricos acerca dessa influência das forças sociais sobre a língua, para entender, segundo Sapir (1969, p. 45), “[...] que o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuarem sobre ele as forças sociais. A mera existência, por exemplo, de uma espécie animal no ambiente físico de um povo não basta para fazer surgir um símbolo linguístico correspondente.” A manifestação linguística, pois, se concretiza somente ao passo que as relações sociais entre os falantes se

operam e são imbricadas nos traços culturais que podem influenciar a língua em diferentes aspectos formativos, seja no léxico, no fonético, seja no morfológico.

Nesse panorama, embora traga à tona questões sociais, são válidas algumas ressalvas acerca da natureza da abordagem linguística, tendo em vista o quão próximas estão, por exemplo, Sociolinguística e Etnolinguística. Ainda que detenham como objeto de estudo a língua, tomada sob viés específico em conformidade com a área, as duas ciências não devem ser confundidas, cabendo, por isso, a delimitação de suas análises e como elas procedem dentro da linguística.

Para isso, reporta-se a Coseriu (1981a, p. 10) que, mesmo apresentando uma definição de Etnolinguística como sendo “o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades falantes”, o autor a considera imprecisa, além de ampla, dada a forma como é estabelecido esse conceito. Assim, opta por considerar a Etnolinguística uma disciplina que, assim como a Sociolinguística, trabalha com a variação e a variedade da linguagem, mas aquela no tocante à relação que se pode estabelecer entre a comunidade e a cultura; e esta quanto à relação entre o sistema social e os falantes.

Ainda com o intuito de clarificar como o objeto de estudo da Etnolinguística pode ser contemplado metodologicamente, Coseriu (1981a) estabelece o par linguagem-cultura, sendo considerado linguística etnográfica a análise que parte dos fatos linguísticos para os saberes culturais e etnografia linguística quando estes assumem o início da pesquisa e passam a evidenciar manifestações linguísticas como valores também culturais.

Tais distinções são necessárias tendo em vista as implicações que podem ocasionar de uma interpretação equivocada, ou ainda se forem desconsideradas as possibilidades de influências sociais em diferentes estratos, por exemplo, assim como a similaridade de fatos linguísticos, mesmo com representações díspares.

Vale lembrar, além disso, que conquanto a Etnolinguística considere a linguagem em associação com as relações que estabelece no plano cultural, o homem tem sua autonomia de fala, organizada em conformidade com a internalização que faz dessas correlações e como se deixa influenciar pelos aspectos de ordem social. Nesse sentido, a área destaca a língua e a cultura em uma representação maioritária, considerando a comunidade como um todo, mas carrega também a representação de discurso, peculiar a cada falante.

De modo a corroborar, portanto, os apontamentos feitos até aqui, destacam-se os sentidos que Coseriu (1981a, p. 17, tradução nossa) estabelece nessa correlação língua-cultura:

[...] a linguagem mesmo é uma forma primária da “cultura”, da objetivação da criatividade humana ([...] do “espírito criador”). Por outro lado, a linguagem reflete a

cultura não-linguística; é a “atualidade da cultura”, quer dizer, que manifesta os “saberes”, as ideias e crenças acerca da “realidade” conhecida [...]. Além disso, não se fala somente com a linguagem como tal, com a “competência linguística”, mas também com a “competência extralinguística”, com o “conhecimento de mundo”, ou seja, com os saberes, ideias e crenças acerca das “coisas” [...].⁸

O entrelaçamento evidente entre a língua e a sua representação cultural é um forte indício de como o povo se caracteriza e tem sua formação identitária construída e revelada pela linguagem. Os múltiplos saberes convergem no léxico e na cultura, traduzindo as experiências sociais que o homem tem e concorrem para a expressão linguística que, de alguma forma, é delineada por eles.

Assim, pois, à medida que corresponde a uma parte da cultura, a língua se articula por meio de relações advindas de distintas referências, como as religiosas, as políticas, as socioeconômicas, dentre tantas outras possibilidades. O que cabe destacar aqui, no entanto, é como essas formas linguísticas podem atender a múltiplas culturas, alternando-se apenas seus elementos, mas, ao mesmo tempo, sendo particularizados por eles.

Desse modo, essa grandeza cultural tem, pelas linhas de abordagem da Etnolinguística, espaço para outros desdobramentos que contemplem, pelo viés linguístico, a pluralidade da língua existente aqui no país. Durante muito tempo, e endossado até mesmo pelas políticas públicas pouco abrangentes nesse sentido, o Brasil ainda convive com o mito de uma só língua, a que muitos estudiosos refutam, argumentam, mas não conseguiram extirpar completamente, havendo a necessidade de estudos que continuem a salientar essa perspectiva.

Os processos migratórios, as comunidades indígenas e quilombolas são alguns dos exemplos que externam bem o plurilinguismo e a conseqüente riqueza cultural, frente aos quais a Etnolinguística pode e lança mão para aprofundamento dos estudos e ampliação da contribuição de suas pesquisas na esfera linguística, assim como amplia a visão das minorias linguísticas.

2.4 O léxico e a semântica: alguns apontamentos

Ao retomar o léxico como sistema aberto e diverso, que remete a possibilidades combinatórias distintas, em conformidade com o intuito comunicativo do falante, compreende-

⁸ “[...] el lenguaje mismo es una forma primaria de la ‘cultura’, de la objetivación de la creatividad humana ([...] del ‘espíritu creador’). Por otro lado, el lenguaje refleja la cultura no-linguística; es la ‘actualidad de la cultura, es decir que manifiesta los ‘saberes’, las ideas y creencias acerca de la ‘realidad’ conocida [...]. Además de esto, no se habla sólo con el lenguaje como tal, con la ‘competencia linguística’, sino también con la ‘competencia extralinguística’, con ele ‘conocimiento del mundo’, o sea, con los saberes, ideas y creencias acerca de las ‘cosas’ [...]” (COSERIU, 1981a, p. 17).

se também as diferentes interpretações decorrentes das seleções feitas. Nesse sentido, é objeto de reflexões e análises o fato de como determinadas lexias, outrora apresentadas, podem ser associadas a outras significações, considerando que suas ocorrências podem se dar em outras perspectivas.

Assim, vêm à tona discussões voltadas à Semântica, área ainda não esclarecida quanto ao próprio objeto de estudo, e que põem em evidência o valor da significação. Associar à área o conceito genérico de que é aquela que se debruça sobre o próprio sentido, a significação, é desconsiderar que outras áreas também tomam esta como parte de suas análises, ou ainda limitar o espaço de abordagem em que a Semântica pode ser tomada.

Na verdade, as reflexões acerca da significação já são antigas e pouca esclarecidas, ainda mais quando se comparam os limites do sentido, associando-o, ora às formas em análise, às estruturas da língua, ora aos vínculos que são possíveis de construir com o mundo e a língua. Para Ullmann (1964, p. 111), “O Significado é um dos termos mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem”. Logo, essa dualidade de representações, além dos distintos métodos e variadas formas de análise da língua quanto à significação dividiram os estudiosos da área, deixando incertezas e afirmações que colocaram a Semântica em um difícil papel de delimitar-se, assim como de tratar os fenômenos cientificamente. É por esse motivo que para Ilari e Geraldi (2004, p. 6):

A palavra ciência evoca domínios de investigação claramente definidos, a respeito dos quais os cientistas aperfeiçoaram métodos de análise unanimemente aceitos e elaboraram conhecimentos coerentemente articulados e fiéis aos fatos. Ao contrário disso, a semântica é um domínio de investigação de limites movediços; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras [...].

Dessa forma, a aparente “incoerência” organizacional da Semântica a deixaria em oposição à ciência, em virtude dos métodos assertivos e articulados desta, o que levou muitos linguistas a recusarem-na como referência científica e devido à complexidade inerente aos tratamentos da significação. A não obviedade das explicações e a retomada do sentido por outras áreas permitiram que, por muito tempo, a Semântica fosse relegada da ciência, passando a ser discutida com maior propriedade a partir do século XIX.

Embora não utilize o termo em si como área, Semântica, Saussure (2012), já no *Curso de Linguística Geral* [1916], tece associações e comentários acerca das valorações atribuídas à língua e como diferentes formas podem ter representações díspares a depender das posições que assumem. Para além da discussão que o autor apresenta quanto ao valor e à

significação, a falta de correspondência de uma palavra com um significado específico, deixa claro que entender o significado não é tão simples assim.

Segundo Saussure (2012, p. 163), mediante o exemplo “louer” do francês (alugar em português) e “mieten e vermieten” do alemão, para significar a mesma coisa, denota-se a falta de correspondência entre as línguas, o que não aconteceria “Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim.” Em outras situações, as palavras até podem apresentar a mesma significação, mas valores distintos a depender de como são considerados em pontos específicos de análise.

Vale a exposição, neste momento, das relações possíveis de estabelecer com o léxico, compreendendo que este pode ter sua análise em eixos distintos, como evidenciado por Saussure [1916], a saber, paradigmático e sintagmático. Nessas acepções, as relações lexicais, no primeiro, ocorrem em consonância com a variedade de possibilidades de permutas que não alterem de forma substancial o conteúdo, mas que garantam, outrossim, relação semântica inferida pelo outro. Já no segundo eixo, as relações estabelecidas se dão entre os termos. Nesse esquema, se observam as funções e como um termo pode também contribuir para a compreensão do outro. Todavia, em ambos os eixos, há, claramente, a inter-relação estabelecida pelo esquema lexical.

Ao longo dos estudos relacionados ao léxico, portanto, este é analisado, conforme já explanado em alguns vieses, quanto à natureza, ao passo que se consideram as influências recebidas que contribuiriam para a representação de uma lexia, por exemplo; quanto ao aspecto composicional ou derivacional, em que se compreende como novos vocábulos surgem e/ou de que modo alguns léxicos mantêm igual sentido. Além desses, o léxico é situado quanto aos aspectos semânticos, sobre os quais serão tratados neste momento, como também acerca do contexto e da própria língua.

Para essa conjuntura, os linguistas expõem discussões no que diz respeito aos aspectos semânticos do uso lexical, bem como são expressos os valores polissêmicos de determinadas lexias, tratadas por Polguère (2018, p. 68) como vocábulos, já que estes correspondem a “[...] uma junção de lexias que têm as duas seguintes propriedades: 1. Estão associadas aos mesmos significantes; 2. Apresentam uma inter-relação semântica evidente.” Nesse sentido, a apreensão da forma se dá pelo contexto relacional, pois sua estrutura isoladamente pode ser correlacionada a outras interpretações, assim como determinadas construções são restritas a contextos regionais.

Ainda no que diz respeito à ambientação semântica, Borba (1972, p. 281) aponta que “As palavras têm uma função semântica, isto é, ‘significam’ conceitos autônomos cuja imagem mnemônica evocam. Um signo (+) é um estímulo associado a outro estímulo cuja imagem mental evoca.” Por conseguinte, o léxico remete ao que o falante já tem cristalizado em mente, levando-o a fazer associações e novos pareamentos em virtude dos referenciais já consagrados. As diferentes formas de apreciação do léxico, bem como os métodos de abordagem conduziram a discussões acerca das delimitações e ramificações da área.

Nas especificações do referido autor, remete-se a três tipificações da semântica, sendo estas: descritiva, histórica e geral. Acerca da descritiva, o teórico situa as abordagens em que é possível analisar o léxico apenas na sua representação formal e o sentido decorrente dela, havendo uma “análise semântica autônoma”. (BORBA, 1972, p. 282). Nesse contexto, cabem as discussões que veem o léxico em dado contexto, buscando estabelecer suas limitações, valores semânticos, a partir dos quais se depreendem distintas propriedades, como as relações polissêmicas, homonímicas, sinonímicas, campos semânticos, dentre outras. Pontua-se aqui, em virtude da ótica de análise a que se propõe este trabalho, o campo semântico, que possibilita o agrupamento em conjuntos dos léxicos cujos significados convergem quanto à identificação de ordem macro e que serão retomadas à frente.

No tocante à semântica histórica, esta se debruça acerca das causas que justificam a mudança do significado e assumem a caracterização própria dos fatores que a influenciam, como as causas linguísticas, ocorrentes em virtude de aspectos fonético, fonológicos, por exemplo. Essas causas, geralmente, não ocorrem de forma isolada, sendo comum entrecruzamento, pois há casos em que todas colaboram para a mudança.

Por fim, “A semântica geral, pela observação dos fenômenos no maior número possível de línguas, visa a chegar aos princípios gerais que regem a comunicação do ponto de vista do signo linguístico.” (BORBA, 1972, p. 288). Busca-se, sob este prisma, padrões de ocorrência dos fenômenos linguísticos e como a semântica atua na explicação destes considerando o processo comunicativo.

Já na perspectiva de Pottier (1975), a semântica lexical é apreciada sob os campos, delimitados pelas noções de experiências, correspondentes aos domínios e às relações. Acerca dos domínios, o falante estabelece formulações em que seja possível o interlocutor distinguir um elemento polissêmico dentre vários, considerando a experiência e as disposições das palavras que passam de um domínio inicial para outro. Quanto às perspectivas relacionais, o autor apresenta quatro possibilidades, a saber, a relação de oposição; a de inclusão; a de participação e a de associação. Nessas análises, os elementos linguísticos são ordenados ou não

em conformidade com relações paradigmáticas estabelecidas, em que sejam pertinentes determinadas permutas e que existam unidades possíveis de associar, quer pelos subconjuntos provenientes dos sememas⁹ construídos, quer pelas arquilexias¹⁰ consequentes dessas relações.

Denota-se, desse modo, que a análise semântica é associada, muitas vezes, à menção de contexto que deixa inferir dada relação entre léxico e significado. Os limites de identificação desses significados não são de fácil realização, pois há uma proximidade grande e uma linha tênue nessa especificação de cada tipo de significado.

Na percepção de Lyons (1987), a semântica é vista a partir da difícil empreitada de defini-la, havendo apresentação das controvérsias que tornam a tarefa, de fato, problemática:

[...] (a) de que aquilo a que nos referimos com a palavra ‘significado’ tem algum tipo de existência ou realidade; (b) tudo aquilo a que nos referimos usando este termo apresenta uma natureza semelhante, se não idêntica. Podemos chamar a uma de (a) pressuposição de existência e a outra de (b) pressuposição de homogeneidade. (LYONS, 1987, p. 133).

O autor remete a esses problemas, considerando o viés de análise em que, enquanto falante, se julga que toda referência linguística seja idealizada/mentalizada igualmente por todos. Na verdade, não há garantia dessa correspondência, tampouco de que elas se concretizam em um plano real. Do mesmo modo, é controverso tratar dessas noções de significado fazendo alusões contextuais, definidas na ambientação da pragmática, havendo necessidade também de contemplar as disposições sintagmáticas nos contextos de enunciação.

Ao abordar o léxico e considerar suas aplicações, compreende-se que os intuitos comunicativos divergem a depender do contexto em que são depreendidos, o que exige apropriação dos elementos que se sobressaem em cada um deles. A ambientação literária, por exemplo, faz emergir discussões quanto a significados afetivos, estilísticos e os que se direcionam às relações estabelecidas entre as palavras, sendo representados pelos significados refletidos, os de colocação e os temáticos.

De modo análogo a outros teóricos, o autor também apresenta as noções de polissemia, homonímia e sinonímia e constrói um paralelo entre o sentido e a denotação, em que se compreende a relação anteriormente apresentada quanto à significação não estar necessariamente condicionada aos mesmos referenciais em todas as línguas. E é a partir, pois, dessa problemática observada que se denota o quanto alguns traços de sentido associados a

⁹ Para Pottier (1975, p. 43), “A significação de cada morfema lexical assim concebido é seu semema [podendo ser composto por semas específicos, genéricos ou virtuais].”

¹⁰ Conforme Pottier (1975, p. 44), constitui a “Lexicalização de um arquissemema.”

certos lexemas podem ser distintos com base nas escolhas que se configuram pelo falante e como as relações entre os léxicos podem ocorrer.

Assim, para Lyons (1987, p. 150-151): “O significado de uma sentença é o produto tanto do significado lexical quanto gramatical: isto é, do significado dos lexemas constituintes e das construções gramaticais que relacionam um lexema, sintagmaticamente, a outro.” O modo como essa sentença será interpretada depende da perspectiva em que serão tomados os termos para análise, com base no significado que se busca inferir do exposto, como o social ou o expressivo. O que se expressa, portanto, é que haverá exemplos em que o plano sintagmático em paralelo a outro não permitirá destacar as diferenças somente pelas funções desempenhadas pelos termos, mas pelas condições ou fatores que contribuíram para o estabelecimento daquela relação que, por sua vez, dependerá da língua em que se manifesta.

Para Polguère (2018, p. 190, grifos do autor), por sua vez, a apreciação semântica está interligada às

“[...] **definições lexicais** que apresentem as três seguintes características. 1. Propõem uma paráfrase do sentido da lexia definida. 2. São formuladas mediante o uso de lexias semanticamente mais simples do que a lexia definida. 3. Subdividem-se em duas partes: (i) um **componente central** construído em torno de um sentido chamado **gênero próximo** ou **sentido genérico** [...]; (ii) um conjunto de **componentes periféricos** chamados **diferenças específicas** [...].

Desse modo, a análise dos aspectos semânticos estaria associada aos grupos relacionais das lexias em análise e em qual proporção determinadas construções são enfáticas para a diferença de sentido das formas representadas. É necessário delimitar o campo de atuação das lexias em proposição de análise, assim como quais elementos ou padrões são exigidos para as caracterizações e interpretações.

O autor lança mão também da problemática de se trabalhar com agrupamentos de lexias a grupos semânticos, o que não necessariamente seria profícuo, uma vez que os componentes elencados poderiam exercer posições diferentes quanto à noção central ou periférica. Nesse momento também, é possível que haja construção ambígua, vaga, estilística ou mesmo termos polissêmicos.

Assim, delineando a abordagem nesse momento para os campos semânticos, concebe-se uma apreciação cuja análise disporia as lexias que compartilham traços em comum em agrupamentos específicos, realocando-as somente no caso da presença de características que as diferenciariam dentro do grupo ao qual foi associado. As primeiras discussões concernentes ao assunto remontam à obra de Saussure [1916], *Curso de Linguística Geral*, em que o autor lança mão das relações associativas, indo para além da ideia de compartilhamento

de traços comuns, mas também considerando as relações que estabelecem. Desse modo, um dado agrupamento poderia ocorrer em decorrência da partilha de radical, mas outro já poderia ser em virtude da “analogia dos significados” que as palavras emitem.

De todo modo, para Saussure (2012, p. 175): “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida.” Assim, cada termo evoca outros que, por sua vez, fazem parte de uma “família associativa”, vinculados entre si por diferentes razões, mas que se dão em uma distribuição inumerável, dado o caráter indefinido que essa rede pode ter, pois há situações em que esse número é limitado, ao passo que a ordem de aparecimento dos termos, não.

É preciso destacar, no entanto, que essa “família associativa” postulada por Saussure [1916], na verdade se encaixa na perspectiva de *campos associativos*, que diferem dos campos semânticos ou lexicais, pois compreendem, segundo Vilela (1979, p. 48):

[...] partem da relação de analogia ou contiguidade entre os significantes, entre os significados, ou entre os significados e os significantes, conjuntamente. Neste caso trata-se de uma configuração de associações, de ordem vária, dum signo com outros signos da língua e em que interferem, normalmente, os factos extralinguísticos.

Essa definição faz perceber as infinitas analogias possíveis que se desdobram em diferentes ambientações, dando espaço, conforme exposto, à ordem extralinguística, o que amplia ainda mais as possibilidades. Retomando os exemplos utilizados por Bally (1940), Coseriu (1981b, p. 101, tradução nossa) questiona justamente o fato de que “Toda coisa pode associar-se com outra que se encontre constantemente ou muitas vezes no mesmo contexto real.”¹¹, como o “boi” e os nomes que ele evoca, mas que de linguístico nada apresentam, como “arado” e “força”, cujas referências aconteceriam em decorrência de como veem o animal, social ou culturalmente falando.

Embasados, pois, nas distintas conceituações e teorias que Saussure postulou, as variadas correntes linguísticas trataram os campos de forma diferenciada e em conformidade também com os métodos que cada teórico julgava como melhor para a análise dos dados. Assim, não há uma uniformidade quanto ao tratamento dos campos e como estes são detalhados, mas serão expostas aqui as principais teorias e conceituações mais usuais na área.

Conforme Biderman (1978, p. 150), “[...] [há uma] dificuldade extrema no traçar os limites precisos de uma área lexical e de reconhecer aí todas as variações possíveis do significado, pois esse território é nebuloso e impreciso por definição.” Tal complexidade ainda

¹¹ “Toda cosa puede asociarse con otra que se encuentre constantemente o a menudo en el mismo contexto real [...]” (Coseriu, 1981b, p. 10).

é reforçada pela abertura do léxico e pela constante ampliação da língua no que diz respeito às novas lexias e aos conceitos que surgem em meio à necessidade humana.

Historicamente, as primeiras discussões acerca dos campos remontam ao período do século XIX, com Heyse, em um trabalho póstumo publicado, em que o autor faz menção indireta ao campo, cabendo, somente no século XX, a atribuição direta da abordagem dos campos semânticos a Ipsen (1924). Segundo Ipsen (1924 *apud* Santos, 2017, p.49), “[...] as palavras de um campo se equiparam formalmente e se juntam de maneira compacta até se formar uma unidade semântica de ordem superior.” Nesse sentido, o vínculo que as palavras mantêm entre si é decorrente da referência semântica que compartilham, estruturadas como em uma espécie de mosaico, correspondendo a uma unidade maior, cujo valor semântico é, por isso, superior.

Anos depois, em 1931, Jost Trier, por meio da publicação de sua monografia, traz nova discussão à tona acerca dos campos sobre termos intelectuais em alemão, cujas bases teóricas retomavam Saussure, ao mesmo tempo em que tentava inseri-las na área da semântica. De acordo com Ullmann (1964, p. 510-511):

Trier elaborou a sua concepção dos campos como sectores estreitamente entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e por ele é delimitado.

Nessa linha de raciocínio, para Trier, cada termo disposto estaria em uma relação com o outro, construindo uma estrutura cujo valor conceitual só se depreende dos significados que os termos apresentam e como esse conteúdo serve, ao mesmo tempo, para delimitá-los quanto aos outros e a representá-los como um todo.

Dado o modo como estão articuladas, nesse sentido, as palavras estariam dispostas em consonância com a representação das outras, havendo modificação em uma, caso uma delas fosse alterada, o que mostra a dependência estabelecida nesse esquema de Trier (1931). Vale salientar que, ao longo do trabalho, o autor usou o termo *campo linguístico*, a partir do qual depreendeu a noção de *campo conceitual*, tendo em vista a forma como as palavras se articulam e permitem a relação de dependência mencionada.

Tal proposta permitiu que L. Weisgerber (1956) prosseguisse os estudos sobre os campos, os quais passaram a ser especificados pelo teórico como *campos lexicais* e *campos semânticos*. Sua teoria se mostra mais completa, assim como o método de análise mais claro se comparados com a apresentação de Trier (1931). Weisgerber (1956) ainda distingue os campos lexicais como de um estrato ou de vários estratos, assim como “[...] distingue quatro níveis de

análise da língua [...]: o método referente à forma [...], o referente ao conteúdo [...], o referente à realização [...] e o referente ao efeito [...].” (WEISGERBER, 1963 *apud* VILELA, 1979, p. 46). O campo lexical se situaria justamente no método referente ao conteúdo, considerando as alusões que o falante tem e que constrói à medida que compara uma palavra à outra e como elas se relacionam.

Assim, de modo a melhor esclarecer esses termos, salienta-se que:

O campo lexical é, na perspectiva estrutural, um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõem entre si por meio de simples traços de conteúdo. (VILELA, 1979, p. 60)

Compreende-se, pois, uma organização que permite o agrupamento de unidades linguísticas que compartilham traços em comum que possibilitam a elas a divisão do mesmo espaço, mas que se opõem entre si com base na significação. Já o campo semântico, tomando Câmara Jr. (1989, p. 118) como referência, “[...] [é] onde a significação de cada um [semantema] é limitada e precisada pela de todos os outros.” Para esclarecer este campo, o autor menciona o exemplo das notas escolares, utilizado pelo próprio Trier (1931), ao especificar que um conceito como *ótimo* seria limitado por outro como *bom*, mas cujos sentidos seriam identificados ao comparar com o do outro termo. Isto posto, a análise aconteceria em graus, em escalas que mostrariam o aproveitamento que se limitaria ao próximo da lista.

Várias foram, pois, as teorias decorrentes das mencionadas, ainda mais após a de Trier (1931), mas que receberam distintas críticas em virtude de como eram lacunares quanto ao método para a teoria dos campos. Assim, em 1977, em busca de evidenciar um método para a abordagem da teoria dos campos, Coseriu (1981b) mostra como é possível falar de uma semântica estrutural no livro *Principios de semántica estructural*.

Propõe, desse modo, a partir de exemplos latinos e das línguas românicas, um estudo diacrônico da língua, considerando a significação das palavras. O autor salienta, *a priori*, a preferência pelos termos *expressão* e *conteúdo*, cunhados por Hjelmslev, e não *significante* e *significado*, equivalentes, preconizados por Saussure. Coseriu (1981b) ainda esclarece a pretensão de tomar o plano de conteúdo, compreendendo este como referência à forma linguística propriamente dita, ao passo que considera a língua funcional, a língua enquanto sistema a fim de alcançar o objetivo e não confundir os sistemas ou referências, já que o funcionamento histórico de uma língua pode ser diferente do seu estado atual. Acerca disso, Abbade (2011, p. 1339) diz: “[...] [a língua funcional é] até certo ponto unitária dentro de uma língua histórica e não aquilo que se refere a uma língua histórica tomada em seu conjunto que

geralmente compreende uma série de línguas funcionais que às vezes são bastante diferentes.” Assim, a língua não seria contemplada no sentido do seu desenvolvimento histórico, quanto às mudanças do léxico, mas quanto ao plano de conteúdo.

Para além do exposto, antes de especificar a Teoria do Campos Lexicais, Coseriu (1981b) versa ainda sobre o estudo do léxico, seguido das solidariedades léxicas e das estruturas lexemáticas, onde se debruça sobre as noções de semasiologia e onomasiologia e como o significado passa a ser analisado sob essas óticas e como se diferenciam daquelas. Todavia, frente à lexemática diacrônica que propõe, ressalta que “A primeira condição [...] é, pois, situar-se do ponto de vista do conteúdo como tal – pois, naturalmente, as mudanças dos significados somente podem comprovar-se lá onde se produzem [...]”¹² (COSERIU, 1981b, p. 25 TRADUÇÃO NOSSA). Assim, é preciso reconhecer como a lexemática se detém no significado de uma dada língua funcional, remetendo à forma que se tem para análise e dentro do qual se estabelecem os campos lexicais.

Segundo Coseriu (1981b, p. 135, tradução nossa),

Um campo léxico é um conjunto de lexemas unidos por um valor comum (valor do campo), que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico («características distintivas lexemáticas» ou *semas*).¹³

Desse modo, os lexemas dispostos em um dado campo compartilham de características em comum que permitem o agrupamento, mas que ao mesmo tempo contemplam distinções que os colocam em oposição um ao outro, as quais o autor denomina como *semas*. À noção mais ampla de referência frente à qual os lexemas estariam organizados, haveria a palavra *arquilexema*, que corresponde ao conteúdo que abarca todas as representações ali encaixadas, tendo, portanto, o valor unitário das referidas unidades menores.

Ainda assim, para o autor, o arquilexema não constitui elemento indispensável para a existência de um campo lexical e este pode ser representado por aquele ou não. Além disso, os campos lexicais podem pertencer a diferentes classes a depender dos critérios estabelecidos; os campos léxicos não são campos de objetos; os campos léxicos não correspondem aos campos conceituais ou terminológicos; os campos léxicos não são associativos, sendo, por isso, centrípetos.

¹² “La primera condición [...] es, pues, situarse desde el punto de vista del contenido como tal – pues, naturalmente, los cambios de los significados sólo pueden comprobarse ahí donde se producen [...]” (COSERIU, 1981b, p. 25)

¹³ “Un campo léxico es un conjunto de lexemas unidos por un valor léxico común (valor del campo), que esos lexemas subdividen en valores más determinados, oponiéndose entre sí por diferencias mínimas de contenido léxico («rasgos distintivos lexemáticos» o *semas*).” (COSERIU, 1981b, p. 135).

Coseriu (1981b) destaca ainda como o campo léxico corresponde a uma estrutura de ordem paradigmática, cujo foco recai sobre a oposição que as unidades que podem compô-lo, as quais denomina de lexema, ocupam uma ordem primária nessa estruturação. Nesse momento, o autor especifica que, com base na caracterização que essas unidades compartilham e mediante as quais entram em oposição umas com as outras, é possível a formação de um campo que se inclui em outro campo. Havendo oposições entre os próprios lexemas, estes passam a constituir um microcampo que, por sua vez, pode se opor a outros microcampos que constituem o macrocampo, cuja ordem é superior.

Para melhor definir a estruturação do campo lexical, é importante entender a tipologia interna do campo, assim como definir os princípios e critérios, inclusive os de oposição, denominados de *dimensão*, que correspondem ao ponto de vista em que os campos serão estruturados. A partir disso, pois, é que se inicia o processo de estabelecimento de tipos e classes. Para Vilela (1979, p. 61), “[...] temos a seguinte hierarquia de unidades: os semas como unidades constitutivas das oposições mínimas do campo, os lexemas constituídos pelos semas, a dimensão como uma arqui-unidade intermediária que pode abranger vários lexemas [...]”.

No que diz respeito às oposições que podem ser encontrados no léxico, Coseriu (1981b) apresenta três tipos possíveis: graduais, equipolentes e privativas. As primeiras constituem a representação de lexias que se mostram em diferentes escalas considerando a mesma qualidade; as segundas consideram as lexias que se mostram em oposição quando comparadas uma com a outra, valendo o traço distintivo; as terceiras são representadas pelas lexias cuja oposição parte de uma delas em relação às demais, em virtude do traço distintivo.

Dados os fatos, o referido teórico buscou estruturar uma tipologia que permitisse, a partir de uma base *ôntica* e considerando a realidade extralinguística – relação entre conteúdo e expressão – que é organizada do ponto de vista semântico, a classificação dos campos lexicais segundo a sua configuração, seu sentido objetivo e sua expressão. Destaca também que os campos lexicais podem ser unidimensionais ou pluridimensionais; sendo os primeiros considerados simples, lineares, em virtude da representação de sua continuidade semântica e das relações recíprocas que estabelecem, enquanto os segundos não apresentam uma unidade nesse sentido e sua apresentação pode ocorrer em várias dimensões.

Contrariando, pois, a ideia de Ipsen (1924) acerca da representação dos campos, Coseriu (1981b, p. 242, tradução nossa) enfatiza que:

[...] há que renunciar definitivamente à noção e à imagem do «mosaico» léxico (ou da rede) – com lacunas ou sem elas – que cobriria a realidade extralinguística. O léxico estruturado de uma língua não é uma superfície plana, mas um edifício de vários pisos;

e as distinções «do campo» que as línguas fazem com respeito à realidade designada não se encontra nos mesmos pisos nas distintas línguas.¹⁴

Para o autor, as oposições entre os termos se dão de forma hierárquica, em que se reconhece como um conjunto de representação linguística, por exemplo, pode ser contemplado por um termo de ordem superior, ainda fazendo valer o traço distintivo que os caracteriza, ao mesmo tempo que os opõe.

Logo, é preciso reconhecer o estabelecimento de método por parte do teórico, dadas as outras abordagens lacunares e evasivas quanto ao tratamento dos termos e de como o percurso metodológico poderia ser organizado. Embora ainda possam ficar dúvidas no tocante à organização e método de Coseriu (1981b), assim como a complexidade de lidar com um sistema aberto, salienta-se a importância das análises de viés semântico, embasadas na estruturação de campos lexicais.

As distintas possibilidades de representação que uma mesma forma lexical pode conter, por exemplo, e a dinamicidade da língua concorrem para que o pesquisador estabeleça os critérios de sua abordagem, bem como a seleção lexical feita e o propósito com que foi realizado. Frente, portanto, a essas especificidades, na metodologia, será esclarecido o percurso de como o estudo e a análise foram concretizados.

2.5 Considerações gerais sobre o léxico na literatura e o Regionalismo

A representação do real ou ainda a criação de um mundo paralelo na literatura exige escolhas lexicais adequadas ao objetivo do autor. Sabe-se que a escrita literária traz à tona outras significações ao léxico, ao passo que devem garantir ao leitor bem mais do que informação, característica de textos científicos, por exemplo. Tal escrita deve ressignificar valores, sentimentos e garantir outras possibilidades de análise do próprio mundo real ou também apresentar uma realidade com a qual se convive somente no plano do imaginário.

É nessa ótica de subjetividade que a linguagem ganha um espaço diferente. A representação do léxico passa a não ser constituída somente de sua função sincrônica, mas de um misto de vieses que permitam engendrar novos conceitos ou depreender sentidos múltiplos, conforme as combinações sejam possíveis. São cabíveis, portanto, a identificação e a análise

¹⁴ [...] hay que renunciar definitivamente a la noción y a la imagen del «mosaico» léxico (o de la «red») - con lagunas o sin ellas - que cubriría la realidad extralingüística. El léxico estructurado de una lengua no es una superficie plana, sino un edificio de varios pisos; y las distinciones «de campo» que las lenguas hacen con respecto a la realidad designada no se encuentra en los mismos pisos en las distintas lenguas. (COSERIU, 1981b, p. 242).

pormenorizada de termos que melhor atendem às especificidades do texto literário, compreendendo o léxico como a unidade valorosa de significação.

Nesse âmbito, são comuns os desdobramentos pela lexicografia, ao tomar os exemplos literários como fontes patrimoniais do léxico, já que as construções formuladas evidenciam novos pareamentos, o que destaca a expressividade. Villalva e Silvestre (2014, p. 190) citam como referência dicionários monolíngues que “[...] são uma manifestação de emancipação das línguas, que constroem sua própria metalinguagem [...]. As nomenclaturas alargam-se a diversos domínios do léxico, acolhendo termos técnicos e neologismos”.

A presença de uma linguagem, não ambientada totalmente no plano da objetividade e que facilita o jogo com as palavras, revela outra faceta do trabalho lexical, pois esta passa a ser analisada sob outras referências, exigindo também do pesquisador ou do leitor um conhecimento extralinguístico, que permita as inferências e interpretações a contento. Por outro lado, exige, concomitantemente, do autor, domínio acerca das ligações estabelecidas entre os termos, de modo que a expressividade e o seu discurso tomem forma quando lido.

Evidencia-se, logo, o poder que emana das escolhas lexicais feitas, a representatividade que o texto passa a ter para o interlocutor e como isso se concretiza, seja pelas combinações de elementos já disponíveis no léxico da língua, seja pela criação de novas referências, como os neologismos. É, por isso, que a ambientação literária constitui importante *corpus* de apreciação linguística, pois, para além da vinculação à arte enunciada pelo sistema da língua, cada referência é um mundo de possibilidades, dados o estilo, o contexto e o intuito com que cada autor lança mão do léxico, o que não deixa de ser uma ação difícil de empreitar.

Tal dificuldade de abordagem é ratificada por teóricos, como Biderman (2001b, p. 97), “[...] pois um sistema aberto em expansão como o léxico, não pode ser apreendido, nem descrito em sua totalidade.” Assim, é que a rede de significação advinda do léxico se pauta na sociedade e em conformidade com as representações que se sobressaem em relação às demais. A imprecisão limítrofe do léxico quanto aos aspectos socioculturais permite o compartilhamento linguístico e a consequente efetivação do processo comunicativo. Nota-se, ainda assim, características que são fomentadas, principalmente, por regiões específicas e que são marcadas em virtude desses traços linguísticos.

Desse modo, o tratamento linguístico nos textos literários precisa ser conduzido de forma específica para cada referente, uma vez que, em conformidade com o que outrora mencionou-se, a produção literária remete à particularidade do uso da linguagem e das escolhas lexicais que atendem ao propósito comunicativo do autor. Nesse sentido, as marcas linguísticas que se articulam no texto, não só constroem a tessitura literária, mas endossam o caráter

recursivo com que se dá a escolha do léxico pelos autores e como esta repercute na função estilística e na carga de envolvimento possível entre texto e leitor, por exemplo, tendo ainda outros propósitos.

Segundo Proença Filho (2007, p. 74-75), cabe compreender que “[...] o sentido [...], no texto literário, emerge do próprio texto e se apoia sobretudo na dimensão conotativa”, o que direciona a abordagem do léxico da obra na sua própria ambientação, já que, embora haja partilha quanto ao cenário, ao tema, cada autor realiza combinações distintas e que revelam a variação diafásica.

Com base nisso, há alguns escritores que têm suas obras analisadas a partir da complexidade das escolhas, sendo estas repletas de palavras arcaicas, ou mesmo do português erudito, o que caracteriza o texto com um alto valor prosódico e que não fica ao alcance de qualquer leitor. Outras obras já são destaque em virtude dos recursos estilísticos utilizados, como as figuras de linguagem, as inversões sintáticas, as figuras de retórica e outros elementos que emergem interpretações nas entrelinhas e com distintos referentes externos. E há os que constroem léxicos que não são conhecidos pela comunidade de fala ou até são, mas em uma proporção de acesso muito restrita, que se denominam de neologismos. Para estes, diferentes estudos na perspectiva da lexicologia são realizados, ainda mais quando estes estão inseridos no cenário literário, porque é neste espaço que melhor se manifestam e há permissão para isso.

Ao recorrer a Biderman (1978, p. 158), vê-se que “O *neologismo* é uma criação vocabular nova, incorporada à língua.” E é, pois, com esse intuito que o autor analisa as formas conhecidas do léxico, ressignificando-as ao contexto literário ou ainda tornando-as mais amplas quando representadas na ótica da fraseologia.

Dessa forma, a ambientação do texto literário muito condiz com o esquema linguístico a se apresentar. Concomitante à época, a linguagem dos textos revela a urgência dos fatos sociais e é essa caracterização ímpar que permite as distintas nuances depreendidas dos *corpora* literários. Nesse sentido, cada obra expressa um valor que se constrói a partir da perspectiva do autor e de como ele pensa em evidenciar isso ao leitor.

Recorrendo a Lukács (1965), quando o autor apresenta uma discussão acerca da arte de narrar ou descrever, é posto em destaque o caráter descritivo que imperou durante o século XIX nas representações realistas-naturalistas, mediante as quais o regionalismo tomou forma. Para Lukács (1965, p. 53-54):

O contraste entre o participar e o observar [narrar e descrever] não é casual, pois deriva da posição de princípio assumida pelo escritor, em face da vida, em face dos grandes problemas da sociedade, e não do mero emprego de um diverso método de representar

determinado conteúdo ou parte de conteúdo. [...]. O novo estilo brota da necessidade de configurar de modo adequado as novas formas que se apresentam na vida social.

A particularização de estilo, portanto, parte da necessidade advinda do contexto social que repercute na linguagem, a qual, por sua vez, sofre adaptações, como os recursos estilísticos, os pormenores linguísticos que se sobressaem frente a outros que predominavam e que levam o autor a novos intuitos, manifestados com o auxílio do código linguístico. Assim, o estilo da prosa ganha novos moldes, o detalhamento das cenas, o espaço em que estas ocorrem carregam bem mais do que simplesmente o ideal de plano de fundo, mas se misturam aos costumes dos personagens, confundem-se com os sentimentos que se despertam, tanto neles, quanto no leitor.

No instante em que pesa para o autor a necessidade de detalhar o que está no entorno dos seus personagens, seja o cenário, seja a caracterização das próprias pessoas, urge também a incorporação de elementos que contribuam para novas funções desempenhadas a partir da linguagem. As referidas condições sociais e a necessidade de abordagem de determinadas temáticas à luz do período que se vivenciava, permitiu à literatura dos anos 30 o trabalho com o estilo regionalista, demarcado por caracterizações linguísticas específicas e que corroboram os apontamentos feitos anteriormente. Restringindo ao cenário cearense, são muitos os léxicos que detalham as regiões do sertão, os costumes do povo do interior, suas credices, ditos e outras tantas pormenorizações que se propagam pelo recorte literário.

O panorama de uma sociedade acometida pelas constantes secas e as consequências desse problema são fortes na representatividade artístico-literária cearense, com exemplos presentes em obras como as de Rachel de Queiroz, Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo e de Patativa do Assaré. Esse cenário regionalista caracterizado pela seca, tampouco é representado apenas por escritores cearenses, mas por outros autores que também visaram a temática como proposição, sobre a qual alguns exemplos podem ser elencados, como os textos de José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida. O destaque, portanto, aos termos regionalistas, ao léxico que remete a essa configuração temática vêm à tona e a apreciação linguística é tomada na perspectiva com que se constrói socialmente, objetivando o recorte de uma comunidade.

No entanto, cabe ressaltar que a perspectiva regionalista não é limitada à representação do cenário de seca, fome, escassez de recursos advindos daquela. Há, nas diferentes regiões assim apresentadas, outras peculiaridades que as demarcam e que carregam também evidências da linguagem regional, exemplificadas por obras como as de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora, Jorge Amado.

Frente ao exposto, das distintas abordagens pertinentes ao regionalismo, faz-se importante tentar defini-lo, dado o contexto em que se apresenta a obra para análise nesta pesquisa. A caracterização imposta inicialmente às obras do ano de 1930 repercutiu de forma tão enfática que, como já citado, trouxe uma particularização errônea ao cenário dessa estética, bem como a outros elementos possíveis de ocorrência a partir deste. Desse modo, a crítica literária tende a classificar determinadas produções surgidas, com igual intento, em outras linhas que diferem da perspectiva regionalista. É com este viés de elucidar o contexto e as delimitações do romance de 30, que Dacanal (2018) busca definir este estilo, mas sem deixar em evidência o quão impreciso é a apresentação conceitual da estética regionalista.

Assim, o autor aponta que:

“[...] ele [romance de 30] identifica um fato claramente constatável no contexto da evolução da ficção brasileira: nunca antes em período de tempo tão curto tantos autores haviam escrito tantas obras temática e estruturalmente tão próximas entre si.” (DACANAL, 2018, p. 11).

É a partir dessa percepção que Dacanal interpreta a possibilidade de caracterização e definição do romance de 30, incluindo-se as limitações e excluindo do grupo determinadas obras em virtude da “exigência” de um cenário agreste e que tenha as evidências que os clássicos nesse estilo têm.

Bosi (2013), ao tratar da caracterização regionalista na literatura, expõe outros exemplos não tão propagados como os dos cânones literários, mas que evidenciam claramente registros que perpassam por distintos cenários e que constroem narrativas cujos estigmas não são, todavia, o da seca associado ao Nordeste. Assim,

Cascalho (1944) e *Além dos Marimbus* (1961) de Herberto Sales, obras que fixam com vigor aspectos e episódios da zona das lavras diamantinas da Bahia; *Os Carambas* (1933) e *Rua do Siriri* (1961), narrativas sergipanas de Amando Fontes, que serve o mérito de chamar a atenção para o submundo das populações marginais urbanas do Nordeste; *História da Cidade Morta* (51) e *Terra de Caruaru* (60) de José Condé, escritor que mais recentemente preferiu bater a estrada de rinabce de cistynes cariocas (*Um Ramo para Luísa*). (BOSI, 2013, p. 455).

Desse modo, embora identificadas com outros cenários de referência, as obras mencionadas foram agrupadas aos registros regionalistas, constituindo forte documentação de estudo e pesquisa acerca, não apenas do viés sociocultural de determinadas ambientações, mas também da linguagem ímpar selecionada para as distintas apresentações.

Esse cuidado com a linguagem é destacado dado o liame que o código linguístico estabelece com os demais pontos da narrativa e como a estruturação ganha forma à medida que

o autor põe em proeminência o cenário e o desenrolar dos fatos e do conflito pelos personagens. Moisés (2008, p. 136), ao falar do espaço, pontua que:

“[...] a frequência e a intensidade e densidade com que o lugar geográfico se impõe no conjunto de uma obra ficcional está em função das outras características. E a tarefa do analista consistirá especialmente em lhes conhecer a interação e a razão de ser.”

Um cenário mais natural ou outro com sinais de deterioração, por exemplo, não são postos de forma aleatória, mas condizem com o intuito artístico-literário que o autor quer, sobremaneira, evocar, seja pela estupefação que causa, seja pelo aprazimento dado ao leitor.

Cabe aqui, no entanto, a ressalva para a escrita especificamente regionalista do Ceará, a qual, conquanto haja representação sob outras vertentes para além da seca, demonstradas nos exemplos a nível nordestino, tem sido contemplada, principalmente, pelo viés primário com que surgiu. Tal afirmação não se restringe ao cânone literário, mas a outros nomes que também versaram sobre o panorama geográfico-ambiental.

Em suma, a apreciação regionalista remete à noção de particularidade, endossada por Aragão (2003, *apud* PONTES, 2003, p. 34), na apresentação do *Dicionário linguístico-literário de termos regionais/populares*, a partir do pressuposto de que:

A análise do léxico da linguagem regional/popular [...] mostra como o estudo da linguagem, em suas dimensões diatópica, diastrática e diafásica pode nos levar ao conhecimento não só da linguagem, mas do povo que a fala, de sua organização socioeconômica e de sua cultura: sua visão de mundo, seus conhecimentos, costumes, crenças e tradições.

Isso posto, depreende-se a associação da linguagem ao contexto de uso, uma vez que aquela é evidenciada, de forma particular, em comunidades específicas, mas também em conformidade com o nível social dos falantes e das intenções comunicativas que o autor tem e que se manifestam pelos traços desse povo, seja da cultura, das condições sociais, seja da língua.

É nessa busca das representações regionais cearenses pela ótica de uma autora pouca estudada e sobre a qual não há estudos específicos que tenham como objeto a linguagem com que a escritora apresenta seus personagens, a ambientação, assim como distintas caracterizações que compõem o Estado do Ceará, que se privilegia a abordagem linguística ao texto produzido.

Ainda que desprovida de trabalhos na área da Linguística, conforme já explicitado, a particularidade da linguagem de Emília Freitas é endossada em pesquisas cujos vieses, literários ou históricos, por exemplo, não se esquivam de destacar. Em uma ambientação que remete ao fantástico, a autora conseguiu dar visibilidade à realidade local, quebrando tabus

quanto à seleção de temas, representação social feminina e trazendo à tona o cotidiano do sertanejo.

Em Oliveira (2007), a autora destaca como, por meio da escrita, Emília Freitas conseguiu evidenciar expressões, frases que não se restringem à língua padrão, mas indícios de linguagem que caracterizam o modo de falar da região, assim como descrevem, pela seleção lexical feita, brincadeiras, jogos, costumes locais que trazem o panorama etnográfico e a manifestação cultural cearenses. Segundo Duarte (2000, p. 725): “[...] [o] livro se torna mais interessante à medida que se opera o cruzamento de vozes acionando o bilingüísmo e mesmo o multilingüísmo [...]”, o que reafirma a relevância da obra, assim como a evidência particularizada da linguagem regional imbricada com a via literária.

Tal proposição realizada por Emília Freitas quebra com os paradigmas de produção do século. A descrição de sua obra não comunga com as que estavam sendo veiculadas no momento, não somente pela escrita feminina, mas, principalmente, pela forma como seu realismo se confunde com eventos sobrenaturais e fantásticos, mas que não deixam de externar o regionalismo.

Não lhe cabia, por temperamento, mesmo por natural feminilidade, investir para os avanços da linha naturalista de contemporâneos seus da ficção cearense, como Pápi Júnior e Adolfo Caminha. Também não lhe achou conveniente à natural sensibilidade e escapelo de um Rodolfo Teófilo, mas digno de ser estudado como regionalista que como naturalista de grei literária, ou de Domingos Olímpio, devendo a sua maneira de ser, como a de Francisca Clotilde, comporta-se na preponderância costumista de Aves de Arribação, de Antônio Sales (COLARES, 1980, *apud* FREITAS, 1980, p.14)

O construto da obra é contextualizado pelo cenário da localidade de Passagem das Pedras, em Aracati, Ceará, onde parte do enredo acontece, introduzido pela lenda da aparição de uma mulher, denominada “A Funesta”, que leva desordem, roubos e outros problemas por onde passa. A partir disso, um curioso que estava na região, Dr. Edmundo, se vê encantado pela mulher e passa a relatar, pela sua percepção, o que acontece em meio à sociedade secreta de mulheres depois que nela consegue se infiltrar.

O romance se delinea em torno da trama do fantástico, mas envereda pela linguagem artística e de cunho regional com que a autora também expõe causos e costumes do interior, assim como as particularidades de fala de personagens desprovidos de estudo, além de temas cujas causas foram debatidas historicamente, como a abolição da escravatura. Embora, pois, divirja por um lado, quanto à seleção de temas que contempla na obra, por outro, a autora permite entrever o realismo de uma comunidade sertaneja.

À guisa de conclusão, compreende-se que a língua é identidade, reflexo das relações que os falantes estabelecem em sociedade e em consonância com as ideologias, concepções e ideias. Dar espaço para reconhecer esses valores, como eles são construídos e de que forma o léxico contribui para tal formação é, sem dúvida, um préstimo que agregará aos estudos de cunho linguístico.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Caracterização da pesquisa

A compreensão dos aspectos metodológicos da pesquisa é essencial para que o objeto de análise seja averiguado da melhor forma possível. Além disso, a evidenciação dos métodos de apreciação do *corpus*, seu detalhamento e como esse processo será organizado para a construção do objeto de estudo dá subsídio ao que se propõe alcançar com a pesquisa.

Dessa forma, a presente pesquisa se estrutura no método hipotético-dedutivo, considerando a análise que se faz, partindo das lacunas evidenciadas, sobre as quais foram estabelecidas hipóteses que serão averiguadas na análise de modo a confirmar ou refutar o que foi previamente apontado. Para Lakatos e Marconi (1992, p. 105): “[...] se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos [e] testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.”

O presente estudo se caracteriza ainda, quanto à abordagem, em uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo, também denominada como quali-quantitativa, uma vez que os dados tomados para análise não são considerados somente sob um aspecto e que as abordagens, embora distintas, facilitam a compreensão do fenômeno como um todo. Segundo Gatti (2007, p. 29):

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza) e, de outro, ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si.

Dada a complementaridade que as pesquisas qualitativa e quantitativa conferem à discussão e/ou análise da pesquisa, acerca da via qualitativa, salienta-se a abordagem das lexias de cunho regionalista que são analisadas a partir da obra *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas em via léxico-semântica e para constituição do glossário nos respectivos campos lexicais. Para isso, será necessário recorrer a embasamentos teóricos para auxiliar e fundamentar as seleções e análises realizadas. Quanto ao caráter quantitativo, após a conclusão do levantamento dos dados, apreciação e verificação comparativa de acepções nos dicionários da língua e nos regionais, pretende-se elencar uma apreciação geral acerca dos resultados, bem como gráficos e quantitativos quanto aos tipos de lexias que se sobressaem, prevalência de obra lexicográfica, classe gramatical pertinente, campos lexicais mais usuais e respectivas discussões.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Miles e Huberman (1994, *apud* GIL, 2008, p. 175) procuram elencar três pontos que organizam esse viés de análise, em que a redução, a apresentação e a verificação/conclusão são pontos cruciais que caracterizam este tipo de pesquisa. De forma análoga, respectivamente, este estudo parte da seleção do objeto de análise, demarcando o que será foco; seguido de exposição dos dados, em que se verifica a organização em conformidade com os pressupostos teóricos; finalizado com a sistematização e a conclusão de análise dos dados, de modo a estabelecer associação com as hipóteses e verificar a ocorrência do fenômeno. Enquanto isso, a pesquisa quantitativa traz uma representatividade numérica que auxilia no resumo dos resultados, oferecendo um panorama quanto ao que foi suscitado, bem como no comparativo de hipóteses e dados cristalizados.

Quanto aos objetivos da pesquisa, esta é descritiva, uma vez que, para Gil (2008, p. 28), “[tem] como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Assim, por meio da apreensão das formas linguísticas, é possível selecioná-las em concordância com a restrição da pesquisa, cuja base regionalista permite o reconhecimento da língua em um uso específico, particularizado quanto à representação de uma região.

No que diz respeito aos procedimentos que embasam o estudo, este é caracterizado pela pesquisa bibliográfica, que, segundo Lakatos e Marconi (2003, p.183), “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.” Por esse motivo, também, apresenta natureza básica, em que esse levantamento bibliográfico é imprescindível. De posse, pois, dos materiais pertinentes aos conteúdos aqui debatidos, a obra *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, será *corpus* deste estudo, sob o prisma linguístico não apreciado em outras investigações, de modo a destacar as lexias de caráter regional, mas analisando-as à luz dos pressupostos teóricos elencados e já debatidos em pesquisas diversas.

5.2 Delimitação do universo e da amostra

Ao passo que se compreende que não é possível tomar um *corpus* sem que haja recortes de modo a facilitar a verificação e a interpretação do fenômeno, os limites dessa investigação serão expostos a partir da seleção e identificação das lexias simples, complexas e textuais, como um todo, de caráter regional do Ceará, apreendidas da obra *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas.

Pontua-se ainda, quanto à obra, as edições já publicadas, sendo a primeira datada de 1899. A essa, no entanto, não se tem acesso, visto ser uma edição publicada quando a autora ainda era viva e, ao que tudo indica, está guardada na Biblioteca Riograndense. Após esse exemplar, outra edição foi elaborada por um estudioso da autora, datado de 1980, a que se acrescentaram novas informações contextuais, e a terceira, publicada pela Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edunisc), que fez algumas intervenções corretivas no texto.

A partir disso, outras organizações e publicações do exemplar buscaram inspirar-se nessas já reformuladas, dado o acesso restrito à edição primária. Dessa forma, comparando os livros publicados nos anos de 1980, 2003, 2016 e 2019 não são perceptíveis mudanças cruciais quanto às lexias, objeto foco deste estudo. As alterações são mais de ordem estrutural, como disposição dos parágrafos, organização dos períodos e pontuações. Nesse sentido e tendo em vista a facilidade de acesso físico ao material, optou-se pela versão de *A Rainha do Ignoto*: romance psicológico, da Editora 106, publicado no ano de 2019, como edição revista e atualizada com notas da professora Constância Lima Duarte.

Delimitada, portanto, a obra para depreensão dos dados, salienta-se que as lexias não serão limitadas quanto à ocorrência nas falas dos personagens, mas contemplarão também a narração propriamente dita. Nesse sentido, a limitação de seleção se dá consoante o aspecto regionalista cearense e as lexias em pauta servirão de base para os demais propósitos deste estudo.

Dada a imprecisão das ocorrências das lexias na obra em conformidade com a restrição seletiva, não será possível, *a priori*, delimitar um quantitativo a analisar, pois a verificação da pertinência regional e a consequente seleção serão ainda embasadas em fundamentações teóricas que auxiliem nesse recorte. Esclarece-se, todavia, que as lexias selecionadas serão consideradas ainda com uma ocorrência limitada a duas vezes, de forma que seja possível escrutinar o valor semântico em ambas e se a acepção se mostra idêntica ou distinta aos sentidos dicionarizados, postos em comparação, ou ainda, se não foi encontrado registro. O quantitativo elencado se dá de modo a evitar redundâncias, ao mesmo tempo que garante a possíveis pesquisadores depreenderem mais de uma acepção, caso tenha, à unidade lexical que constitui a entrada do glossário.

3.3 Procedimentos de coleta de dados

O reconhecimento de algumas caracterizações linguísticas passa, muitas vezes, por uma linha tênue de diferenciação, em que os conceitos são complexos ou ainda apresentados

de forma superficial e passíveis de questionamentos. De modo a evitar seleções e análises equivocadas, o estudo feito, para o qual lança-se mão dos pressupostos lexicológicos, buscou, *a priori*, as caracterizações das lexias e seus limites, o que permitiu um parâmetro para identificação, ainda que, entre os próprios teóricos, haja certas controvérsias.

Assim, considerando os critérios mais recorrentes e claros no que diz respeito à definição dos tipos de lexias, optou-se, neste trabalho, pelas classificações defendidas pela maior parte dos teóricos que as concebem como simples, complexas e textuais, embora haja quem as classifique, para além destas, como compostas. Desse modo, casos, por exemplo, como “capim-santo”, que na perspectiva de Pottier (1975) seria classificada como lexia composta, serão tomados nesta pesquisa como complexos, em virtude da convergência de conceituações de teóricos como Borba (2003) e Biderman (1978, 1999). Assim, o reconhecimento das lexias como simples, complexas e textuais será considerado para este estudo e, no tocante à evidência regionalista, já que corresponde a outro ponto de pertinência para a investigação e para o qual os embasamentos dialetológicos foram considerados para a afirmação do traço regional, serão especificados os critérios de seleção.

Enfatiza-se, além disso, que a identificação das lexias passará por três verificações, possíveis por meio de leituras e releituras que garantam a contemplação da totalidade dos dados e a retirada de possíveis dúvidas quanto às classificações e/ou à pertinência regional. O processo de identificação será concomitante ao preenchimento da ficha, tendo em vista o registro dos dados necessários a cada entrada.

Como serão postas em verificação os três tipos de lexias, o registro da classificação será exposto na ficha lexicográfica dos itens lexicais, que será exemplificada mais à frente. No Quadro 1, abaixo, destacam-se os critérios acerca da identificação e conseqüente seleção das unidades lexicais simples, complexas e textuais da obra *A Rainha do Ignoto*.

Quadro 1 – Critérios para identificação/seleção das lexias para análise (Continua)

IDENTIFICAÇÃO/SELEÇÃO DAS LEXIAS PARA ANÁLISE	
Conceituação	Considerando os distintos teóricos que discorrem sobre as lexias, buscar as que atendem aos conceitos expostos por Borba (2003) e Biderman (1978, 1999).
Caráter regionalista dicionarizado	Ao marcar uma região pela seleção de evidências linguísticas, as lexias identificadas na obra serão averiguadas quanto à regionalidade por meio da verificação em dicionários de termos regionais/populares, de-

Quadro 1 – Critérios para identificação/seleção das lexias para análise (Conclusão)

	vendo constar em, pelo menos, um dos analisados.
Caráter regionalista prototípico da autora	É possível encontrar evidências que não sejam identificadas nos dicionários de termos populares/regionais, mostrando a peculiaridade da autora quanto à seleção, com traços de um glossário próprio. Frente a essa possibilidade, o teste de ocorrência será feito com dicionários da língua portuguesa, em suas compilações de vocábulos, de sorte a verificar se a lexia é de fato regional e não dicionarizada ou não pertencente ao grupo e já apontada pelos estudos lexicográficos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a identificação dos itens lexicais demarcados na obra e conferidos quanto à representação das lexias específicas, estas passarão a ser escrutinadas em paralelo com os dicionários, onde serão buscadas as evidências de ocorrência, as acepções com que são postas ou se não constam nas obras dicionarizadas. Para melhor atender ao critério de regionalismo, serão verificados não apenas dicionários de língua, mas também os regionais, os quais são detalhados quanto ao autor na figura que será apresentada. Os casos marcados como “Não se aplica”, por exemplo, serão úteis para o encontro de uma linguagem particularizada da autora, com neologismos, arcaísmos ou outras acepções de uso que reforcem a necessidade de criação de um glossário próprio da autora.

Desse modo, o levantamento dos dados poderá, ao final, ser reduzido em virtude da não contemplação dos critérios conforme estabelecidos na figura acima, tendo em vista que a seleção de caráter regional ocorrerá em conformidade com o julgamento da pesquisadora, quanto a essa pertinência, o que poderá ser refutado, caso não seja encontrado em, pelo menos, um dos dicionários populares. A outra via que permite contemplar a lexia ainda que não conste no dicionário popular, somente acontecerá se as definições encontradas nos dicionários da língua não forem claras quanto à acepção indicada na obra, ou ainda, se não for identificada nos dicionários de língua selecionados para a análise comparativa.

Pautado, pois, no exposto, será possível construir um *corpus* que tem garantia quanto à pertinência regionalista pelos comparativos entre os dicionários de língua e os regionais, além da classificação um pouco mais abrangente, objetiva e clara acerca das lexias depreendidas da obra.

Para isso, portanto, a ficha catalográfica exibida abaixo, no quadro 2, mostra como serão estruturadas, de modo a facilitar a posterior construção do glossário e dos campos lexicais.

Quadro 2 – Ficha lexicográfica das unidades lexicais

Entrada:		
Aspectos gramaticais:		
Definição:		
Abonação:		
Variantes:		
Remissivas:		
Indicativo de dicionarização ou não das entradas		
Dicionarização – dados de língua		
DA - Dicionário Aurélio	DH - Dicionário Houaiss	DM – Dicionário Michaelis
() LND	() LND	() LND
() LDAC	() LDAC	() LDAC
() LDAD	() LDAD	() LDAD
() LDAE	() LDAE	() LDAE
Dicionarização – dados regionais/populares		
DP - Dicionário popular/regional – Pontes	DC – Dicionário popular/regional - Cabral	DS – Dicionário popular/regional - Seraine
() LND	() LND	() LND
() LDAC	() LDAC	() LDAC
() LDAD	() LDAD	() LDAD
() LDAE	() LDAE	() LDAE
Notas linguísticas e/ou enciclopédicas:		

Fonte: Adaptada de Marinho (2018)

Assim, considerando os dados que caracterizam a ficha exposta e de modo a especificar os termos que a compõem, apresenta-se:

Entrada: ocorrência identificada na obra *A Rainha do Ignoto*.

Aspectos gramaticais: informações acerca da classe gramatical, categoria da lexia de entrada.

Definição: proposição construída pela autora em conformidade com o contexto de aplicação na obra e com apoio das acepções registradas nos dicionários analisados.

Abonação: exemplificação da ocorrência da lexia por meio de trecho do texto, com indicação de página.

Variantes: formas que constituem igual referência à acepção identificada na obra.

Remissivas: situação de ocorrência da referida lexia em paralelo a outras apresentadas na obra em virtude das relações de significação mantidas entre elas.

Indicativo de dicionarização ou não das entradas: exibição de correspondência com as obras da língua ou regionais/populares, com siglas correspondentes ao dicionário analisado. Devido ao reconhecimento de qualidade e avaliações feitas por usuários, os dicionários de língua utilizados foram: *Aurélio*, versão eletrônica 5ª edição, 2010 (DA); *Houaiss*, versão digital 1ª edição, 2009 (DH); *Michaelis*, versão digital 3ª edição, 2015 (DM). Quanto aos de termos populares/regionais, os dicionários foram: *Dicionário linguístico-literário de termos regionais/populares: Norte/Nordeste*, de Pontes (2003) (DP); *Dicionário de termos e expressões populares*, de Cabral (1982) (DC) e *Dicionário de Termos Populares: registrados no Ceará*, de Seraine (1991) (DS). Acrescenta-se que, para eventuais dúvidas, outras obras lexicográficas foram consultadas e constam nas referências. A análise ainda será feita de modo a categorizar a lexia quanto ao tipo de acepção com que é identificada, se com um valor semântico dicionarizado complementar (LDAC); se com acepção diferente (LDAD); se com acepção equivalente (LDAE) ou, caso não seja encontrado registro de dicionarização, será demarcada como lexia não dicionarizada (LND). Após a letra “L” será(ão) acrescida(s) a(s) letra(s) correspondente(s) à abreviatura da lexia classificada: se simples, S, se complexa, C e se composta, CP. Assim, por exemplo, para o caso de uma lexia simples não dicionarizada, tem-se: LSND. Para uma lexia composta com acepção equivalente: LCPAE.

Notas linguísticas e/ou enciclopédicas: Informações não contempladas na definição da lexia de entrada, por ser algo mais geral, ou somente complementar quanto ao conhecimento da lexia regional.

Mediante o exposto, reforça-se que cada lexia identificada na referida obra será computada em até duas vezes, de modo a comprovar o sentido que expressa, em conformidade com o contexto da ocorrência. Após os comparativos com os aspectos semânticos, levando em consideração os dois tipos de dicionários, haverá recorte necessário para contemplar somente as lexis simples, complexas e textuais de base regionalista ou não dicionarizadas nas obras lexicográficas da língua, ou ainda registradas, mas com acepção diferente, que levarão à organização do glossário e dos campos lexicais.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Finalizadas as seleções que atendem ao recorte deste intento, o estudo se desdobrará a partir da contextualização do que for encontrado, suscitando a apreciação semântica. Os *corpora* identificados passarão, enfim, à análise e serão estruturados no glossário a partir do qual serão construídos os campos lexicais. Diferentemente da estruturação de outros trabalhos que partem dos campos lexicais, previamente limitados à temática específica de análise, esta proposição pretende contemplar, posteriormente, as unidades lexicais em campos respectivos.

Compreende-se que as lexias, ao passarem pelo escrutínio da abordagem léxico-semântica, permitirão a retomada e, conseqüentemente, o reconhecimento das linhas de abordagem da dialetologia e da etnolinguística, considerando as especificidades correlacionais das unidades léxicas com as referidas áreas e como estas interpretam os recursos linguísticos em conformidade, pois, com o espaço geográfico e com a relação cultural e social.

Em retomada aos objetivos e às hipóteses desta pesquisa, elencou-se, como procedimento metodológico, a elaboração de gráficos com referências quantitativas quanto às classificações das lexias trabalhadas, em verificação às mais recorrentes dentro da obra, o que também é válido para as caracterizações dialetológicas mais sobressalentes no aspecto regional. Esta informação, por sua vez, já auxiliará na construção dos campos lexicais, que serão estruturados depois da verificação léxico-semântica das lexias no contexto da obra. Para os campos lexicais, macrocampos, microcampos e/ou subcampos, também serão construídos gráficos que melhor evidenciem a pertinência léxico-semântica, de modo a verificar as hipóteses elencadas no início desta pesquisa.

Assim, de modo a esclarecer a identificação e análise léxico-semântica inicial das lexias, em consonância com os critérios outrora expostos, apresenta-se exemplos de cada umas das classificações exibidas:

1. “Ele concordou logo que Valentim tinha um pouco de razão, pois estava fora de dúvida que, por aquelas **paragens**, existia a verdadeira causa que dava origem à crença do povo.” (E.F. p. 27)
2. “– Deixe de gracejo, camarada – replicou, com um **riso amarelo**.” (E.F. p. 209)
3. “– Muito bem, senhor do Poço, gosto de ver um homem assim, franqueza em todo caso. – Não sou de caixas encouradas, meu caro – tornou o matuto. – **Pão, pão, queijo, queijo**.” (E.F. p. 75)

Observa-se, nos exemplos acima, a presença das lexias simples, complexas e textuais, respectivamente, de acordo com os critérios estabelecidos pelos teóricos especificados para fundamentar essa análise. Destaca-se a alternância de exemplos quanto ao contexto em

que foram depreendidos, sendo o primeiro exemplo proveniente do narrador da história e os dois últimos das falas dos personagens.

Salientando a análise comparada com as acepções dos dicionários da língua e dos regionais, apresenta-se, a seguir, no quadro 3, a ficha lexicográfica, detalhada anteriormente, preenchida com o primeiro exemplo exposto:

Quadro 3 – Exemplificação de análise da lexia simples “paragem”

Entrada:	Paragem	
Aspectos gramaticais:	Substantivo feminino	
Definição:	Lugar ermo, distante da povoação.	
Abonação:	“Ele concordou logo que Valentim tinha um pouco de razão, pois estava fora de dúvida que, por aquelas paragens , existia a verdadeira causa que dava origem à crença do povo.” (E.F. p. 27)	
Variantes:	-	
Remissivas:	-	
Indicativo de dicionarização ou não das entradas		
Dicionarização – dados de língua		
DA - Dicionário Aurélio	DH - Dicionário Houaiss	DM - Dicionário Michaelis
() LSND	() LSND	() LSND
() LSDAC	() LSDAC	() LSDAC
() LSDAD	() LSDAD	() LSDAD
(X) LSDAE	(X) LSDAE	(X) LSDAE
Dicionarização – dados regionais/populares		
DP - Dicionário popular/regional - Pontes	DC – Dicionário popular/regional - Cabral	DS – Dicionário popular/regional - Seraine
() LSND	() LSND	(X) LSND
() LSDAC	() LSDAC	() LSDAC
() LSDAD	() LSDAD	() LSDAD
(X) LSDAE	(X) LSDAE	() LSDAE
Notas linguísticas e/ou enciclopédicas:	NE: Os DA, DH e DM registram uma acepção antiga do termo como correspondente à parte do mar acessível à navegação.	

Fonte: Adaptada de Marinho (2018)

3.4.1 Organização do glossário

Ao fim, pois, da sistematização dos dados e do comparativo com as obras lexicográficas, o trabalho partirá para a composição do glossário com as lexias de caráter regionalista que se configuram como unidades de análise relevantes empregadas pela autora Emília Freitas. Considerando o exposto na fundamentação, acerca da justificativa de construção de glossário como obra lexicográfica, serão apresentadas as estruturas que compõem a constituição daquele, a saber, a macroestrutura, medioestrutura e microestrutura, sobre as quais já se discorreu.

Antes da exposição específica de cada uma das partes, reitera-se a importância do glossário para o público-alvo, que não se restringe a pesquisadores da área, mas também aos interessados na obra em questão ou de outras áreas que consideram a pertinência dos estudos lexicais.

Os itens lexicais seguirão uma organização não necessariamente alfabética, pois serão condicionados aos campos lexicais evidenciados, os quais marcarão o agrupamento de lexias que contêm o mesmo valor semântico do campo, independentemente da estrutura de macrocampo, microcampo ou subcampo. Dentro de cada campo, no entanto, os itens serão arrolados em ordem alfabética, atendendo-a como forma de facilitar o acesso por parte do consulente.

Ainda sobre a construção dos campos lexicais, ressalta-se a não previsibilidade dos valores semânticos que seriam depreendidos, no que diz respeito à totalidade, embora hipóteses tenham sido apontadas quanto às possíveis temáticas que serão identificadas, dada a caracterização regional da obra. Assim, embasados também nas caracterizações de ordem dialetológica admissíveis a partir das unidades lexicais selecionadas, acredita-se que os campos lexicais preponderantes sejam os que remetem ao comportamento e às ações do homem sertanejo; à fauna e à flora locais; a objetos de uso pessoal e/ou profissional; a adjetivações dos traços característicos do homem, dentre outros de menor recorrência.

Ademais, aponta-se o contexto histórico no qual a obra está inserida, podendo haver especificidade de linguagem ainda em voga no século XIX e que possa ter caído em desuso, o que torna a investigação relevante dada também a contribuição que pode oferecer no tocante à retomada da língua em um contexto diferente e cujas especificidades linguísticas suscitem aprendizados e outras reflexões.

Preenchidas, portanto, as fichas lexicográficas com o levantamento das lexias simples, complexas e textuais cuja caracterização fosse a regionalista, identificada na obra *A*

Rainha do Ignoto de Emília Freitas, partiu-se para o recorte quanto à apresentação ou não das acepções no que concerne à dicionarização, seja nas obras lexicográficas da língua, seja nas populares/regionais.

Observa-se que, durante esse levantamento, concomitantemente, já eram listadas as ocorrências, em até duas vezes, das lexias, de modo a verificar a acepção com que se apresentavam na obra. Concluídas essas anotações, verificou-se, de antemão, os contextos em que as lexias ocorriam, assim como os possíveis campos que seriam constituídos. Revisados os arquivos com as unidades, passou-se à estruturação dos campos, conforme a Teoria dos Campos Lexicais por Coseriu (1981b) e, em consequência, do glossário.

Além disso, uma vez que não foram identificados trabalhos realizados cuja apreciação dos campos deu-se posteriormente à seleção das lexias, assim como não houve delimitação de valor semântico prévio atribuído para a escolha das unidades lexicais, levando-se em conta também a Teoria de Coseriu (1981b), considera-se que este trabalho se mostra pioneiro quanto a esse tipo de abordagem e análise léxico-semântica.

Portanto, as obras em análise comparativa, dicionários de língua e de termos regionais, assim como o embasamento teórico e o julgamento da pesquisadora serviram de amparo para o estabelecimento dos semas, como representações demarcadoras das oposições mínimas que possibilitaram a criação dos campos, em relação com os termos identificados no levantamento. A seguir, será explanado sobre a organização dos campos e do glossário.

3.4.1.1 Da macroestrutura do glossário

Segundo Polguère (2018, p. 244, grifo do autor), “A *macroestrutura* de um dicionário é sua ossatura geral. Ela se organiza de uma sucessão de descrições de vocábulos, ordenadas alfabeticamente.” Contrariando um pouco, de início, a indicação que geralmente se dá no que diz respeito à organização de obra lexicográfica, o glossário desta pesquisa terá estruturação inicial com base nos campos lexicais formulados, sejam eles macrocampos, microcampos e subcampos, em conformidade com os desdobramentos possíveis dadas as lexias em análise.

Assim, as unidades lexicais serão analisadas considerando o embasamento da Teoria dos Campos de Coseriu (1981b), que apresenta, como caracterizações básicas para a composição, os valores em comum que terão para que se oponham a outras que, por sua vez, constituirão outros campos lexicais. Ao mesmo que tempo que compartilham de um referido campo, “[...] [compreende-se] o *macrocampo* como um campo superior com totalidade

articulada, composto por uma soma de lexias organizadas que farão parte de campos inferiores, os *microcampos*.” (ABBADE, 2012, p. 152, grifos da autora)

Desse modo, as lexias serão encaixadas em grupos específicos cuja caracterização comum interna se opõe a outros grupos, havendo uma sistematização hierárquica, que propiciará, caso se faça necessário, a criação também de subcampos. Logo, em face dessa estrutura hierárquica, que contempla as unidades lexicais em virtude da caracterização comum e dos traços distintivos, apresenta-se: macrocampo>microcampo>subcampo.

Com base, pois, na delimitação dos campos lexicais e nos desdobramentos referentes a macrocampo, microcampo e/ou subcampo, as lexias serão dispostas no glossário seguindo a ordem de cada macrocampo e correspondentes formações. Neles, serão exibidas as lexias, em ordem alfabética, de modo a facilitar o acesso às informações de caráter regionalista, que delineiam a cultura, as vivências, os comportamentos, dentre outras especificidades da região, concomitante à facilidade de identificá-las no glossário.

O glossário de *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas tem como referência esta única fonte, em virtude da inacessibilidade às demais produzidas, configurando-se como uma produção monolíngue, considerando o uso da Língua Portuguesa para a caracterização das entradas e das outras informações. A produção não tem um público-alvo delimitado, uma vez que, tanto pesquisadores, quanto estudantes, e outros interessados na área, podem usufruir dos dados expostos, utilizando-os para apropriação e aprofundamento das informações condizentes com o aspecto regional do Ceará.

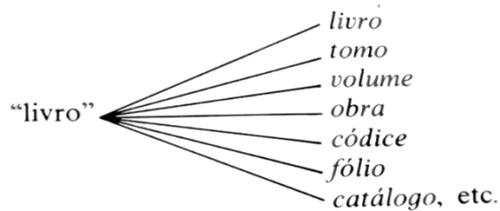
A nomenclatura do glossário é composta por 317 unidades lexicais, especificadas por substantivos, adjetivos, formas verbais, advérbios e outras entradas que serão tratadas, neste trabalho, de expressões ou provérbios, caso assim sejam classificados nos dicionários consultados e que correspondem às lexias mencionadas anteriormente: simples, complexas e textuais, conforme teorias de Borba (2003) e de Biderman (1978, 1999).

Acerca da análise da estrutura quanto ao significado, Biderman (1978) apresenta os campos semasiológicos e os onomasiológicos, sendo o primeiro correspondente às significações, enquanto o segundo se direciona para os significantes. Considerando os exemplos apontados pela autora e a informação de que “De fato, na confecção de um dicionário unilíngue, o lexicógrafo procura alistar todos os significados de cada palavra do léxico, organizando, assim, nos seus verbetes, os campos semasiológicos dos lexemas da língua em apreço.” (BIDERMAN, 1978, p. 157)

Desse modo, como se parte das lexias para a significação que elas carregam em conformidade com o contexto da obra, o enfoque dado será à Semasiologia, em contrapartida à

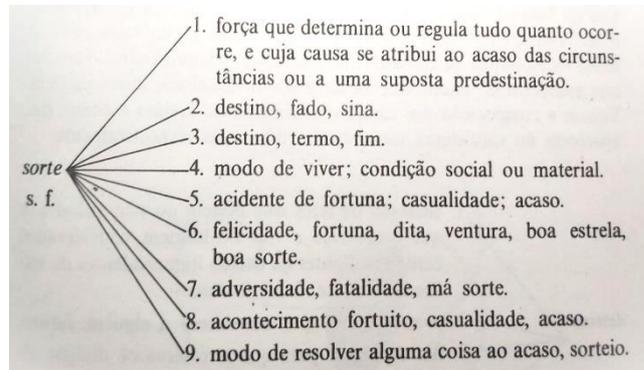
Onomasiologia, como se pode perceber pelas Figuras 2, 3 e 4, representadas abaixo, a diferença de abordagem.

Figura 2 – Campo onomasiológico



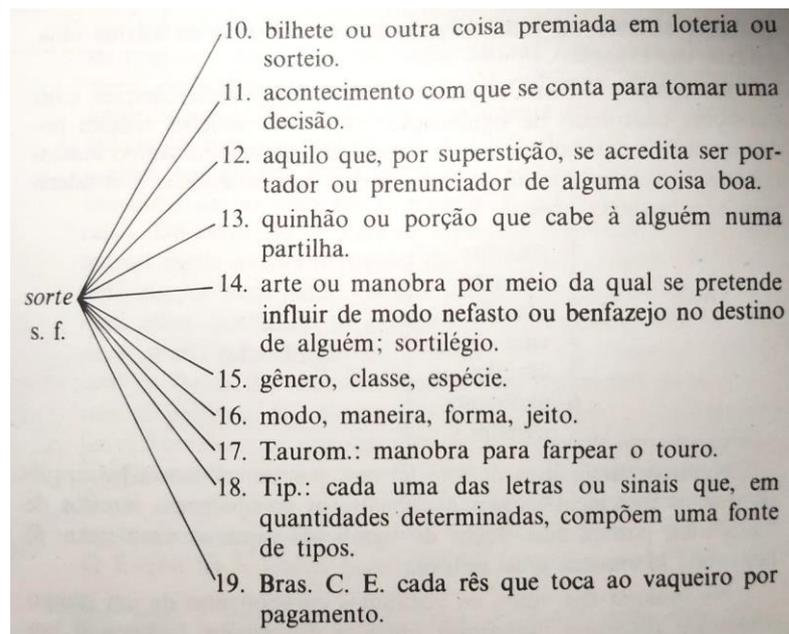
Fonte: BIDERMAN (1978, p. 157)

Figura 3 – Campo semasiológico (Continuação)



Fonte: BIDERMAN (1978, p. 151)

Figura 4 – Campo semasiológico (conclusão)



Fonte: BIDERMAN (1978, p. 152)

Observa-se, pela figura 2, como a Onomasiologia considera o significante e o vincula a outros cujo valor semântico seja equivalente, em uma abordagem que se configura como contextual do ponto de vista de quem fala, uma vez que este deve selecionar dentre as diversas formas a que melhor o atende. Na Semasiologia, como perceptível pelas figuras 3 e 4, são considerados, frente a um significante, todos os significados possíveis, distribuídos como um sistema e tendo como base os valores semânticos afins que são pertinentes à referida lexia.

No que concerne à homonímia e à polissemia, pautado em Marinho (2018), a autora elenca, dadas a insuficiência dos critérios de distinção e a não abordagem à etimologia, que é preferível não abordar os termos na análise, não havendo, por isso, distinção de entrada das lexias homonímicas ou polissêmicas. Já no que diz respeito aos sinônimos e variantes, estes serão contemplados dentro da própria entrada, nas notas linguísticas e/ou enciclopédicas, uma vez que, para Aragão (2014, p. 9): “[...] [a] sinonímia é uma questão de gradação e de variação quer linguística, quer extra-linguística, [...] não há sinônimo perfeito, uma vez que o semema de nenhum item lexical recobre totalmente o semema de outro item.”

Em suma, cada campo lexical será apresentado em seus respectivos macrocampos, microcampos e subcampos (para os que realmente necessitem, considerando a possibilidade de divisão) e seguidos das entradas, que serão apresentadas em caixa alta, negrito, acompanhadas das informações gramaticais, em itálico. Assim, as entradas serão apresentadas em suas formas nominais e constarão das seguintes abreviaturas em itálico: substantivo – *s.*; adjetivo – *adj.*; verbo – *v.*; verbo-pronominal – *v. pron.*; advérbio – *adv.*; locução adverbial – *loc. adv.*; interjeição – *interj.* Como serão acompanhadas do gênero, estes serão expostos, atendendo à forma lematizada, no masculino, singular, dentro das possibilidades das lexias, quando não, atenderão à forma feminina ou comum aos dois gêneros. Serão exibidas, portanto, desta forma: masculino – *m.*; feminino – *f.*; comum de dois gêneros – *c2g.* Caso seja uma entrada correspondente à expressão ou provérbio, haverá a marcação *exp.* ou *prov.*

Destaca-se que serão consideradas frases, expressões, provérbios (quando não assinalados assim nos dicionários), entre outros termos equivalentes, como expressões. Vale salientar que as entradas serão também apresentadas no singular, salvo alguma exceção que, forçosamente, seja grafada no plural, para a qual haverá a marcação *pl.* Ademais, se alguma entrada apresentar mais de uma acepção na obra, ocorrerá a enumeração do verbete, a fim de que constem os dois sentidos.

3.4.1.2 Da medioestrutura do glossário

Com base no já exposto acerca da medioestrutura, compreende-se que esta parte contempla as redes associativas que são estabelecidas entre as entradas, de modo que o consulente consiga perceber as relações de significação por elas evidenciadas. Nesse sentido, podem ser feitas referências a sinônimos ou variantes, em que se denotem essas possíveis associações.

Esse nível de estrutura demarca um importante elemento dentro do dicionário, considerando uma de suas funções, que seja a de levar o pesquisador a discernir um sentido de outro, esclarecendo os valores semânticos que se aproximam e que são identificados à medida que os contrapõe. Configura-se, pois, como uma via em que o consulente pode verificar sua percepção em comparativo com o que se depreende no glossário, seja na entrada específica, nota e/ou informativo que o direcione para outra entrada.

Para Marinho (2018), em seus estudos, em situações em que o usuário é levado diretamente para as remissivas, estas se classificam como explícitas e devem, obrigatoriamente, ser marcadas por “v. (veja)”. Já nas situações em que esta abreviatura não aparece, para o caso de várias palavras que são postas em sequência e com a primeira se relacionam, são classificadas como implícitas e não apresentam o teor de obrigação por parte do usuário, mas de sugestão e é marcado por “cf. (confronte)”.

Desta forma, para a medioestrutura, a marcação no glossário construído a partir da obra *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas, será **V.** (grafada em maiúscula, negrito e itálico, equivalente a veja) e localizada após a entrada. Sua presença indicará casos de sinonímia e/ou parassinonímia, mediante as quais o consulente precisará recorrer à acepção de outra entrada, considerando a obrigatoriedade desta marcação. Após a abreviatura, haverá a presença da outra lexia para a qual deve remeter e onde será possível complementar as informações sobre os termos.

3.4.1.3. Da microestrutura do glossário

Acerca da microestrutura, estabelece-se, nesse nível, as informações de ordem diversa, grafadas de distintas formas e em que ocorre o detalhamento do verbete-entrada. Essa parte da estrutura, se comparadas as obras lexicográficas, pode variar consideravelmente, pois, conforme já exposto, embasados em Borba (2003), a complexidade do verbete depende da combinatória contextual, das informações que serão apresentadas acerca dele.

De modo a esclarecer quais elementos serão expostos no glossário da obra *A Rainha do Ignoto*, apresenta-se um resumo com os respectivos componentes, sendo antecidos pelo sinal de adição (+) os que, necessariamente, comporão o glossário, estando, pois, em todas as entradas, e os antecidos pelos sinais de mais ou menos (+/-), que indicam os elementos que podem estar ou não nas entradas, o que dependerá da natureza do verbete analisado.

Quadro 4 – Elementos da estruturação do glossário

<p>[+ Entrada (verbetes-entrada) + Informações gramaticais +/- Variante léxica + Definição + Abonação +/- Remissiva + Indicação de dicionarização ou não do verbete +/- Nota linguística/Enciclopédica]</p>

Fonte: Adaptada de Marinho (2018)

Considerando, portanto, o exposto na microestrutura do glossário desta pesquisa, constarão os elementos já apresentados na ficha caracterizada no ponto 3.2, sobre os procedimentos de coleta dos dados, e que será detalhada aqui com especificidades no que diz respeito à apresentação dentro da produção.

Assim, após a entrada, explicitada na macroestrutura, será exposta, caso tenha, a variante léxica, que será exibida com inicial maiúscula, negrito e itálico, com a marcação *Var.*, mas não restrita à obra, pois serão contempladas as variantes registradas nas obras lexicográficas consultadas de modo a possibilitar uma maior abrangência dos valores semânticos por parte do usuário.

No tocante à definição do verbete-entrada, esta constituirá importante parte do glossário, pois fará referência à acepção com que o autor utilizou o termo dentro da obra, na qual se denota o valor regionalista a ele concedido. Para Pontes (2009, p. 186), “[...] a definição enciclopédica explica por meio da língua a realidade ou referente, representada pela entrada, a qual se diferencia da definição linguística, que apenas objetiva explicar o significado das palavras”. Nesse sentido, o comum é fazer uso de palavras simples, corriqueiras, sinônimos, considerando o uso diatópico a que essas lexias foram limitadas. Assim, para a construção da definição, para além da percepção da pesquisadora acerca do que a autora manifestou no texto, serão consideradas as definições presentes nos dicionários consultados para que seja elaborada uma definição própria do glossário. Para os casos em que não haja registro nos dicionários, sejam eles de língua, sejam os populares, a definição será feita com base na compreensão da pesquisadora sobre o exposto pela autora, inspirada pelo contexto de uso.

A abonação, por sua vez, representa um trecho extraído da obra em que se depreende a lexia de entrada e que melhor situa o usuário acerca do valor semântico utilizado, bem como a referência de uso do termo, o que comunga com a percepção de Biderman (2001a, p. 18), para a qual este elemento é “[...] essencial para explicitar claramente o significado e/ou uso registrado na definição.” Será, pois, apresentada após a definição, a abonação entre aspas e, ao final, entre parênteses, a referência das iniciais da autora, em caixa alta, seguidas de pontos (E.F. – Emília Freitas), ano da obra em análise (2019) e página de onde foi extraído o excerto. Salienta-se que, no referido excerto, a lexia em análise estará destacada em negrito.

As remissivas, conforme já esclarecido sobre, serão expostas após a abonação, entre aspas, em minúsculo e em itálico, e introduzidas, segundo também exibido anteriormente, por *V.* (veja). Alguma outra informação que não tenha caráter obrigatório, no que diz respeito à relação que estabelece, mas que somente auxilie a complementar alguma informação mais geral sobre a lexia, entrará como nota linguística e/ou enciclopédica, que ficará ao final do glossário.

O glossário constará ainda da indicação de dicionarização ou não da lexia em análise. As lexias foram depreendidas tanto da fala dos personagens, como do narrador, e comparadas com três dicionários da língua, em suas versões online, Aurélio (DA), Houaiss (DH) e Michaelis (DM), e três dicionários de termos populares/regionais, em suas versões físicas, Cabral (DC), Pontes (DP) e Seraine (DS), cujas abreviaturas seguirão acompanhadas das lexias correspondentes, conforme o que se explicitará abaixo.

Desse modo, ao final da abonação e/ou da remissiva, constarão as abreviaturas correspondentes ao tipo de lexia, se simples, complexa ou textual, e a indicação de dicionarização ou não conforme os dicionários mencionados e seguindo, ainda, o tipo de aceção com que aparece na obra, se for o caso. Há registros em que as lexias podem ter aceções equivalentes; em outros, o sentido pode ser complementar e há também os casos de identificação diferente da aceção que consta na obra em análise para a que é registrada na obra lexicográfica. Para isso, poderão ser apresentadas as seguintes abreviaturas, para as não dicionarizadas e dicionarizadas, respectivamente: LSND (lexia simples não dicionarizada), LCND (lexia complexa não dicionarizada), LTND (lexia textual não dicionarizada); LSDAE (lexia simples dicionarizada com aceção equivalente), LSDAC (lexia simples dicionarizada com aceção complementar), LSDAD (lexia simples dicionarizada com aceção diferente); LCDAE (lexia complexa dicionarizada com aceção equivalente), LCDAC (lexia complexa dicionarizada com aceção complementar), LCDAD (lexia complexa dicionarizada com aceção diferente); LTDAE (lexia textual dicionarizada com aceção equivalente), LTDAC (lexia textual dicionarizada com aceção complementar), LTDAD ((lexia textual dicionarizada com aceção diferente).

As notas linguísticas, por sua vez, serão exibidas ao final, em que seja possível inserir dados que explicitem dados de natureza diversa, tanto no que diz respeito aos elementos linguísticos como fatos associados à morfossintaxe, à etimologia e a demais informações que estejam nos dicionários consultados. Serão exibidas com a abreviatura **NL**, assim grafada, em negrito, caixa alta e seguida de dois pontos.

Acerca das enciclopédicas, de forma mais específica, poderão ser coligidas curiosidades, complementações dignas de nota, abordagens socioculturais e/ou outros adendos

que a pesquisadora julgue úteis para os consulentes, conforme lexia em análise. Quanto à apresentação, também ao final, será abreviada em **NE**, similar à nota linguística, em negrito, caixa alta e seguida de dois pontos.

Em síntese, para o caso de haver outras acepções, na obra, para a mesma entrada, o verbete-entrada será repetido com a mesma formatação, mas precedido por enumeração equivalente aos usos distintos depreendidos na obra, que será exibida de forma sobrescrita. Sobre isso, Pontes (2009, p. 140) esclarece que:

[...] a palavra entrada pode pertencer a mais de uma categoria ou a mais de uma subcategoria. Nesse caso, a microestrutura se organiza de modo que, em primeiro lugar, aparecem as acepções correspondentes a seu uso como adjetivo e, em seguida, como substantivo, ou, tratando-se de um verbo, como transitivo, intransitivo, pronominal.

Nos casos em que isso acontecer, a ordem de disposição será, portanto, conforme o exposto por Pontes (2009), adjetivo, substantivo, verbo, se coincidirem dentro do mesmo campo lexical. Se pertencerem à classe igual e, ainda assim, pertencerem também ao mesmo campo lexical, serão dispostos segundo a ordem em que constam na obra *A Rainha do Ignoto*, no que tange ao aparecimento da primeira acepção, da segunda e assim sucessivamente. Os demais casos de ocorrência do mesmo verbete serão alocados em conformidade com a disposição dos campos lexicais e com numeração crescente à organização dos campos, segundo a ordem alfabética deles.

Coloca-se em observação ainda que, em virtude da organização do glossário por campos lexicais, em situações de repetição do verbete com acepções distintas, cada um estará no espaço correspondente ao seu campo lexical, mas com remissiva indicando a outra entrada, a fim de distinguir as acepções e melhor orientar o consulente.

Expostos, enfim, os processos teórico-metodológicos que explicitam como o glossário e os respectivos campos lexicais serão formados, a seguir, apresenta-se a sessão que contempla a produção lexicográfica propriamente dita e, posteriormente, no tópico 5 deste trabalho, a análise e a discussão dos dados.

4 GLOSSÁRIO DOS CAMPOS LEXICAIS REGIONALISTAS/POPULARES DA OBRA *A RAINHA DO IGNOTO* DE EMÍLIA FREITAS

4.1 Campo lexical: alimento

4.1.1 *Macrocampo: produzidos à base de milho*

ALUÁ *s. m.*

Var.: aruá.

Bebida produzida a partir da farinha de milho ou de cascas de frutas, como o abacaxi, gengibre, erva-doce e adoçada com açúcar, caldo de cana ou rapadura. “- Mando ver bolo, canjica, **aluá**, o que o senhor quiser, mas isso é só para as moças, e não para os velhos.” (E.F. p. 110). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC registra que a palavra vem do árabe **haluah**, através do quimbundo **ualaá**, cerveja de milho com acutização. Em DH e DM, registra-se a variável aruá; em DA, apresenta-se como aruá, comum na BA. **NE:** DS diz ser usual no Ceará geralmente servida nas tradições das festas juninas, o que vem diminuindo desde algum tempo.

CANJICA *s. f.*

Var.: curau, coral, papa de milho, canjiquinha, mugunzá, munguzá.

Papa cremosa feita com milho verde, açúcar, leite e/ou leite de coco. “Martins assistia a preta mexer a **canjica**, que devia ir para a mesa bem quentinha.” (E.F. p. 109). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DM registra como variantes manguzá, mugunzá, mungunzá, munguzá; DA registra as variantes curau (utilizada em SP, MT e GO), coral, papa de milho (comuns em MG e RJ) e canjiquinha (no RJ).

VATAPÁ *s. m.*

Alimento de origem africana, pastoso, feito com pão, farinha de trigo, camarão, azeite de dendê, leite de coco, condimentos em geral, principalmente pimenta. “Diabos me levem – gritou Boão do Poço – se eu namoro a preta do **vatapá**, como disse a sorte!”. (E.F. p. 110). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NE:** Em DS consta que o prato, no Brasil, não apresenta o excesso de pimenta da comida original.

4.1.2 *Macrocampo: produzidos com outras bases*

BEIJU *s. m.*

Var.: Biju, tapioca, beiju de tapioca, beiju de massa, beiju-xica, sarolho, beju.

Espécie de bolo produzido com goma, coco ralado, sal e, geralmente, é assado em forno, e há diversos tipos. “Uma mulher vinha entrando na povoação trazendo à cabeça uma grande cuia de **beijus** de goma [...]”. (E.F. p. 29). LSDAE em DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DC, há registro de tapioca ao bolo feito da goma de mandioca, enquanto beiju (ou sarolho) é feito com muito coco, termos utilizados no Cariri. Em DP, registram-se as variantes beiju de tapioca, beiju de massa, beju e, no Pará, utiliza-se beiju-xica. DA registra biju como variante. **NE:** Também em DC, consta que o termo beiju vem do tupi, **mbeió**, o enroscado, enrolado.

BOLO¹ *s. m.*

Produção alimentícia feita com massa de trigo, ovos, leite, manteiga, geralmente assado em forno. “- Mando ver **bolo**, canjica, aluá, o que o senhor quiser, mas isso é só para as moças, e não para os velhos.” (E.F. p. 110). *V. “bolo”*². LSDAD em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

BROA *s. f.*

Alimento produzido à base de goma, açúcar, leite de coco, geralmente feita em formato arredondado. “Os rapazinhos, sustentando pelas pontas os lenços onde levavam os biscoitos, as **broas**, os anzóis [...]”. (E.F. p. 93). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NE:** Em DS, fala-se que o produto era vendido nos tabuleiros das bodegas de Fortaleza, o que ultimamente não tem sido tão procurado como antes.

PEDRA DE SAL *s. f.*

Gênero utilizado durante o batismo como símbolo da purificação. “Além do vagido das criancinhas, quando o padre lhes metia nas bocas choronas a **pedra de sal** que as obrigava a fazer caretas [...]”. (E.F. p. 88). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

RAPADURA *s. f.*

Var.: rapadela.

Doce produzido a partir da cana de açúcar, podendo ser acrescido coco ralado, e em formatos de ladrilhos ou tijolos. “- O senhor mandou um cevado? – perguntou Eduardo, chegando-se ao grupo disposto a zombar. -E uma carga de **rapadura** – volveu ele. (E. F. p. 75). LSDAE em

DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DC, registra-se que também pode vir, como variante, o termo rapadela, também reconhecido em DA, DH e DM. **NE:** Em DC, é registrado que no Cariri, pesava em média oitocentos gramas e que era utilizado com farinha para saciar a fome do povo do sertão. Em DP, informa-se que era usada para adoçar café.

SARAPATEL *s. m.*

Var.: chanfana, sarrabulho, sarrabuio, sarapaté, sarapateu.

Iguaria preparada com as vísceras de porco e carneiro, condimentos e molho. “- Foram os diabos dos ciganos, de parceria com o ladrão do Trabuco. Deixem estar, assassinos! Se eu os pilho, almoço **sarapatel!**” (E.F. p. 252). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DA apresenta como variante chanfana e sarrabulho. Em DP, há também sarrabuio. Em DC, aparecem como variantes sarapaté e sarapateu.

4.2 Campo lexical: planta

4.2.1 Macrocampo: frutíferas

CAJAZEIRA *s. f.*

Var.: acajá, cajá, taperebá.

Árvore de grande porte e muito ramificada que produz fruto de cor amarelo-alaranjado, ácido. “Amparou-se ao tronco da **cajazeira** e deixou passar a vertigem que lhe punha o mundo a roda.” (E.F. p. 138). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DS registra acajá, cajá e taperebá como variantes em várias regiões do país. **NE:** conforme o DA, é utilizada a madeira na região Norte para a construção de embarcações.

CARDEIRO *s. m.*

Var.: cardo-da-praia, mandacaru, jamacaru, jaramacaru, baboso, facheiro, rajado, trepador, manacaru.

Nome atribuído a várias espécies de cactáceas. “O doutor Edmundo, como nos dias anteriores, revistou os sítios conhecidos e achou nos galhos de um **cardeiro** a carta seguinte [...]”. (E.F. p. 104). LSDAE em DS, DP; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DM registra como cardo-da-praia; DH como mandacaru, jamacaru, jaramacaru, manacaru. DS apresenta facheiro, baboso, rajado e trepador.

CARNAÚBA *s. f.*

Var.: carnaíba, carandá, carnaubeira, coqueiro-carandaí, pau-do-bebedouro.

Palmeira ornamental, de grande porte, que produz cera, utilizada na indústria de ceras e graxas. “Virgínia lançava a vista ao redor de si, reparando no asseio daquela morada. A cabana do caçador de onças era coberta de palhas de **carnaúba**.” (E.F. p. 65). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DP registra como variantes carnaíba, carandá e carnaubeira. DM apresenta as variantes coqueiro-carandaí e pau-do-bebedouro. **NE:** DS acrescenta que a carnaubeira é aproveitada ao máximo pelo cearense, tendo em vista o uso para construção de casa, paredes, ou ainda, para a confecção de redes. Já DH apresenta que quando as raízes da planta são reduzidas às cinzas, podem substituir o sal de cozinha.

FUMO *s. m.*

Var.: Fumo de corda, fumo de rolo, fumo de palha.

Erva que contém nicotina e ao dessecar as folhas se produz material que se fuma ou masca. “[...] ouvia tocar o tambor ali, via-se sair rolos de **fumo**, e algumas até afirmavam que lá andava um bode preto [...]”. (E.F. p. 135). LSDAE em DP; LSDAD em DC; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DP, registra-se as variantes fumo de rolo e fumo de palha; DC registra também fumo de corda. DA registra tabaco. **NE:** Em DC, fala-se que era vendido nas feiras do interior, por braça ou por vara.

JITIRANA *s. f.*

Var.: jetirana, batatão-roxo, mata-me-embora.

Trepadeira com folhas em forma de coração, flores aromáticas de cor vermelha ou vermelho-alaranjada. “Eram as salsas vermelhas, as xananas brancas, as **jitiranas** azuis, os mal-me-queres amarelos e até as flores de zabumba e carros-do-santo [...]”. (E.F. p. 293). LSDAE em DS, DP; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Os dicionários da língua apresentam como variante jetirana. DH apresenta ainda batatão-roxo e mata-me-embora.

JUAZEIRO *s. m.*

Árvore de alto porte, comum na região da caatinga Nordestina, de flores pequenas, fruto amarelo e a casca de sua madeira, rica em saponina, é utilizada como sabão. “Pelo caminho, quando anoiteceu, viram, aqui e ali, entre a ramagem da oiticica ou do **juazeiro**, brilhar a chama de uma fogueira [...]”. (E.F. p. 107). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NE:** Planta que, segundo DP, é utilizada para a sombra e alimento do gado.

MELÃO SÃO CAETANO *s. m.*

Var.: cruá, melão, melão-de-São-Caetano.

Trepadeira com flores e sementes vermelhas, cujos frutos são doces e medicinais. “Nas proximidades laterais da Igreja avistava-se uma latada coberta de **melão São Caetano** [...]”. (E.F. p. 87). LCDAE em DS, DP; LCND em DC; LCDAE em DA, DH, DM. **NL**: Conforme DS, é chamado também de cruá, melão, melão-de-São-Caetano.

MELINDRE¹ *s. m.*

Var.: aspargo, aspargo-comum, aspárago, espargo.

Planta ornamental de folhas compridas e com propriedades medicinais, como na melhoria do funcionamento dos rins. “[...] ficando a olhar para a amiga entre as folhas de independência, ramos de alecrim, **melindres** entrelaçados de dâlias amarelas, cecílias ou cravos dos anjos [...]”. (E.F. p. 82). *V.* “*melindre*²”. LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

MURTA *s. f.*

Pequeno arbusto de origem mediterrânea, de folhas pequenas, muito utilizado para construir cercas vivas. “Não vendo o velho no palácio, desceu ao jardim, e ficou passeando ao longo de uma ruazinha de **murtas**.” (E.F. p. 145). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

MUTAMBEIRA *s. f.*

Var.: mutamba, camacã, cambacã.

Árvore de folhas simples, flores amarelas e frutos roxo-escuros, que produz óleo de forte odor, muito utilizado nos cabelos. “O sol baixava no horizonte e as sombras que rodeavam as **mutambeiras** e juazeiros da mata cresciam.” (E.F. p. 127). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM. **NL**: Tanto os dicionários da língua quanto os regionais, apresentam a variante mutamba. DA ainda registra as variantes camacã e cambacã.

OITICICA *s. f.*

Var.: oiti-bêbedo, oiti-cagão, oiticica-verdadeira, oiti-da-beira-do-rio.

Árvore silvestre, comum no Nordeste, que produz óleo secativo muito utilizado. “Pelo caminho, quando anoiteceu, viram, aqui e ali, entre a ramagem da **oiticica** ou do juazeiro, brilhar a chama de uma fogueira [...]”. (E.F. p. 107). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DH registra oiti-bêbedo, oiti-cagão, oiticica-verdadeira, oiti-da-beira-do-rio.

PARREIRA *s. f.*

Nomeação dada a plantas trepadeiras, cujos ramos ficam apoiados, especialmente a videira. “Depois – continuou ela -, viu-me algumas tardes a bordar à sombra de uma **parreira**.” (E.F. p. 267). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PAU D’ARCO *s. m.*

Tipo de ipê, cuja madeira é muito resistente e que apresenta, como algumas das variações, as cores amarela e violácea. “A lua vinha aparecendo e os vagalumes cintilavam nos ramos dos juazeiros, nos troncos do **pau d’arco** e na relva florida da campina.” (E.F. p. 293). LCDAE em DP, DS; LCND em DC; LCDAE em DH, DM; LCND em DA. **NE**: Em DP, consta que o ipê é considerado árvore nacional.

PAU-FERRO *s. m.*

Var.: jucá.

Árvore de tronco muito resistente, cuja madeira dura é manchada de claro e escuro, além dos frutos lisos e perfumados. “Aos rosnados do cão veio um moleque, rodou o grosso toro de **pau-ferro** que servia de tranca à pesada porteira e escancarou-a [...]”. (E.F. p. 108). LCDAE em DP, DS; LCND em DC; LCDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA registra como variante jucá.

SALSA *s. f.*

Jitirana. “Eram as **salsas** vermelhas, as xananas brancas, as jitiranas azuis, os mal-me-querer amarelos e até as flores de zabumba e carros-do-santo [...]”. (E.F. p. 293). **V**. “*jitirana*”. LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAD em DA, DH, DM.

4.2.2. Macrocampo: não frutíferas**4.2.2.1 Microcampo: consideradas selvagens****BOA-NOITE** *s. f.*

Var.: alba, cecília, congorsa, sempre-noiva, vinca.

Arbusto de tamanho pequeno, tóxico, de flores rosas, ou brancas, e que cresce espontaneamente, nas proximidades das casas ou em terrenos baldios. “Naquele cemitério havia somente catacumbas pegadas ao muro, e entre as touceiras de capim-santo e de **boas-noites** brancas apareciam [...]”. (E.F. p. 91). LCDAE em DS; LCND em DC, DP; LCDAE em DA, DH, DM.

NL: DM apresenta como variantes os termos “cecília, congorsa, sempre-noiva, vinca.” DS registra “alba” como variante. **NE:** Em DS, há a indicação da boa-noite branca, como uma variedade da boa-noite.

MOFUMBO *s. m.*

Var.: cipoaba, mofumbo-de-tabuleiro, mofumo, mufumba, mufumbo.

Arbusto trepador, de folhas membranosas, flores amarelas e frutos simples, aveludados. “Diana seguiu pela margem do Jaguaribe e parou ao pé de uma moita de **mofumbo**, tirou um cacho daquelas frutinhas brancas [...]”. (E.F. p. 293). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DS, variante mofumbo-de-tabuleiro. Nos dicionários da língua, cipoaba. DH acrescenta mofumo, mufumba, mufumbo.

RAMA *s. f.*

Folhagens que crescem após as primeiras chuvas e que são utilizadas para alimentar o gado. “- Ele foi com meu pai cortar um pouco de **rama** e ainda não voltou – respondeu Ritinha com desembaraço [...]”. (E.F. p. 35). LSDAE em DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ZABUMBA *s. f.*

Var.: mata-zombando, estramônio, zambumba.

Planta com dois tipos de espécie, em que uma delas age para o tratamento da dispneia asmática e a outra como ornamentação. “Eram as salsas vermelhas, as xananas brancas, as jitiranas azuis, os mal-me-querer amarelos e até as flores de **zabumba** e carros-do-santo [...]”. (E.F. p. 293). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DS expõe a variante mata-zombando, enquanto os dicionários da língua apresentam estramônio e zambumba. **NE:** Segundo DS, é usada por asmáticas, em cigarros.

4.2.2.2 *Microcampo: consideradas medicinais*

ALECRIM *s. m.*

Var.: alecrim-bravo, alecrim-do-campo, alecrineiro, alecrinzeiro, alecrim de cheiro, cominho bravo, rosmaninho, rosmaninho.

Arbusto de cheiro forte, utilizado para produção de óleo como cicatrizante e cosméticos, além de uso medicinal. “[...] ficando a olhar para a amiga entre as folhas de independência, ramos de

alecrim, melindres entrelaçados de dalias amarelas, cecílias ou cravos dos anjos [...]”. (E.F. p. 82). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DS, registra-se alecrim-bravo, alecrim-do-campo e cominho-bravo como variantes. Em DH, alecrim de cheiro, alecrineiro, alecrinzeiro e rosmaninho. DM apresenta também rosmaninho.

CAPIM-SANTO *s. m.*

Var.: capim-de-cheiro, capim-cheiroso, capim-limão.

Erva aromática, comumente utilizada na produção de chá caseiro e outros preparos medicinais. “Naquele cemitério havia somente catacumbas pegadas ao muro, e entre as touceiras de **capim-santo** e de boas-noites brancas apareciam [...]”. (E.F. p. 91). LCDAE em DC, DP; LCND em DS; LCDAE em DA, DH, DM. **NL:** DA registra como variante capim-cheiroso; DM como capim-de-cheiro e capim-limão.

CARRO-DO-SANTO *s. m.*

Var.: cardo-santo, cardo-bento, erva-de-cardo-amarelo, papoila-de-espinho, papoila-do-méxico, papoula-de-espinho, papoula-do-méxico.

Planta de folhas alternadas, com flores amarelas, numerosas sementes de cor preta e muito utilizada em medicina caseira. “Eram as salsas vermelhas, as xananas brancas, as jítiranas azuais, os mal-me-queres amarelos e até as flores de zabumba e **carros-do-santo** [...]”. (E.F. p. 293). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM. **NL:** registrado como variantes em DM, erva-de-cardo-amarelo, papoila-de-espinho, papoila-do-méxico, papoula-de-espinho, papoula-do-méxico. DH apresenta além desses, cardo-bento. **NE:** Acredita-se na escrita equivocada da palavra em virtude da semelhança de pronúncia, tendo em vista que nas obras há o registro de cardo-santo.

INDEPENDÊNCIA *s. f.*

Var.: cróton.

Planta composta por folhas situadas no mesmo plano, cujo eixo sustentador é único, e de flores dioicas, que produzem frutos femininos ou masculinos. Gênero utilizado por suas propriedades medicinais e pela qualidade da madeira. “[...] ficando a olhar para a amiga entre as folhas de **independência**, ramos de alecrim, melindres entrelaçados de dalias amarelas, cecílias ou cravos dos anjos [...]”. (E.F. p. 82). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAD em DA, DH, DM. **NL:** DS registra como variante cróton.

4.2.2.3 *Microcampo: consideradas ornamentais*

ÁGUA-PÉ *s. m.*

Var.: aguapé, mururé, orelha-de-veado, pavoã, rainha-do-lago, rainha-dos-lagos.

Designação dada a ervas ornamentais e que crescem nas superfícies dos rios. “Mais adiante, embriagavam os sentidos os **água-pés** da lagoa abertos ao cair da noite.” (E.F. p. 293). LCDAE em DP, DS; LCND em DC; LCDAE em DA, DH, DM. **NL:** DM e DH apresentam as variantes mururé, pavoã, rainha-do-lago, rainha-dos-lagos, enquanto DA registra também orelha-de-veado.

BOGARI *s. m.*

Var.: bogarizeiro, bogarim, magarim, magorim, mogarim, mogorim, mosqueta.

Arbusto do tipo trepadeira, de cheiro forte, utilizado como ornamental e com flores brancas. “[...] pedi-lhe que não me separasse de minhas roseiras, meus **bogaris**, cravos e sempre-vivas.” (E.F. p. 267). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DM registra as variantes bogarizeiro, magarim, magorim, mogarim, mogorim, mosqueta. DA apresenta também bogarim. **NE:** segundo DH, do arbusto se extrai essência muito usada na perfumaria.

CRAVINA *s. f.*

Var.: cravo-bordado, cravo-mimoso, cravo-minhardise.

Planta com padrões de cores diversos, utilizado largamente como ornamental, havendo muitas variedades da espécie. “No pátio, fez-lhe ver as **cravinhas** e maravilhas dos canteiros suspensos no ar sobre as estacas.” (E.F. p. 126). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DM expõe como variantes cravo-bordado, cravo-mimoso, cravo-minhardise.

CRAVO *s. m.*

Var.: cravo-bravo, cominho bravo, cravo-da-Índia.

Flor do craveiro, podendo apresentar cor branca ou vermelha e de matizes diversos. “-Não – respondeu a moça distraída, examinando um **cravo**. – Que belo vermelho tem esta flor!” (E.F. p. 127). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DS apresenta como variantes cravo-bravo, cominho bravo, cravo-da-Índia.

CRAVO DOS ANJOS *s. m.*

Erva considerada medicinal, utilizada para tratamento voltado à indigestão, cólicas, disenteria, tosse e febre. “[...] ficando a olhar para a amiga entre as folhas de independência, ramos de alecrim, melindres entrelaçados de dalias amarelas, cecílias ou **cravos dos anjos** [...]”. (E.F. p. 82). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

XANANA *s. f.*

Var.: albina, chanana.

Planta lenhosa, ornamental e usada como medicinal. “Eram as salsas vermelhas, as **xananas** brancas, as jitiranas azuais, os mal-me-queres amarelos e até as flores de zabumba e carros-do-santo [...]”. (E.F. p. 293). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSND em DA, DH, DM. NL: DA, DH, DM e DP registram como variante chanana, além de albina para os três dicionários da língua.

4.2.2.4 *Microcampo: outras caracterizações*

GARRANCHO *s. m.*

Ramo seco de árvore, galho fino de arbusto ou de planta. “[...] e era tal a sua preocupação que nem via os **garranchos** que se lhe pegavam ao vestido, advertindo-a de que era preciso tirar da vista a imagem do doutor Edmundo [...]”. (E.F. p. 126). LSND em DC; LSDAE em DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MOCHO *s. m.*

Diz-se da árvore sem ramos. “Perguntai aos **mochos** quem os colocou ao lado dos túmulos e não me pergunteis por que me afasto da realidade [...]”. (E.F. p. 105). LSDAE em DP; LSDAD em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PARASITA *s. f.*

Var.: parasito.

Designação dada às plantas que vivem às custas de outras. “Ali, protegida dos raios do sol, oculta pelo rendilhado de uma **parasita** que se estendia do alto para o plano inferior [...]”. (E.F. p. 306). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM. NL: DA e DH apresentam a variante parasito.

4.3 Campo lexical: animal

4.3.1 *Macrocampo: animais de médio porte*

CEVADO *s. m.*

Porco grande, castrado, para ser abatido. “- O senhor mandou um **cevado**? – perguntou Eduardo, chegando-se ao grupo disposto a zombar.” (E.F. p. 75). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

GARIPU *s. m.*

Veado de pequenos chifres, coberto por pelos. “- Você pensa, seu veado **garipu**, seu carneiro da música do batalhão, que é naquele em que acreditava nas sirigaitas, suas parceiras.” (E.F. p. 151). LSND em DC, DS, DP; LSND em DA, DH, DM.

4.3.2 *Macrocampo: animais de pequeno porte*

4.3.2.1 *Microcampo: dos cantadores*

AVE DE PASSAGEM *s. f.*

Var.: ave de arribação, arribaçã, rebançã, ribançã, ribaçã, rabançã, rabaçã, pomba de bando e avoante.

Ave de pequeno porte, que faz parte de bando que migra todos os anos em virtude das condições ambientais. “Edmundo, acompanhando com a vista os recortados voos dessas **aves de passagem** ou arribação, sentou-se junto à janela aberta [...]”. (E.F. p. 42). LCDAE em DC, DP; LCND em DS; LCDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra as variantes ave de arribação, arribaçã, rebançã, ribançã, ribaçã, rabançã, rabaçã, pomba de bando e avoante.

CABEÇA-VERMELHA *s. m.*

Var.: cabeça-vermelho, cardeal, galo-de-campina.

Ave geralmente de plumagem branca, cinza ou preta e com a cabeça vermelha. “Levou-a até as gaiolas onde tinha presos o canário, a graúna cantadeira e o **cabeça-vermelha**.” (E.F. p. 126). LCDAE em DC, DS; LCND em DP; LCDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra as variantes cabeça-vermelho e galo-de-campina; os dicionários da língua analisados registram cardeal.

JANDAIA *s. f.*

Ave de cor amarela, dorso verde, asas azuis, cauda do verde ao azul, que vive em bandos e se acostumam ao cativo. “[...] quebrou o silêncio daquelas brenhas, onde só se ouvia o urro da

onça, o canto da **jandaia** e o qui-qui do sagui!” (E.F. p. 104). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

4.3.2.2 *Microcampo: dos não cantadores*

CACHONILA *s. f.*

Pequenos insetos parasitas a partir dos quais se produz o corante de cor vermelha, muito utilizado em gêneros alimentícios, como biscoitos, iogurtes, sorvetes. “[...] onde se encontrava desde o amarelo da laranja, o encarnado da cereja, o vermelho da **cachonila** [...]”. (E.F. p. 239). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

MARACAJÁ *s. m.*

Var.: gato maracajá, jaguatirica, jacatirica, gato-do-mato.

Gato de grande porte, carnívoro e que vive nas matas. “As paredes pelo interior eram forradas de couro de onça e **maracajá**.” (E.F. p. 65). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra a variante gato maracajá; enquanto DH apresenta como gato-do-mato, e DA e DM como jaguatirica e jacatirica.

SAGUI *s. m.*

Var.: massau, saguim, sauim, soim, sonhim, tamari, xauim.

Nomeação dada a animal da espécie primata, de vários tipos no território brasileiro, pequenos e de cauda longa. “[...] quebrou o silêncio daquelas brenhas, onde só se ouvia o urro da onça, o canto da jandaia e o qui-qui do **sagui**!” (E.F. p. 104). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DM apresenta as variantes massau, saguim, sauim, soim, sonhim, tamari, xauim.

URUÁ *s. m.*

Var.: aruá.

Molusco que vive na água ou em lugares muito úmidos, com concha, onde se fecha quando está em lugares secos. “Os pequeninos juntavam os **uruás**, que levavam no regaço, e eu colhia flores que chegavam murchas a nossa casa [...]”. (E.F. p. 303). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: Os dicionários DA, DH, DM e DP registram a variante aruá.

4.4 Campo lexical: objetos

4.4.1 *Macrocampo: tipos de uso*

4.4.1.1 *Microcampo: uso em ofício/afazer*

APARADOR *s. m.*

Móvel específico na sala de jantar, onde se guardam aparelho de jantar e até mesmo alimentos. “Tiraram dos **aparadores** e guarda-louças os restos da festa: presunto, peru assado, peixes [...]”. (E.F. p. 259). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BARRICA *s. f.*

Tonel feito de madeira, utilizado, geralmente, para armazenar especiarias, líquidos. “Um deles, a quem chamavam Bento da Tapera, estava assentado junto ao balcão sobre uma meia **barrica** de bacalhau.” (E.F. p. 106). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

BERIMBAU *s. m.*

Var.: marimbau.

Instrumento de percussão, construído com madeira, fio de metal e meia cabaça. “Os rapazinhos, sustentando pelas pontas os lenços onde levavam os biscoitos, as broas, os anzóis, os **berimbaus** e os soldadinhos de chumbo, questionavam a primazia de sua escolha.” (E.F. p. 93). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA, DH e DM registram a variante marimbau.

BILRO *s. m.*

Var.: bilro-de-tucumã.

Peça de madeira feita com o caroço de tucumã que compõe a almofada com a qual se faz a renda. “Era por isso que se viam sobre a mesa em exposição lenços bordados, toalhas de labirinto, rendas de **bilros**, pássaros em gaiolas [...]”. (E.F. p. 73). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DP apresenta a variante bilro-de-tucumã.

BISACO *s. m.*

Var.: borná, bornal, bornoz, embornal.

Sacola de pano ou de couro, usado em tiracolo, em que se guardam mantimentos, utensílios diversos ou munições para a caça. “Tomava as crianças e ia acomodá-las nas cangalhas, entre os **bisacos** cheios de roupa [...]”. (E.F. p. 239). LSDAE em DC; LSND em DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC traz como variantes os termos borná, bornal, bornoz, embornal.

BURUNDANGA *s. f.**Var.:* bruzundanga.

Coisas sem valor. “-Chave, cordão de ouro, cinza, carvão, sal, pimenta, livro... quanta **burundanga** há!”. (E.F. p. p. 110). LSDAE em DC, DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DA apresenta a variante bruzundanga.

CABRESTO *s. m.*

Espécie de arreio utilizado para frear os animais. “Aqui eram baús e malas de couro, ali selas e cangalhas, adiante peias, **cabrestos** e mochilas.” (E.F. p. 99). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CACIMBA *s. f.*

Poço ou cisterna, de grande profundidade, de onde se retira água. “Ia buscar água de beber nas **cacimbas** abertas ali na margem do tal córrego.” (E.F. p. 242). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CAMBA *s. f.**Var.:* camba do freio.

Barra do freio onde se prende as rédeas. “Valentim, apesar da hora adiantada do dia, esperava ainda à porta, tendo um cavalo selado preso à mão pelas **cambas** do freio, e outros pelos cabrestos.” (E. F. p. 29). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC apresenta camba do freio como variante.

CANGALHA *s. f.*

Objeto feito de madeira ou de ferro com acolchoado que é colocado sobre as costas dos animais para facilitar o equilíbrio das cargas. “Aqui eram baús e malas de couro, ali selas e **cangalhas**, adiante peias, cabrestos e mochilas.” (E.F. p. 99). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CHIBATA *s. f.*

Chicote ou vara fina utilizada para açoitar. “O tronco não existe mais. Por que não de existir as **chibatas** no exército e na marinha?” (E.F. p. 219). LSDAE em DP; LSDAD em DC; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CILHA *s. f.***Var.:** silha.

Correia de couro utilizada para apertar a carga no animal, envolvendo-o pela barriga. “A noite estava escura, mas como já se aproximasse da povoação, desceu do cavalo para apertar a **cilha** que havia afrouxado [...]”. (E. F. p. 105). LSDAE em DC; LSND em DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC registra a variante silha.

CRAVINOTE *s. m.***Var.:** clavinote.

Espécie de arma similar à clavina ou carabina. “[...]começaram a selar os cavalos e a reunir as espingardas, **cravinotes**, facas, terçados e foices.” (E. F. p. 252). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSND em DA, DH, DM. **NL:** DC, DA, DH e DM apresentam a variante clavinote.

CUIA *s. f.***Var.:** cuia-de-oito

Vasilhame feita com a metade da cabaça seca. “Uma mulher vinha entrando na povoação trazendo à cabeça uma grande **cuia** de beijus de goma [...]”. (E.F. p. 29). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DC, registra-se como variante cuia-de-oito.

FOLHA DE LATA *s. f.*

Diz-se do material da lata, de ferro laminado, recortado para a reutilização em arte, como confecção de flores ou para pinturas. “[...] onde se via tintas, goma-arábica, papel de cores, arame e **folhas de lata**.” (E.F. p. 61). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

FORCADO *s. m.***Var.:** garfo.

Instrumento feito de madeira e finalizado por dois ou três dentes compridos de metal ou madeira, utilizado na lavoura. “A um canto estava uma carabina, um **forcado** e uma azagaia.” (E.F. p. 65). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DA registra a variante garfo.

GAMELA *s. f.*

Vasilhame de madeira ou de barro, utilizado para alimentar animais ou para usos afins. “- Desculpe, doutor – disse o senhor Martins, afastando uma **gamela** com milho que estava na calçada [...]”. (E.F. p. 99). LSND em DP; LSDAD em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

GIRÂNDOLA *s. f.*

Roda ou travessão em que se prende determinado número de foguetes e que são soltos ao mesmo tempo. “Uma **girândola** de foguetes no ar deu sinal do começo do espetáculo.” (E.F. p. 251). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MATRACA *s. f.*

Var.: malho.

Instrumento de percussão feita de tábuas moveáveis ou argolas de ferro que, ao serem agitadas, percutem no objeto em que são presas e emitem uma série de estalos secos. “Olhei para a cerimônia como para uma representação teatral. O som da **matraca** que um moço do coro fazia soar pelos corredores chegava aos meus ouvidos [...]”. (E.F. p. 275). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC registra a variante malho.

PADIOLA *s. f.*

Estrutura de lona, portátil, como uma maca, em que se transporta feridos, acidentados. “E Edmundo e Probo viram entrar pelo cemitério quatro soldados conduzindo uma **padiola**, e tendo ao lado um cabo.” (E.F. p. 215). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PAQUETE *s. m.*

Navio de pequeno porte, que não ultrapassava 4,5m, e transportava cartas, ordens ou avisos. “[...] se ele não recebesse, de dez em dez dias, com a chegada do **paquete**, uma carta lembrando-lhe o contrato feito com o sargento [...]”. (E.F. p. 256). LSDAC em DS; LSDAD em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

PEIA *s. f.*

Tiras de couro ou sola, chicote, cordas com que se prendem os membros dos equinos para evitar que andem ou se distanciem. “Os ciganos se apearam, soltaram os cavalos com as suas competentes **peias**, ataram bonitas redes de marca com varandas de linha azul e encarnada [...]”. (E.F. p. 241). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

POTE *s. m.*

Vaso grande feito de barro destinado para armazenar líquidos. “Dentre eles saiu um mulato bem-parecido, mas tão maltrapilho como os companheiros, que tomou o **pote** e se dirigiu para o córrego dos Cajueiros.” (E.F. p. 242). LSDAE em DP; LSDAD em DC; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TARRAFA *s. f.*

Produção feita com malha fina, cuja rede formada é usada para a pesca. “Se quiser assistir, venha às cinco horas da tarde ter comigo. Eu estarei à porta, consertando uma **tarrafa**.” (E.F. p. 192). LSDAE em DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TERÇADO *s. m.*

Facão grande. “[...] começaram a selar os cavalos e a reunir as espingardas, cravinotes, facas, **terçados** e foices.” (E. F. p. 252). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TIÇÃO *s. m.*

Pedaços pequenos de carvão ou lenha acesos ou meio queimados. “- Dá-lhe pancadas, atira-lhe **tições** acesos, fá-la trabalhar demais!” (E.F. p. 228). LSDAD em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

URU *s. m.*

Cesto feito de palha de carnaúba para usos diversos. “[...] um pescador vinha mais atrás, trazendo a tiracolo um **uru** de peixes [...]”. (E.F. p. 29). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

*4.4.1.2 Microcampo: uso pessoal/individual***ALPARGATA** *s. f.*

Var.: albarca, alparca, alpercata, alpragata, alparcata, apregata, alpercate, apragata, lepe-lepe, pargata, paragata, pracata.

Tipo de sandália feita com couro ou sola, ajustada ao pé por meio de tiras. “Ela vestia extravagantemente uma saia de ganga encarnada e trazia um xale amarelo, calçava **alpargatas**.” (E.F. p. 247). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DC, dá-se às mesmas o nome de lepe-lepe também em virtude da onomatopeia proveniente do ruído

do couro batendo na sola do pé ao andar. No mesmo dicionário, encontra-se, como variantes, alpercata, apragata, apregata, alparcata. DM registra também as variantes: alparca, paragata, pracata. DA registra albarca, pargata.

BOTINA *s. f.*

Bota de cano curto. “Calçava **botinas** de veludo preto e trazia luvas de pelica.” (E.F. p. 58). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CAMPA¹ *s. f.*

Pequena sineta ou sino, também utilizado para encontrar facilmente os animais. “Havia na **campa** uma letra aberta a cinzel, era um D., a mesma que estava assinada na carta trazida pelo pombo correio [...]”. (E.F. p. 92). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CAMPA² *s. f.*

Diz-se da pedra que cobre a sepultura. “O orvalho do céu, o pranto da manhã caia em gotas cristalinas sobre a **campa** da pobre órfã.” (E.F. p. 96). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CUEIRO *s. m.*

Pano com que se enrola a criança. “A recém-nascida enchia os ares com seus vagidos e encantava a vista das comadres, que não cessavam de admirar-lhe os **cueiros** de labirinto [...]”. (E.F. p. 87). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MIÇANGA *s. f.*

Pequenos objetos utilizados como enfeites. “[...] as camponesas guardam o seu vestido novo, o seu lenço de seda, a sua volta de **miçangas**, naquele domingo [...]”. (E.F. p. 88). **NL**: Os antigos dicionários grafavam como “missanga”, pois a palavra seria composta pelo prefixo **mi** e o radical **sanga**. LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DM. LSDAD em DH.

REDE *s. f.*

Diz-se da produção feita de malha ou tecido grosso usada para deitar e que ainda possibilita o balanço. “A não ser na camarinha, a embalem-se na **rede**, é ali ao pé de suas flores que as moças sertanejas costumam fazer as amigas [...]”. (E.F. p. 127). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TAMANCO *s. m.*

Calçado grosseiro sem talão ou com talão baixo. “[...] calçava **tamancos** de marroquim verde.” (E. F. p. 34). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TROUXA *s. f.*

Var.: trouxo.

Pacote em que se transportava roupas ou outros objetos. “Vinham de semblante alegre e alma despreocupada. Este trazia uma **trouxa** na ponta de um cajado que suspendia ao ombro [...]”. (E.F. p. 87). LSDAE em DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DH registra a variante trouxo.

4.4.1.3 *Microcampo: uso em confecção***CHITA** *s. f.*

Espécie de tecido de algodão de baixo valor. “Ela trajava vestido de **chita** roxa com ramagens encarnadas [...]”. (E. F. p. 34). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

FICHU *s. m.*

Pedaço de pano, de material grosso, utilizado pelas mulheres, geralmente, para a proteção contra o sol ou para a entrada nas igrejas. “[...] trazia um **fichu** a tiracolo e calçava tamancos de marroquim verde.” (E. F. p. 34). LSDAE em DC; DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DC, apresenta-se que o termo é derivado do francês **fichu**, que significa lenço para o pescoço, embora seja usado pelas nordestinas como uma mantilha.

GANGA *s. f.*

Tecido de origem indiana, geralmente nas cores azul e amarelo. “Ela vestia extravagantemente uma saia de **ganga** encarnada e trazia traçado um xale amarelo, calçava alpargatas.” (E.F. p. 247). LSDAD em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

GIBÃO *s. m.*

Vestimenta produzida em couro, que se veste sobre a camisa, principalmente por vaqueiros. “Vou aos salões de casaca, de **gibão** percorro os montes [...]”. (E.F. p. 101). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

LACRAU *s. m.*

Espécie de bordado feito em fazendas, principalmente na cor dourada, cujos desenhos lembram o escorpião. “As suas mulheres traziam vestidos de fazenda escura com **lacraus** bordados a ouro [...]”. (E.F. p. 163). LSDAD em DP; LSND em DC, DS; LSDAD em DA, DH, DM.

LENÇOL *s. m.*

Tipo de xale utilizado pelas sertanejas do Ceará, de algodão branco e liso e babados de tecido fino. “De um lado dele, duas mulheres, pegando cada uma numa ponta, dobravam ao meio o clássico **lençol**, espécie de xale [...]”. (E.F. p. 88). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

LÓ *s. m.*

Tecido fino, transparente. “Uma névoa transparente envolvia uma imensidade de crianças vestidas de **ló** branco como da espuma do mar.” (E.F. p. 269). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH; LSDAD em DM. **NE**: Em DS, consta que era utilizado no Ceará colonial pelas mulheres, como uma espécie de véu.

*4.4.1.4 Microcampo: usos diversos***ARMADOR** *s. m.*

Ganchos feitos de madeira ou aço, em pares, dispostos em paredes opostas para armar redes. “Se o doutor Edmundo já tivesse podido abandonar o seu papel de Odete e estivesse em seu quarto de dormir da casa do fim da rua, teria ouvido o ranger do **armador** da vizinha [...]”. (E.F. p. 299). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

CANCELA *s. f.*

Diz-se de porta feita de madeira, gradeada, geralmente pequena. “O feitor, de chicote em punho, bate à **cancela** de uma choupana de pretos que não acudiram logo ao toque da sineta [...]”. (E.F. p. 242). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.5 Campo lexical: caracterização*4.5.1 Macrocampo: do tipo de caracterização**4.5.1.1 Microcampo: relacionada ao homem**4.5.1.1.1 Subcampo: quanto ao comportamento ou físico*

ACUDIR² *v.*

Socorrer, prestar socorro, auxiliar. “A menina teve medo e chamou: – Acudam que vai desmaiar!” (E.F. p. 80). *V.* “*acudir*¹”. LSDAC em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ARRANJADO *adj. m.*

Diz-se daquele que tem condições financeiras. “O pai é **arranjado**, tem uma boa fazenda na mata, e depois a mãe tem seu ordenado e traz a menina que é um gosto de vê-la.” (E.F. p. 32). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ARRIMADO *adj. m.*

Sustentado, apoiado, escorado. “Julgava finda a audiência daquele dia quando entrou um preto velho **arrimado** a um bastão, e apenas se aproximou, disse [...]”. (E.F. p. 229). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DH, DM; LSND em DA.

ATACADO¹ *adj. m.*

Estar apertado por ataca. “Ela deita-se sempre calçada, atacada e pronta para seguir a qualquer ponto!” (E.F. p. 147). *V.* “*atacado*²”. LSDAC em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

ATACADO² *adj. m.*

Diz-se de alguém que foi acometido por ataque. “– Viemos dizer que nos merece particular atenção uma moça atacada de febre que mora num sobradinho velho [...]”. (E.F. p. 193). *V.* “*atacado*¹”. LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BASBAQUE *adj. c2g*

Diz-se de indivíduo tolo, que com tudo se admira, pasma. “**Basbaque!** Não vê a sua segurança na nulidade de meus companheiros?” (E.F. p. 243). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BEBO *s. m.*

Var.: bêbado.

Fala-se do indivíduo em estado de embriaguez, ébrio. “[...] que me disse: ‘Vá coltejar as moças.’ Está em que deu! Com todos os diabos! Me chamar **bebo**...” (E.F. p. 76). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DH, DM; LSND em DA. **NL:** DM registra a variante bêbado.

BISCA *s. f.*

Denominação dada a pessoas de mau caráter, falsas. “- É o tal doutorzinho! – E que **bisca** será essa? – perguntava outro.” (E.F. p. 40). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BORRACHO *adj. m.*

Var.: ébrio, bêbedo, bêbado, beberrão, embriagado.

Bebo. “Toma cuidado com aquele alferes **borracho**. Sai desta terra ou faz como eu, te suicida.” (E.F. p. 220). *V.* “*bebo*”. LSDAE em DP; LSDAD em DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

CACHOLA *s. f.*

Cabeça; juízo. “- São coisas da minha sina cantar ao pé da viola; mas por que eu sou tão pobre nunca me sai da **cachola**.” (E.F. p. 250). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CARAPINHADO *adj. m.*

Var.: encarapinhado.

Diz-se do cabelo crespo, lanoso. “Tinha uma enorme cabeleira branca como pasta de algodão e **carapinhada**.” (E.F. p. 247). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

NL: Os dicionários consultados registram encarapinhado.

CARETA *s. f.*

Trejeito realizado nos músculos do rosto, de forma voluntária ou não. “A pequenina fez uma **careta** e seguiu a mãe, mas nem por isso o seu rostinho de anjo louro ficou menos interessante.” (E.F. p. 190). LSDAD em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

DESEMPENADO *adj. m.*

Diz-se daquele que é forte, ereto, direito. “Depois das duas cegas, notava-se uma velha alta, **desempenada** e de feições romanas, que estava de pé [...]”. (E.F. p. 155). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

DESPEITADO *adj. m.*

Que tem inveja, despeito, mágoa. “Henriqueta afastou-se, **despeitada**, dizendo à meia-voz: - Livre-me Deus das sonsas...”. (E.F. p. 109). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ENLEADO *adj. m.*

Encantada, cativada, indecisa. “- Eu me lembro – disse o moço com galanteria. -Lembra-se – repetiu a moça **enleada**. – Pois escreva neste álbum que foi dela [...]”. (E.F. p. 99). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ESCANCHADO *adj. m.*

Var.: escarranchado.

Diz-se de quem está montado. “– Adriano está me casa? – perguntou o doutor Edmundo a uma mulata que lhe apareceu com uma criança **escanchada** em um lado.” (E.F. p. 287). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **DL**: DC e DP registram a variante escarranchado.

ESTATELADO *adj. m.*

Admirado, confuso, surpreso. “– Eu, a princípio, também andei **estatelado**, queria por força estar sonhando.” (E.F. p. 134). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

FANHOSO *s. m.*

Var.: fanho.

Pessoa que fala pelo nariz, fanha. “O capitão Maturi, senhor do engenho ‘Misericórdia’, era um homenzinho magro de fala fina e **fanhosa**.” (E.F. p. 245). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DP registra a variante fanho.

FERA *adj. c2g*

Atribuição dada a quem tem gênio feroz, raivoso, perverso. “O pai de Sabina tanto tinha de reto, de honrado, como de brusco e colérico para quem não andasse direito com ele. Era uma **fera!**” (E.F. p. 153). LSDAC em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

GARRADO *adj. m.*

Diz-se de quem ou daquilo que é lento, vagaroso. “– Pai Anastácio, guie o rancho de ciganos até as proximidades do engenho do capitão Maturi – ordenou a Rainha do Ignoto. – Ai! Sinhá!

Que vão vê o pai Nastácio... e pai Nastácio é **garrado**.” (E.F. p. 239). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

GARRIDO *adj. m.*

Fala-se do que é elegante, vistoso, gracioso. “[...] os vultos elegantes das moças que ostentavam as cores **garridas** de seus vestidos talhados à última moda.” (E.F. p. 269). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

GÁRRULO *adj. m.*

Diz-se daquele que é falante, tagarela. “Mas foi de balde, a própria Henriqueta, sempre tão **gárrula**, estava preocupada [...]”. (E.F. p. 97). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

GENTE BAIXA *exp.*

Definição dada a pessoas de pouca índole, que se envolvem em baixarias. “[...] Virgínia ia despedir-se porque, sabendo que as suas relações eram com ‘**gente baixa**’, no seu modo de falar, não lhes conhecia nem o nome nem a morada.” (E.F. p. 61). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

ILHARGA *s. f.*

Qualquer um dos lados do corpo humano, dos quadris aos ombros. “[...] empertigou-se toda e, pondo as mãos nas **ilhargas**, disse [...]”. (E.F. p. 31). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MARCHA *s. f.*

Ato de andar; caminhar a pé. “[...] tanto puxou pela manga da sobrecasaca do marido que este deu ordem de **marcha** e todos saíram de boa vontade [...]”. (E.F. p. 97). LSDAD em DC; LSDAE em DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MATREIRO *adj. m.*

Pessoas sagazes, astutas, experientes. “[...] ali encontrou-se intencionalmente o seu olhar **matreiro** com o olhar zarolho e estúpido do feitor [...]”. (E.F. p. 245). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MOLÉSTIA *s. f.*

Doença; mal; incômodo físico. “Armando saiu preocupado com a **moléstia** da noiva, e o doutor Edmundo ficou cogitando sobre o que vira e ouvira.” (E.F. p. 191). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PACHOLA *s. f.*

Indivíduo cheio de si, pedante. “[...] um moleque bem vestido, **pachola**, que trazia galão dourado na manga [...]”. (E.F. p. 78). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PAPANGU *s. m.*

Diz-se de indivíduos tolos, moleirão. “[...] isto é para ver os moços que vêm da missa... uns **papangus** de paletó de brim metido na goma e chapéu atolado até as orelhas!” (E.F. p. 53). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PASSAMENTO *s. m.*

Var.: síncope.

Desmaio; vertigem; perda temporária de consciência. “Sete dias depois do **passamento** de Virgínia, dona Matilde, exata cumpridora dos deveres convencionais da sociedade elegante [...]”. (E.F. p. 95). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. NL: DA registra a variante síncope.

PERALTA *adj. m.*

Indivíduo ocioso, vadio, sem ocupação. “– Essa foi uma moça rica, já entrada na idade, que casou com um moço pobre e **peralta**.” (E.F. p. 152). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

REPARAR *v.*

Perceber; observar; notar. “Eu **reparei** a ausência de dona Alice – disse ele -, mas não perguntei por ela porque supus que tinha ficado em casa.” (E.F. p. 44). LSDAE em DS, DP; LSDAD em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

REPIMPAR-SE *v. pron.*

Var.: repoltrear-se

Sentar-se confortavelmente. “O povo foi acomodar-se o melhor que pôde nas bancadas da plateia, e o capitão Maturi, com a família e os parentes, se **repimpavam** nas cadeiras da frente.” (E.F. p. 251). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. NL: DA registra a variante repoltrear-se.

REQUESTADO *adj. m.*

Diz-se de pessoa bem-quista, admirada e cortejada. “A filha, muito bonita e muito **requestada**, era quem mais sofria os arrancos do gênio dele.” (E.F. p. 153). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

SALTEADOR *adj. m.*

Aquele que salteia, rouba, assalta. “Um **salteador** disfarçado, ele provavelmente foi fazer parte da quadrilha.” (E.F. p. 138). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

SÉRIO *adj. m.*

Atribuição dada a quem é honesto; honrado. “Ora, uma menina reservada, esquiva, que faz a sua glória em não entrar no número das loureiras vulgares, em ser **séria**, muito séria, lá um bom dia encontra [...]”. (E.F. p. 291). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

SOBROLHO *s. m.*

Var.: sobranceiras.

Pelos dispostos acima dos olhos; sobranceiras. “Riu-se dos protestos de amizade feitos à Virgínia por algumas pessoas de seu conhecimento, mas carregou os **sobrolhos** quando deu com um juramento solene [...]”. (E.F. p. 100). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. NL: os dicionários DA, DH, DM, DP registram a variante sobranceiras.

SONSO *adj. m.*

Var.: boi sonso, solerte.

Diz-se de indivíduo hipócrita, dissimulado. “Henriqueta afastou-se, despeitada, dizendo à meia-voz: - Livre-me Deus das **sonsas**...”. (E.F. p. 109). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. NL: DA registra a variante boi sonso; DP apresenta solerte.

TESO *adj. m.*

Espigado, esticado, tenso. “– Não acabei ainda, o senhor vai ver o que sucedeu. Eu estava estranhando vê-la tanto tempo sentada sobre o banco, mais **tesa** do que costumava.” (E.F. p. 130). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TRAQUINAS *adj. c2g*

Var.: traquino, travesso.

Diz-se daquele que é buliçoso, travesso. “O **traquinas** do irmão já havia tomado a grossa bengala da mão do velho e corria montado sobre ela [...]”. (E.F. p. 182). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra a variante traquino, DA, travesso.

TRESVARIAR *v.*

Var.: tresvalia, tresvareio.

Delírio; estar fora de si. “[...] Carlotinha adoecera, Ana Rosa, que tinha vindo também disse: – Venha ver, minha madrinha, como ela **tresvaria!**” (E.F. p. 136). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC apresenta as variantes tresvalia, tresvareio.

TRINCAR *v.*

Cortar com os dentes. “Foram recebidos entre risos e palmas: até o vigário, que já lá se achava **trincando** uma espiga de milho verde assado, ria bom rim [...]”. (E.F. p. 108). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

VAGIDO *s. m.*

Choro de recém-nascido; gemido. “A recém-nascida enchia os ares com seus **vagidos** e encantava a vista das comadres [...]”. (E.F. p. 87). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

VALER² *v.*

Socorrer; ajudar; auxiliar. “**Valendo**-se do invisível que sempre a protegeu das vistas dos curiosos, dirigiu-se ao rochedo mais alto e mais escarpado da Ilha do Nevoeiro.” (E.F. p. 306). *V.* “*valer*¹”. LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

4.5.1.1.2 Subcampo: quanto à alcunha/designação

ANIVERSARISTAS *s. c2g*

Diz-se da pessoa que está completando ano e/ou fazendo aniversário. “-Aqui está um presente que me entregaram na porta, dizendo que...não sei quem mandava para as **aniversaristas** [...]”. (E.F. p. 76). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

BESTA-FERA *s. c2g*

Indivíduo cruel, selvagem. “E amanhã, por todas as ruas por onde passar, serei apontado como uma **besta-fera**, um escândalo da mesma sociedade [...]”. (E.F. p. 263). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM.

BRABO *adj. m.*

Grosseiro, valente, bravo, violento. “Eu, senhor Cônsul, sou o marido desta vizinha da Chica **Braba**, é assim que a chamam na vizinhança.” (E.F. p. 229). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BREJEIRO *adj. m.*

Brincalhão, malicioso, vadio, travesso. “- Nunca mais me acontece outra! Foi por tua causa, **brejeiro**, que hoje não achei canto na igreja.” (E.F. p. 56). LSDAE em DP; LSDAD em DC; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CABOCLO *s. m.*

Var.: carijó.

Morador de beira do rio, campo ou roça. “[...] donde uma **cabocla** com uma rosa no cabelo ficava de pé, a olhar para o vapor, até que ele se sumisse [...]”. (E.F. p. 211). **NE:** em algumas regiões do país, o nome também é associado aos indígenas e aos indivíduos de cor cobre. LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CADUCO *adj. m.*

Diz-se de indivíduo que está perdendo a razão, enfraquecido. “-Setenta anos. – Não serve mais para nada! Está **caduca!**” (E.F. p. 247). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CAFIFA *s. c2g*

Diz-se daquele que traz azar, má sorte. “– Assim, minha **caffa**, defende tua mãe – disse a embriagada quase inconsciente.” (E.F. p. 228). LSDAC em DC, DP, DS; LSDAC em DA, DH, DM.

CAPOEIRO *s. m.*

Ladrão de capoeiras. “[...] impelindo o grupo de mulheres que corria na frente, gritando: – Jesus! Os ladrões são **capoeiros!**” (E.F. p. 260). LSDAD em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CARREGAÇÃO *s. f.*

Carga; aquilo que pode ser transportado. “[...] e foram sacudindo-os nos barcos que se faziam logo a largo, em busca do Grandolim, preparado com antecedência para receber a **carregação** de pretos.” (E. F. p. 254). LSDAE em DS; LSDAD em DC, DP; LSDAE em DA, DH; LSDAD em DM.

COMBOIO *s. m.*

Conjunto de animais ou veículos que transportam mercadorias diversas. “Foi ainda passar uma revista ao **comboio** do mantimento. Não faltava nada.” (E.F. p. 239). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

DESLAMBIDO *adj. m.*

Var.: delambido.

Diz-se daquele que é sem-vergonha, cínico. “E eu, por desconto de meus pecados, fui logo me ajoelhar atrás das cadeiras das duas **deslambidas** de dona Matilde [...]”. (E.F. p. 56). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC registra delambido como variante.

DOIDO¹ *adj. m.*

Aquele que age como doido, impulsivo, exagerado, intenso. “– E eu **doido** por acabar com ele – disse o velho, pensando no modo de atirar o seu bote de serpente.” (E.F. p. 186). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

DOIDO² *adj. m.*

Indivíduo demente, louco. “Então lembrou-se que estava representando Odete, e que havia dormido no quarto e no leito de uma **doida**.” (E.F. p. 145). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ELDORADO *s. m.*

Diz-se daquele que é desejado em virtude do que tem; principalmente associado às riquezas. “Mas, bem-apegoado e único herdeiro de uma boa fortuna, era o **eldorado** das moças, e até dos próprios pais.” (E.F. p. 29). **NE:** termo proveniente do *El Dorado*, do Castelhana, correspondente a “homem dourado”, em virtude do ritual que o cacique colombiano fazia que, segundo a lenda, banhava-se na lagoa com o corpo coberto de ouro. LSND em DC, DP, DS; LSDAD em DA, DH, DM.

ENJEITADO *adj. m.*

Filho rejeitado, abandonado pelos pais. “-É para o almoço que a rainha vai dar amanhã na sala das estações às avezinhas do Ninho dos Anjos. – As **enjeitadas**? – Sim. Ela é a mãe de todas.” (E.F. p. 151). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

FICAR TITIA *exp.*

Var.: ficar para titia, ficar para tia.

Diz-se da mulher que não casa, permanece solteira. “Então Ana Rosa disse a Carlotinha: – Por que não fazes o mesmo? As moças garridas não **ficam titias**.” (E.F. p. 128). LTDAE em DS; LTND em DC, DP; LTDAE em DA, DH, DM.

GANJÃO *s. m.*

Var.: gajão.

Nomeação dada a quem não se conhece, pelos ciganos. “-Viva o negócio, **ganjão**! – Que negócio? Quem é o senhor? – perguntou Maturi.” (E.F. p. 247). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

MARMANJO *s. m.*

Denominação atribuída a quem é tratante, mau caráter, velhaco. “-Acorde, senhor doutor, são horas. – Horas de que, **marmanho**?” (E.F. p. 28). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MATUTO *adj. m.*

Diz-se de quem é ingênuo, de pouco estudo ou nenhum, tímido. “-Eu te arrenego, pé-de-pato. Pensas, endemoninhado, que todos aqui são **matutos?**” (E.F. p. 31). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MOLEQUE *s. m.*

Diz-se de menino negro, novo. “[...] um **moleque** bem vestido, pachola, que trazia galão dourado na manga [...]”. (E.F. p. 78). LSDAE em DP; LSND em DS; LSDAD em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

MULHER DE LENÇOL *s. f.*

Denominação atribuída às mulheres do povo que andavam com véu. “Às quatro horas da tarde, a matriz da povoação regurgitava de povo empenhado em assistir a oferta das flores, e ainda mais, curioso para ver o enterro da Santa, como já diziam as **mulheres de lençol.**” (E.F. p. 90). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

PÉ-DE-PATO *s. m.*

Nome popular associado ao diabo, mas utilizado para nomear alguém que fez raiva, afrontou. “- Eu te arrenego, **pé-de-pato**. Pensas, endemoninhado, que todos aqui são matutos?” (E.F. p. 31). LCDAC em DP, DS; LCND em DC; LCDAC em DH; LCND em DA, DM.

QUEBRADO *adj. m.*

Falido; sem dinheiro. “-Isso é grave! Ele está **quebrado**, com certeza, e a loja está no seguro – disse a Rainha do Ignoto.” (E.F. p. 193). LSDAE em DC, DS; LSDAD em DP; LSDAE em DH, DM; LSDAD em DA.

RAINHA DE CONGO *s. f.*

Personagem de destaque e de grande representatividade dentro do congo, dança dramática de origem africana e de caráter religioso. “- Logo vi que a demora – disse ela – era para a filha da professora se enfeitar e aparecer aqui como uma **rainha de Congo...**” (E.F. p. 73). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

RANCHO *s. m.*

Grupo de pessoas em marcha, jornada. “- Pai Anastácio, guie o **rancho** de ciganos até as proximidades do engenho do capitão Maturi – ordenou a Rainha do Ignoto.” (E. F. p. 239). LSDAD em DC; LSDAE em DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

RAPARIGA *s. f.*

Moça nova; adolescente. “Muitas vezes, esses mesmos rapazes ou **raparigas** trepavam no peitoril da janela e ali passam tardes inteiras com os olhos fitos nela [...]”. (E.F. p. 39). LSDAD em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

SANTO *adj. m.*

Diz-se de pessoa que tem um comportamento digno, que tudo suporta, é exemplo. “Te fiz esta artinha para que não faltes, e também para dizer-te quem era o tal doutorzinho que estava aqui a enganar a todos com cara de **santo**.” (E.F. p. 138). LSDAE em DS; LSDAD em DC; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

SINHÁ *s. f.*

Var.: sinhá.

Tratamento dado às senhoras, donas das casas, pelos escravos. “- Lá está a casa de **sinhá** Ana Rosa, sinhazinha, ela já nos viu, vem correndo.” (E.F. p. 126). LSDAE em DC, DP; LSND em DS. LSDAE em DA, DH, DM.

SIRENO *adj. m.*

Atribuição dada a cônjuge por quem alguém sofre. “[...] a outra restabeleceu-se depressa ou esqueceu o seu **sireno**, ou se consolou, deu na mania religiosa, entrou para um convento.” (E.F. p. 121). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

SIRIGAITA *s. f.*

Denominação associada à mulher espevitada, sapeca. “- Você pensa, seu veado garipu, seu carneiro da música do batalhão, que é naquele em que acreditava nas **sirigaitas**, suas parceiras.” (E.F. p. 151). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

SULTANA *s. f.*

Termo atribuído a cada uma das mulheres do imperador, em especial, à favorita. “- Como uma **sultana!** Como uma estrela! – exclamou o doutor Gustavo.” (E.F. p. 74). LSND em DC, DP, DS; LSDAC em DA, DH, DM.

TRATANTE *adj. c2g*

Diz-se de quem não cumpre acordos, enganador, velhaco. “E seguiu na frente. – Mas onde está o **tratante?** – tornou a perguntar o sargento Júlio Pequeno.” (E.F. p. 208). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TROÇO *s. m.*

Grupo de pessoas. “Às quatro em ponto tornou à porta do doutor acompanhado de um **troço** de rapazes da povoação [...]” (E.F. p. 107). LSDAE em DC; LSDAD em DP, DS; LSDAD em DA, DM; LSDAE em DH.

VELHACO *adj. m.*

Var.: velhaco chapado.

Tratante. “- Tem um olhar **velhaco** de jogador – volveu Virgínia -, mas a mulher tem ares de santa [...]”. (E.F. p. 68). *V.* “*tratante*”. LSDAD em DC; LSDAE em DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM. *NL:* Em DS, registra-se a variante velhaco chapado.

4.5.1.1.3 Subcampo: quanto às manifestações emotivas

ARRANCO *s. m.*

Arrebatamento, impulso, ímpeto. “A filha, muito bonita e muito requestada, era quem mais sofria os arrancos do gênio dele.” (E.F. p. 153). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ASNEIRA *s. f.*

Tolice, bobagem, algo dito de forma impensada. “- Muito me divertirei amanhã com as toaletes extravagantes e com as **asneiras** de nossos convidados – dizia ela.” (E.F. p. 70). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BIRRA *s. f.*

Implicância; teimosia; obstinação. “– Ninguém me convence, doutor. Aquilo era birra, pois Virgínia já muito doente, tossindo, ia a espetáculo lírico [...]”. (E.F. p. 46). LSDAE em DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CAPRICHOS *s. m.*

Var.: carregar um capricho.

Opinião; desejo súbito sem justificativa aparente. “Minutos depois eles ouviram rumor de vozes fora do muro. Diziam: - Que **capricho** do senhor Comandante! Quem já viu enterrar a esta hora!” (E.F. p. 214). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra a variante carregar um capricho.

COBRA ME MORDESSE *exp.*

Utilizado por quem está com muita raiva, possesso, enfurecido; desejo de ser mordido por cobra a realizar novamente o que fez. “– Se eu adivinho que não dançava com Carlotinha do capitão Martins e que as donas mangavam de mim... **cobra me mordesse** se eu mandasse o meu cevado gordo!” (E.F. p. 75). LTDAC em DC; LTND em DP, DS; LTND em DA, DH, DM.

COM TODOS OS DIABOS *exp.*

Var.: Com os diabos, com os seiscentos diabos, com os trezentos ou seiscentos mil diabos, com todos os seiscentos e com os seiscentos diabos.

Expressão que indica raiva, revolta. “[...] que me disse: ‘Vá coltejar as moças.’ Está em que deu! **Com todos os diabos!** Me chamar bebo...” (E.F. p. 76). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAD em DH, DM; LTDAE em DA.

CREDO *interj.*

Var.: Credo, cruz!

Indica pavor, admiração, espanto. “-**Credo!** Naninha, se o Cazuzza soubesse, nunca mais olhava para ti.” (E.F. p. 41). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: Em DC, registra-se a variante credo, cruz!.

DAR CAVACO *exp.*

Demonstrar zanga; lamentar. “-Não **dê cavaco**, minha afilhada – disse o vigário.” (E.F. p. 109). LTDAE em DC, DP; LTND em DS; LTDAE em DA, DH, DM.

DEUS NOS ACUDA *exp.*

Var.: um Deus nos acuda, um Deus que nos acuda.

Expressão que indica correria, tumulto, confusão. “[...] nem sei que mais...**Deus nos acuda!** Era rua abaixo, rua acima, e quando riscou aqui no canto, tinha ares de quem quer se mostrar.” (E.F. p. 56). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DH, DM; LCND em DA. **NL:** DC registra as variantes um Deus nos acuda e um Deus que nos acuda.

DIABO *interj.*

Indica impaciência, contrariedade, raiva. “- **Diabo!** Se te apanho... – disse, contrariado, e saiu para a casa da professora a fim de serenar um pouco as ideias [...]”. (E.F. p. 99). LSDAD em DC; LSND em DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

DIABOS ME LEVEM *exp.*

Var.: levar o diabo.

Perder-se; sumir; desaparecer; morrer. “**Diabos me levem** – gritou Boão do Poço – se eu namoro a preta do vatapá, como disse a sorte!”. (E.F. p. 110). LTDAE em DC; LTND em DS, DP; LTDAE em DH; LTND em DA, DM. **NL:** Os dicionários DC e DH registram como levar o diabo.

DOIDICE *s. f.*

Var.: dar na doidice.

Ato impensado, extravagante, imprudente. “[...] viemos morar nesta casinha, mas nunca me perdoou a minha **doidice**...e tem um ciúme terrível de mim.” (E.F. p. 197). LSDAE em DC; LSND em DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC expõe a variante dar na doidice.

ENFADO *s. m.*

Tédio; melancolia; insatisfação espiritual. “– Deixe a história dessa moça e continue a prestar-lhe seus serviços enquanto ela precisar deles – voltou a rainha com **enfado**.” (E.F. p. 193). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ENTALO *s. m.*

Sensação de pressão na garganta; sufoco, decorrente da vontade de chorar. “Depois sentiu vontade de chorar, mas um **entalo** na garganta parecia impedir que as lágrimas passassem para

os olhos.” (E.F. p. 138). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAD em DH, DM; LSDAD em DA.

FAZER BEIÇO *exp.*

Var.: fazer beicinho.

Incomodar-se; amuar-se; fazer biquinho. “– O Adriano... – Ora, disse a moça, **fazendo beijo**. Pensei... – Pensou o quê? – perguntou tia Úrsula com seu bocadinho de malícia.” (E.F. p. 298). LCDAC em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM. NL: DC e os dicionários da língua analisados apresentam a variante fazer beicinho.

MANHA *s. f.*

Astúcia; intenção maldosa; má índole. “– Ou ignora ingênua o procedimento do marido ou santamente lhe encobre as **manhas** [...]”. (E.F. p. 204). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MELINDRE² *s. m.*

Delicadeza; polidez; amabilidade ao tratar. “Boão do Poço não entendia de **melindres**, pegou no outro objeto e leu como no primeiro [...]”. (E.F. p. 77). V. “*melindre*¹”. LSDAD em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

MUXOXO *s. m.*

Desprezo; descaso, indicado por movimento nos lábios. “Henriqueta deu um **muxoxo**, Carlotinha abafou um suspiro.” (E.F. p. 111). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

NÃO SER DE CAIXAS ENCOURADAS *exp.*

Não gostar de segredinhos, de mistérios. “– Muito bem, senhor do Poço, gosto de ver um homem assim, franqueza em todo caso. – **Não sou de caixas encouradas**, meu caro – tornou o matuto.” (E.F. p. 75). LTND em DC, DP, DS; LTND em DA, DH, DM.

NÓ NA GARGANTA *exp.*

Entalo. “– Se é mentira o que me disseram, estou, se não é... Não pôde acabar, parecia ter um **nó na garganta**.” (E.F. p. 197). V. “*entalo*”. LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM.

OLÉ *interj.*

Admiração; contrariedade em relação a algo dito. “– **Olé!** Que povo tolo! – exclamou Adriano. (E.F. p. 33). LSND em DC, DP, DS; LSDAD em em DA, DH, DM.

ORA ESSA *interj.*

Var.: ora sebo, ora bolas, ora.

Denota impaciência; discórdia; menosprezo. “**Ora, essa!** Pensa o senhor que a Rainha do Ignoto é aí qualquer Joana ou qualquer Teresa?” (E.F. p. 131). LCDAE em DC, DP, DS; LCDAE em DH; LCND em DA, DM. **NL:** DC registra como ora sebo, ora bolas; DA e DM registram somente ora.

QUE DIABO *interj.*

Indicativo de questionamento sobre o motivo de algo; esclarecimento; razão de. “– **Que diabo** vem a ser alquimista? – perguntou um sujeito que acabou de esgotar um copo de aguardente.” (E.F. p. 38). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

RISO AMARELO *exp.*

Riso de quem está confuso; desconfiado; contrafeito. “– Deixe de gracejo, camarada – replicou, com um **riso amarelo.**” (E.F. p. 209). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM.

SENTIMENTO DE LEI *exp.*

Diz-se do estado de luto; pesar ou dor pela morte de alguém. “[...] com a maior atividade e desembaraço, tomava conta da casa de dona Matilde, abandonada pelo **sentimento de lei.**” (E.F. p. 82). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

TIRAR A ONÇA DO PASTO *exp.*

Resolver uma situação difícil; livrar-se de um inconveniente. “[...] já ficou quase justo com um negociante de escravos, e vai hoje à tarde para o Recife. Estou doido por **tirar a onça do pasto.**” (E.F. p. 245). LTND em DC, DP, DS; LTND em DA, DH, DM.

VIRAR A CASACA *exp.*

Var.: virar casaca, virar.

Mudar de partido; de opinião. “–Vem - disse outro – fazer a eleição, arranjar votos para a chapa do governo. Ele engana-se! O povo daqui é durinho, não **virá a casaca** com duas risadas!” (E.F. p. 38). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra as variantes virar casaca; virar.

4.5.1.2 *Microcampo: relacionada à natureza*

AMIUDAR *v.*

Var.: amiudar dos galos.

Cantar (o galo) em curtos intervalos pela madrugada. “Já os galos **amiudavam** o canto e as nuvens do alvorecer do dia se espalhavam no céu [...]”. (E.F. p. 28). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DS registra amiudar dos galos como variante.

BOCA DA NOITE *exp.*

Var.: boquinha da noite.

Período inicial da noite; o anoitecer. “O povo chama ao anoitecer ‘**boca da noite**’, pois a boca da noite é como a boca de um abismo!” (E.F. p. 72). LCDAE em DC, DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC apresenta a variante boquinha da noite.

FRESCO *s. m.*

Úmido; ainda não seco. “Lá não havia lugar algum onde a terra estivesse revolvada de **fresco**.” (E.F. p. 95). LSDAE em DC; LSDAD em DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

MALACACHETA *s. f.*

Var.: mica, muscovita.

Denominação dada aos minerais o grupo das micas, costumeiramente incolor ou castanho. “Subiu um montezinho de terra vermelha estrelado de **malacacheta** ou mica, e escondido por trás de uns arbustos, esperou.” (E.F. p. 35). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA, DP; DH e DM registra como muscovita.

RIMBOMBAR *v.*

Var.: ribombar.

Estrondar; trovejar. “O trovão **rimbombava** ao longe e havia indícios de um próximo temporal!” (E.F. p. 178). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: os dicionários DA, DH, DM, DP registram a variante ribombar.

SERENO *s. m.*

Relento; clima noturno; umidade atmosférica. “– É porque estou endefluxada – disse a menina –, o **sereno** me faz mal.” (E.F. p. 43). LSDAE em DP; LSDAD em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

SINGRAR *v.*

Percorrer navegando; velejar; navegar. “O Tufão vinha do sul, **singrando** os verdes mares do Ceará.” (E.F. p. 277). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

VIRAÇÃO *s. f.*

Período da tarde, entre duas e quatro, em que costuma soprar vento fresco ou suave. “[...] e via-se somente nos casulos secos a alvíssima plumagem do algodão, que como flocos de neve era embalada pela **viração** da tarde.” (E.F. p. 92). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAD em DA, DH, DM.

4.5.1.3 Microcampo: relacionada a ordens diversas

ANDAR MOURO NA COSTA *exp.*

Diz-se de um possível pretendente amoroso. “– Eu já vou desconfiando – disse dona Matilde – que **anda mouro na costa**... já há mais de uma semana que veio morar, para estes lados, um doutorzinho de quem se fala muito na terra.” (E.F. p. 43). LTND em DC, DP, DS; LTDAC em DA; LTND em DH, DM.

ARRIAR *v.*

Descer, baixar. “As Paladinas do Nevoeiro se animaram, mandaram **arriar** as lanchas e escaleres [...]”. (E.F. p. 180). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ARROBA *s. f.*

Medida de peso equivalente a 15kg. “– Não sei nada – disse a professora, disfarçando. – Vamos falar de nosso gado, já fiz quatro **arrobas** de queijo este ano.” (E.F. p. 126). LSDAE em DC,

DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NE**: DC registra que, em certas regiões do Ceará, essa medida era variável, podendo ser 15kg em algumas, mas em outras, 20kg.

ASSIM, ASSIM *loc. adv.*

Mais ou menos. “– É fértil aquela serra? – tornou ele. – **Assim, assim** – volveu o campônio -, fazem roçados nas quebradas e plantam alguma cana, mas coisa pouca.” (E.F. p. 24). LCDAE em DC, DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM.

AVIAR *v.*

Apressar-se, prover, preparar medicamento. “[...] reconheceu Clara Benício receitando e mandando **aviar** os remédios em uma sala vizinha [...]”. (E.F. p. 226). LSDAC em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

AZADO *adj. m.*

Oportuno, conveniente. “– Pois bem, meu amigo, é por esse mesmo motivo que eu me calo, esperando uma ocasião **azada** para o golpe definitivo.” (E.F. p. 187). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BAGATELA *s. f.*

Var.: ninharia.

Coisa insignificante, irrisória, de baixo valor. “‘É **bagatela!**’, disse. ‘Vou dar-vos esta quantia, ide restituí-la, mas com a condição de voltar para bordo trazendo vossa esposa.’” (E.F. p. 116). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA apresenta a variante ninharia.

BASTA *interj.*

Cessar, findar algo, pedido para que se pare algo ou alguma coisa. “– Levem daqui quanto antes esse ladrão atrevido! **Basta!** Isso é demais!” (E.F. p. 262). LSDAD em DC; LSDAC em DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

BUFÃO *adj. m.*

Chamativo, exagerado, jocoso. “[...] uma configuração que lhes denunciase o escolhido de sua alma sob aquele traje representativo ou **bufão**.” (E.F. p. 269). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAD em DA, DH, DM.

CARCOMIDO *adj. m.*

Diz-se de algo roído, deteriorado. “Colou os lábios à pedra **carcomida** pelo tempo e beijou uma a uma as letras da inscrição [...]”. (E.F. p. 304). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CARRADA *s. f.*

Grande quantidade de algo. “Fez ponto final com a notícia...e eu vou mandar umas **carradas** dessas prendas inválidas para minha futura sogra [...]”. (E.F. p. 236). LSDAE em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

CARRETILHA *s. f.*

Diz-se de algo que é dito ou feito em sequência, com muita rapidez. “Traz também uma hipnotizadora célebre, tenho muita vontade de ver hipnotizar. – Que **carretilha**, mulher! – disse Maturi entre zangado e satisfeito. – Veremos isso.” (E.F. p. 246). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAC em DH, DM; LSND em DA.

COPLA *s. f.*

Estrofe curta, geralmente em quadras, para ser cantada. “A mais alta e morena cantou a **copla** seguinte [...]”. (E.F. p. 249). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

DO TEMPO DOS AFONSINHOS *exp.*

Var.: no tempo dos Afonsinhos, tempo do onça.

Diz-se de algo muito antigo, dos velhos tempos. “[...] quando nós estávamos no Recife, que entrávamos em alguma loja de modas e que víamos um chapéu ou uma fazenda **do tempo dos Afonsinhos**, dizíamos logo: isso guarde para vender aos matutos.” (E.F. p. 54). LTDAE em DS; LTND em DC, DP; LTDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC registra a variante no tempo dos Afonsinhos; DM apresenta como tempo do onça. **NE:** DH acrescenta que faz alusão ao tempo das afonsinas, ou seja, as Ordenações promulgadas pelo rei de Portugal, D. Afonso V.

EMBRULHADA *s. f.*

Confusão, encrenca, atrapalhada. ““Eu fui ama de leite da mãe, e também criei a filha nos meus braços’, disse ela, ‘é por isso que sinto tanto esta **embrulhada**... esta miséria!’”. (E.F. p. 122). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ENCARNADO *adj. m.*

De cor vermelha. “Ela trajava vestido de chita roxa com ramagens **encarnadas** [...]”. (E. F. p. 34). LSDAE em DP; LSND em DS; LSDAD em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

ESTÁ EM QUE DEU *exp.*

Var.: deu no que deu.

Referência à conclusão de algo decorrido. “[...] que me disse: ‘Vá coltejar as moças.’ **Está em que deu!**” (E.F. p. 76). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCND em DA, DH, DM. NL: DC registra a variante deu no que deu.

FAINA *s. f.*

Trabalho árduo efetuado por muito tempo. “Muitas viúvas sem teto e muitos anciãos sem calçado somente pela **faina** gananciosa desse miserável de casaca.” (E.F. p. 263). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

IMEDÍVEL *adj. c2g*

Diz-se daquilo que não se pode medir. “[...] Maria Jesuína tinha uma expressão de bondade iluminada pela inteligência, e o da Rainha do Ignoto tinha uma profundidade **imedível**.” (E.F. p. 232). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

LÉGUA *s. f.*

Unidade de medida equivalente a 6.600 metros. “– Não, é aqui perto, umas duas **léguas**. Fique convidado desde já a ir passar São João conosco [...]”. (E.F. p. 99). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MAL-ASSOMBRADO *adj. m.*

Diz-se do lugar ou casa em que aparecem visões, fantasmas, almas ou aparições sobrenaturais. “O povo, e com especialidade as lavadeiras quando voltavam à cidade com suas trouxas de roupa, vinham contando histórias do morro **mal-assombrado**.” (E.F. p. 134). LCDAE em DS; LCND em DC, DP; LCDAE em DH, DM; LCND em DA.

MODINHA *s. f.*

Cantiga de caráter sentimental, geralmente acompanhada de um instrumento. “[...] despedir-se da vida cantando ao piano aquela **modinha**.” (E.F. p. 81). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MONTURO *s. m.*

Lugar em que se depositam dejetos, imundície. “Até no **monturo** e na lama das ruas se encontra um coração de mulher”. (E.F. p. 195). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

OBRA PIA *exp.*

Diz-se de algo ou alguma coisa feita com objetivo caridoso, piedoso. “Ela soube que me espoliavam do meu maior haver, mas não pôde impedir a marcha daquela **obra pia** embargando o serviço [...]”. (E.F. p. 278). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

OFERTA DAS FLORES *exp.*

Costume cristão de ofertar flores à Nossa Senhora, como sinal de respeito e em sua homenagem. “Às quatro horas da tarde, a matriz da povoação regurgitava de povo empenhado em assistir a **oferta das flores** [...]” (E.F. p. 90). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

PAGA *s. f.*

Retribuição; pagamento; recompensa. “Eles irão mendigar como eu em **paga** do sague dos pobres e dos escravos.” (E.F. p. 252). LSDAC em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PANCADARIA *s. f.*

Conjunto de instrumentos de percussão. “Imagine: a música de **pancadaria** se anunciando ao longe, os foguetes estourando no ar [...]”. (E.F. p. 278). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PARECENÇA *s. f.*

Var.: parença.

Semelhança; analogia. “E para mais confirmar a sua **parecença** com o rei das trevas, o tal moleque tinha uma cauda [...]”. (E.F. p. 26). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

PRENDA *s. f.*

Qualidade; habilidade; aptidão. “Digno das mãos de uma professora de **prendas** domésticas.” (E.F. p. 73). LSDAD em DS; LSND em DC, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

PRESENTEMENTE *adv.*

Diz-se de algo atual; hoje; no momento presente. “**Presentemente**, sofre no sistema nervoso, os filetes dos nervos sensitivos foram profundamente abalados [...]”. (E.F. p. 124). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

PROMODE *adv.*

Var.: pramode, prumode, mode.

Utilizado em substituição de locuções indicativas de finalidade. “Inhá, sim, **promode** a frieza, sezão não sai do corpo do preto...vai trabaíá tremendo, não faz mutó, apanha bolo pra spertá preguiça.” (E.F. p. 240). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSND em DA, DH, DM. **NL:** DC registra as variantes pramode, prumode, mode.

QUINHÃO *s. m.*

A parte do todo que cabe a alguém ou relacionada a alguma coisa. “Não receia que eu abuse dela ao menos pelo **quinhão** que toca à língua? – perguntou o doutor Edmundo.” (E.F. p. 186). LSDAE em DP; LSDAD em DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

RIBICADA *adj. f.*

Diz-se de algo a que se deu a cor azulada; cor de anil. “Alguns ramos de flores silvestres, colocados em garrafas brancas, cheias de água anilada ou **ribicada**, davam àquele singular banquete um ar festivo.” (E.F. p. 67). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

TOADA *s. f.*

Rumor; entoação; música que se canta em determinada sequência. “[...] de todos os lados um farfalhar de sedas envolto com a escala de **toadas** dos vendedores de doces e de jornais.” (E.F. p. 257). LSDAC em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.6 Campo lexical: insulto/desrespeito**4.6.1 Macrocampo: realizado verbalmente**

ARRASTAR ASA *exp.*

Var.: arrastar a asa para., arrastar as asas.

Cortejar, fazer a corte, galantear. “– Eu ouvi tudo, senhô moço, não acredite... seu Eduardo diz aquilo porque anda aqui **arrastando asa** à menina, sinhá Malvina.” (E.F. p. 83). LTDAE em DC, DP, DS; LTDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA, DH e DM registram as variantes arrastar a asa para., arrastar as asas.

ARRENEGAR *v.*

Renegar, recusar, amaldiçoar. “– Eu te **arrenego**, maçom! Eu te desconjuro, protestante! Não filha minha, que casasse contigo...está ouvindo, vizinha?” (E.F. p. 40). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BATER COM A LÍNGUA NOS DENTES *exp.*

Var.: dar com a língua nos dentes.

Agir de forma indiscreta, revelar segredos de outras pessoas, falar demais quando não deve. “[...] ainda não ouvi falar nisso, que seria motivo bastante para esses imbecis **baterem com a língua nos dentes.**” (E.F. p. 97). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAE em DA, DH, DM. **NL**: DM registra a variante dar com a língua nos dentes.

CHACOTA *s. f.*

Var.: zombaria.

Aquilo que se diz para causar risos, mangação, zombaria, pilhéria, mofa, troça. “A garrida moça ficou em dúvida sobre o verdadeiro sentido da última palavra do doutor, por isso entrou para continuar a fazer **chacotas** [...]”. (E.F. p. 55). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA apresenta a variante zombaria.

DESCONJURAR *v.*

Var.: esconjurar.

Arrenegar. “– Eu te arrenego, maçom! Eu te **desconjuro**, protestante! Não filha minha, que casasse contigo...está ouvindo, vizinha?” (E.F. p. 40). **V.** “Arrenegar”. LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC expõe a variante esconjurar.

ENFIAR *v.*

Encabular, envergonhar-se, vexar-se. “– Um velho careca – disse esta, rindo-se muito. – A Carlotinha **enfia** – acudiu o senhor Martins, erguendo-lhe o rosto pelo queixo.” (E.F. p. 109). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ENGRAÇAR-SE *v. pron.*

Agradar-se, apaixonar-se, gostar. “– Porque ela é um anjo e não quero que vá **se engraçar** dos enfunados da cidade para depois ficar chorando [...]”. (E.F. p. 32). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ESPECULAR *v.*

Var.: espicular.

Indagar, perguntar, esmiuçar, mostrar-se curioso. “Entrou desembaraçada e começou brigando a arrumar a cozinha e a **especular** ao criado pela vida do doutor Edmundo.” (E.F. p. 31). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** Em DC, apresenta-se a variante espicular.

MANDINGA *s. f.*

Feitiçaria, bruxaria, trapaçaria. “- Há coisas, senhor doutor, que parecem mandinga! – disse Adriano, muito admirado.” (E.F. p. 288). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NE:** DC acrescenta que o termo não é regional, mas é muito utilizado no Nordeste.

MANEJO *s. f.*

Ato de manusear, manejar algo ou alguma situação. “Carlotinha havia percebido o **manejo** picante, e estava desconfiada, quase a chorar.” (E.F. p. 70). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MANGAÇÃO *s. f.*

Chacota. “Se elas vierem com **mangação** para minha banda, ouvem... as papas não me queimaram a língua!” (E.F. p. 56). **V.** “*chacota*”. LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

MANGAR *v.*

Caçoar, debochar, troçar. “– **Mangaram** de você, tia Úrsula? – Perguntou o Adriano. (E.F. p. 56). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

MOFAR *v.*

Mangar. “[...] ‘dignidade de sargento! Tem que ver...honra de engomadeira!’ E continuou a **mofar**.” (E.F. p. 222). *V.* “*mangar*”. LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TROÇA *s. f.*

Chacota. “O velho Pacífico começou por andar pelas ruas da cidade com sua carta enrolada debaixo do braço, contando a todos a **troça** que lhe fizeram.” (E.F. p. 154). *V.* “*chacota*”. LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.6.2 Macrocampo: realizado fisicamente**BOLO²** *s. m.*

Var.: palmatoada.

Palmada ou golpe aplicado com algum objeto na palma da mão, quase sempre, como castigo. “Inhá, sim, promove a frieza, sezão não sai do corpo do preto...vai trabaiaá tremendo, não faz muto, apanha **bolo** pra spertá preguiça.” (E.F. p. 240). *NL:* DH registra a variante palmatoada. DC registra também “levar bolo”, “levar um bolo”. LSDAE em DC; LSDAD em DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

COMER *v.*

Var.: comer o couro.

Bater, surrar, açoitar. “-Ih...ih...ih! Se o senhô soubesse, **come** negro vivo! Ainda na semana passada, deu tamanha surra na Romana que ela botou sangue [...]”. (E.F. p. 230). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DH, DM; LSND em DA. *NL:* DS registra a variante comer o couro.

O PAU RONCAR *exp.*

Var.: Roncar o pau (a madeira, a lenha, a pancadaria), cantar o pau.

Ocorrer pancadaria, briga. “Num samba que houve ali para baixo, **o pau roncou!** E quem ficou com as cacetadas foi o pobre do Chico Timbaúba.” (E.F. p. 32). LTDAE em DC, DP, DS; LTND em DA, DH, DM. *NL:* DC apresenta as variantes roncar o pau (a madeira, a lenha, a pancadaria); DS apresenta cantar o pau.

RACHAR *v.*

Bater, produzindo fenda, racha. “– Vai bem – volveu ela -, mas a pancada foi forte! **Rachou**-lhe a cabeça com um talho enorme.” (E.F. p. 205). LSDAD em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

SURRA *s. f.*

Ato de surrar, de bater, de maltratar por meio de agressão. “-Ih...ih...ih! Se o senhô soubesse, come negro vivo! Ainda na semana passada, deu tamanha **surra** na Romana que ela botou sangue [...]”. (E.F. p. 230). LSDAD em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

VERGÃO *s. m.*

Marcas, vincos deixados por agressão física, por surra. “– Negros mortos de fome, esfarrapados, com o rosto e as costas cheias de **vergões!**” (E.F. p. 160). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.7 Campo lexical: profissão/atuação**4.7.1 Macrocampo: relacionados ao mar****ALMIRANTA** *s. f.*

Oficial do sexo feminino que assume a função de almirante, posto militar. “À frente das marinheiras estava Inês Racy com o título de **almiranta.**” (E.F. p. 142). LSND em DC, DP, DS; LSDAD em DA, DH, DM. **NE:** Os registros encontrados nos dicionários da língua somente correspondem à “nau em que o almirante está”, ou ainda, à “mulher do almirante”. Registrou-se no feminino dada a acepção que surge na obra.

CATRAIEIRO *s. m.*

Var.: catraeiro.

Trabalhador no cais; tripulante de barco pequeno, catraia. “[...] atraía as vistas dos **catraieiros** portugueses que, divisando algum que não atracou no cais [...]”. (E.F. p. 185). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL:** DC apresenta a variante catraeiro.

GUARDA-VIGIA *s. c2g*

Pessoa encarregada de vigiar, guardar algo ou alguma coisa. “A **guarda-vigia** veio avisar-me da parte da empregada, que diz não ter muita confiança na ciência contra os franceses [...]”. (E.F. p. 158). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

MARUJA *s. m.*

Mulher que trabalha no mar ou que exerce a função de marinheiro. “[...] e mandou três **marujas** para a escotilha de proa vigiarem o mar, que estava assanhado como uma cascavel prestes a dar o bote.” (E.F. p. 178). **NE**: Optou-se pelo registro no feminino dadas as acepções que constam nos dicionários da língua, como o “conjunto dos marinheiros”. LSND em DC, DP, DS; LSDAD em DA, DH, DM.

4.7.2 Macrocampo: não relacionados ao mar

AMA *s. f.*

Criada doméstica, ou mulheres que amamentam os filhos alheios. “Elas passam revista na bagagem e correm à casa a levar as novas às mães ou **amas** que ficaram à janela, de pescoço estirado [...]”. (E.F. p. 39). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ARREEIRO *s. m.*

Var.: arreador, arrieiro.

Diz-se daquele que conduz animais de carga. “Naquele momento entrou na sala o senhor Martins, que andava por fora da porta tratando os **arreeiros**.” (E.F. p. 103). LSDAE em DC; LSDAD em DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: Em DC e DS, registra-se a variante arrieiro. DA apresenta arreador.

ASSENTAR PRAÇA *exp.*

Var.: sentar praça.

Alistar-se no exército. “Em criança, esteve ele em casa de uma família que o tratou muito bem e dava toda proteção a meu pai e a minha mãe, mas deu-lhe na cabeça assentar praça e **assentou**.” (E.F. p. 220). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DA, DH, DM. **NL**: CD registra a variante sentar praça.

ROCEIRO *adj. m.*

Diz-se do indivíduo que trabalha na roça, que, geralmente, tem pouco estudo. “[...] não deixava de fazer referências ao pai de Carlotinha que, apesar de **roceiro** sem instrução, era inteligente e muito sensato.” (E.F. p. 54). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.8 Campo lexical: espaço

4.8.1 Macrocampo: edificações

ALCOVA *s. f.*

Pequeno quarto de dormir. “[...] deixou a **alcova** onde se reunia a família e passou à sala de jantar. (E.F. p. 82). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

CAMARINHA *s. f.*

Alcova. “A não ser na **camarinha**, a embalarem-se na rede, é ali ao pé de suas flores que as moças sertanejas costumam fazer as amigas [...]”. (E.F. p. 127). V. “*alcova*”. LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. NE: DP diz que o termo caiu em desuso há muito tempo, mas ainda assim ficou em uso durante um período no Nordeste.

CHIQUEIRO *s. m.*

Curral pequeno de ovelhas e cabras. “Logo no oitão ficava o curral das cabras, o **chiqueiro** das cabras [...]”. (E.F. p. 108). LSDAE em DC; LSND em DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

CURRAL *s. m.*

Cercado onde se prende, principalmente, gado, mas também pode ser utilizado para recolher outros animais. “Logo no oitão ficava o **curral** das cabras, o chiqueiro das cabras [...]”. (E.F. p. 108). LSDAC em DP; LSDAD em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

OITÃO *s. m.*

Var.: outão.

Parte lateral de uma casa. “[...] só se via brilhar uma luz cuja claridade saía da janela do **oitão** da casa do fim da rua.” (E.F. p. 23). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM. NL: DH registra a variante outão.

TRAPICHE *s. m.*

Pequeno engenho de açúcar, movido por bois. “Depois embarquei também para o Pará e encontrei Cipriano trabalhando no **trapiche**; ele me recebeu muito bem [...]”. (E.F. p. 197). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.8.2 Macrocampo: lugares abertos

ARREDADO *adj. m.*

Afastado, distante, isolado. “– Não é longe – disse ele –, ali mais adiante um bocadinho está a casa **arredada** das outras, olhando para o porto.” (E.F. p. 192). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BARREIRO *s. m.*

Var.: barreira.

Buraco feito no solo para retirada de barro. “– Olhe o **barreiro**, sinhazinha – disse a mulata Tereza, que a acompanhava, e puxando-a pelo braço, a fez recuar.” (E.F. p. 126). LSDAE em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DA apresenta o termo barreira como variante.

BRENHA *s. f.*

Região com matagal espesso; zona rural distante. “Pela primeira vez na vida, o som melodioso e terno de um instrumento da civilização quebrou o silêncio daquelas **brenhas**, onde só se ouvia o urro da onça [...]”. (E.F. p. 104). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ERMO *s. m.*

Lugar deserto, descampado, solitário. “– Para que tanto luxo neste **ermo**? Que mulher fantasiosa!” (E.F. p. 58). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

INATA *s. f.*

Espaço ao aberto na mata. “E não tardou a se estender na **inata** o cheiro do café no torrador, e das fritadas de carne de porco nas frigideiras. (E.F. p. 241). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

PARAGEM *s. f.*

Certo lugar, determinada região. “Ele concordou logo que Valentim tinha um pouco de razão, pois estava fora de dúvida que, por aquelas **paragens**, existia a verdadeira causa que dava origem à crença do povo.” (E.F. p. 27). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NE:** Os DA, DH e DM registram uma acepção antiga do termo como correspondente à parte do mar acessível à navegação.

REDONDEZA *s. f.*

Arredores, vizinhança. “– Bebo não, senhora Paulina, é que o fio do capitão Migué é conhecido em toda esta **redondeza!**” (E.F. p. 75). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ROÇA *s. f.*

Terreno em que se cultiva, planta. “– Não seja lisonjeiro, doutor, veja que estamos na **roça**, aqui não se usam galanteios de salão.” (E.F. p. 43). LSDAE em DP, DS; LSDAD em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

RUMO *s. m.*

Direção dada pela rosa dos ventos. “– Não, mas posso dizer o **rumo** da galera, ali está marcado nos trinta e dois ventos da rosa náutica.” (E.F. p. 159). LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

SÍTIO *s. m.*

Povoado, localidade qualquer. “Ele queria agarrar novos fios para desembaraçar o labirinto em que tinha a mente desde a sua chegada àqueles **sítios.**” (E.F. p. 63). LSDAE em DP, DS; LSDAD em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

VEREDA *s. f.*

Var.: vareda.

Caminho estreito, atalho. “As ciganas mais divertidas riram-se, e a cavalgada seguiu a passo por uma **vereda** muito estreita, ladeada de árvores, cuja espessa ramagem encruzavam [...]”. (E.F. p. 240). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **DL:** DC registra como variante vareda.

4.8.3 Macrocampo: partes de construções

LATADA *s. f.*

Tipo de cobertura rústica, comum nos povoados do sertão, coberto de palhas ou folhas para abrigar comboieiros, viajantes. “Nas proximidades laterais da Igreja avistava-se uma **latada** coberta de melão São Caetano [...]”. (E.F. p. 87). LSDAE em DC, DP; LSND em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

PORTALÓ *s. m.*

Parte do navio por onde se retira a carga e por onde as pessoas entram e saem. “Dentro em pouco tempo, chegamos a bordo de um vapor de aparência muito comum, mas singularmente estranho para aquele que pela primeira vez entra em seu **portaló**.” (E.F. p. 115). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TOLDA *s. f.*

Parte do convés principal que fica entre o mastro e a estruturada levantada à popa ou entre o mastro e a popa. “– Subamos à **tolda** - disse a Rainha do Ignoto -, vamos ver nossos protegidos.” (E.F. p. 224). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

4.9 Campo lexical: ação**4.9.1 Macrocampo: para com os outros****ACUDIR**¹ *v.*

Intervir, contrapor. “– Seu nome, minha tia – **acudiu** Virgínia -, não vale a pena saber [...]”. (E.F. p. 70). *V.* “*acudir*²”. LSDAD em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

AGRADO *s. m.*

Amabilidade, manifestação de carinho, de atenção. “Carlotinha se esforçava para corresponder alegremente àqueles **agrados** de estilo sertanejo, e não podia senão formular um triste sorriso.” (E.F. p. 127). LSDAE em DC, DS; LSND em DP; LSDAE em DA, DH, DM.

AJUNTAMENTO *s. m.*

Var.: ajunção.

Ação de ajuntar-se, reunir-se. “– O que aí te chama mais a atenção? – Um grande **ajuntamento** de povo.” (E.F. p. 159). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM. **NL**: DC registra como ajuntação.

APINHAR-SE *v. pron.*

Juntar-se, aglomerar-se. “O povo **apinhava-se** para ver passar aquelas meninas marchando compassadamente, com os olhos baixos [...]”. (E.F. p. 88). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ARMAR UM LAÇO *exp.*

Preparar uma armadilha. “A fortuna, pensou ele, é uma casta de corça que não pode ser pegada por quem corre mais, e sim por quem sabe **armar-lhe um laço.**” (E.F. p. 48). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTND em DA, DH, DM.

ARRANJAR *v.*

Ajeitar, providenciar, arrumar. “[...] vou mandar com o senhor ao juiz de órfãos uma pessoa competente que lhe **arranje** isso.” (E.F. p. 229). LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

ÀS BOAS *loc. adv.*

Reconciliar-se; fazer as pazes. “Aquela gente que lhe parecia dedicada ao bem, todavia não lhe inspirava ainda bastante confiança para apresentar-se-lhe, portanto, tornou-se **às boas**, e pediu desculpas [...]”. (E.F. p. 173). LCDAC em DC; LCND em DP, DS; LCDAC em DA, DH; LCND em DM.

ASSENTAR¹ *v.*

Var.: sentar.

Sentar, pôr sobre. “A *sinhá* é *pió*...fura as *negas cum* garfo, atira leite fervendo na cara delas porque o leite *taiou*, **assenta** nequinhos no formigueiro [...]”. (E.F. p. 230). **V.** “*assentar*”². LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

DESENFERRUJAR A LÍNGUA *exp.*

Falar muito depois de longo tempo sem conversar. “–Voltemos para a povoação – respondeu senhor Martins -, lá tem com quem **desenferruje a língua.**” (E.F. p. 126). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAE em DA, DH, DM.

METER O FERRO *exp.*

Var.: meter o aço.

Dar início ou prosseguimento a uma ação. “Durou pouco o tempo de nossa paz. [...] e os soldados, acostumados a matar nos combates, **meteram o ferro** a matar ainda [...]”. (E.F. p. 221). LTDAE em DC; LTND em DP; LTDAC em DS; LTND em DA, DM; LTDAD em DH. NL: DC registra a variante meter o aço.

4.9.2 Macrocampo: de ordem individual**À DESFILADA** *loc. adv.*

Var.: à disparada, em desfilada.

Às carreiras, às pressas, desembestada. “Ele partiu **à desfilada** para a povoação e chegou às sete horas da noite, cada vez mais atraído para a fada do Areré [...]”. (E.F. p. 37). LCDAE em DC; LCND em DP, DS; LCDAE em DA; LCDAD em DH; LCND em DM. NL: DC registra em desfilada e DA à disparada.

ALARIDADE *s. f.*

Gritaria, algazarra, barulho em excesso. “As crianças, rindo e batendo as palmas, iam e vinham ao longo das calçadas numa **alaridade** ensurdecadora e invejável.” (E.F. p. 269). LSND em DC, DP, DS; LSND em DA, DH, DM.

ÀS CARREIRAS *loc. adv.*

Às pressas, rapidamente. “– Cada vez tenho mais, senhor Edmundo – respondeu ela -, vou por aqui **às carreiras**. Mas o que fazer?” (E.F. p. 34). LCDAE em DP; LCND em DC, DS; LCDAE em DH, DM; LCND em DA.

ASSENTAR² *v.*

Escrever, registrar, anotar. “- Eu, dona? Não tive *curpa*, estava **assentado** no papel...li porque estava assentado [...]”. (E.F. p. 77). V. “*assentar*¹”. LSDAE em DC; LSND em DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

BUSCAR A MORTE *exp.*

Não retornar de uma tarefa para a qual foi mandado. “Parece que o senhor doutor vai sair. Quem sabe se já não quer almoçar, e o disfarçado foi **buscar a morte**.” (E.F. p. 51). LTND em DC, DP, DS; LTND em DA, DH, DM.

CAIR NO LAÇO *exp.*

Ser enganado, iludido. “‘Então, Jovelino, sempre **caíste no laço**? Vais te casar!’ ‘É certo’ – disse ele, rindo [...]”. (E.F. p. 235). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAE em DM; LTND em DA, DH.

CARREGAR A CRUZ *exp.*

Var.: carregar a sua cruz.

Suportar os sofrimentos, as penas, as dores. “[...] pobre Licina e de outras a quem tendes servido de Cirineu para ajudá-las a **carregar a cruz** do matrimônio?” (E.F. p. 255). LTDAC em DC; LTND em DP, DS; LTDAE em DA, DH, DM. NL: Os dicionários da língua registram carregar a sua cruz.

CISMAR *v.*

Desconfiar, preocupar-se. “[...] mas sempre a gente **cisma** quando morre assim uma pessoa de morte apressada [...]”. (E.F. p. 81). LSDAE em DC, DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

ENCHER A BARRIGA *exp.*

Diz-se daquele que cresceu financeiramente; está em fartura. “[...] foi fornecedor de um batalhão em uma das províncias do norte, e de parceria com o comandante, **encheu a barriga** à custa dos pobres soldados.” (E.F. p. 263). LCND em DC, DP, DS; LCND em DA, DH, DM.

PAGODEAR *v.*

Foliar, pandegar, viver levemente. “- Joga! Bebe! **Pagodeia!** Anda...anda...ladrão!” (E.F. p. 151). LSDAE em DP, DS; LSND em DC; LSDAE em DA, DH, DM.

PÃO, PÃO, QUEIJO, QUEIJO *exp.*

Expressão que denota algo feito ou dito sem rodeios; às claras. “– Muito bem, senhor do Poço, gosto de ver um homem assim, franqueza em todo caso. – Não sou de caixas encouradas, meu caro – tornou o matuto. **-Pão, pão, queijo, queijo.**” (E.F. p. 75). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAE em DA, DH, DM.

RESMUNGAR *v.*

Reclamar, falar baixo com rezingo. “O senhor Martins passeava no corredor a passos largos, com as mãos nos bolsos, **resmungando** contra tudo.” (E.F. p. 137). LSND em DC, DP, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

RISCAR *v.*

Aparecer subitamente; de forma inesperada. “[...] nem sei que mais...Deus nos acuda! Era rua abaixo, rua acima, e quando **riscou** aqui no canto, tinha ares de quem quer se mostrar.” (E.F. p. 56). LSDAE em DC, DP; LSDAD em DS; LSDAE em DA, DH, DM.

TIRAR BOM PARTIDO *exp.*

Var.: tirar partido de.

Aproveitar-se da oportunidade; tirar proveito de. “Deixe-me acabar de expor o meu projeto e verás que é disso que pretendo **tirar bom partido**.” (E.F. p. 130). LTDAE em DC; LTND em DP, DS; LTDAC em DM; LTND em DA, DH. **NL**: DC registra a variante tirar partido de.

TIRAR SORTES *exp.*

Diz-se de superstição em que se seleciona objetos às escuras e a simbologia destes dirá o destino. “Vieram chamá-la para **tirar sortes**, e ela apareceu na sala risonha e feliz como só pode ser uma alma no corpo de dezesseis anos [...]”. (E.F. p. 109). LTDAD em DC; LTND em DP, DS; LTDAD em DA, DH, DM.

TROPEL *s. m.*

Barulho, algazarra que se faz ao andar e/ou falar. “Num instante, entraram todos de **tropel** na sala, indagando o que havia.” (E.F. p. 85). LSDAE em DP; LSND em DC, DS; LSDAE em DA, DH, DM.

VALER¹ *v.*

Dar proveito; servir; ter utilidade. “[...] mas de que **vale** isso para ela, se foi renegada por seus pais?” (E.F. p. 166). **V.** “*valer*²”. LSND em DC, DS, DP; LSDAE em DA, DH, DM.

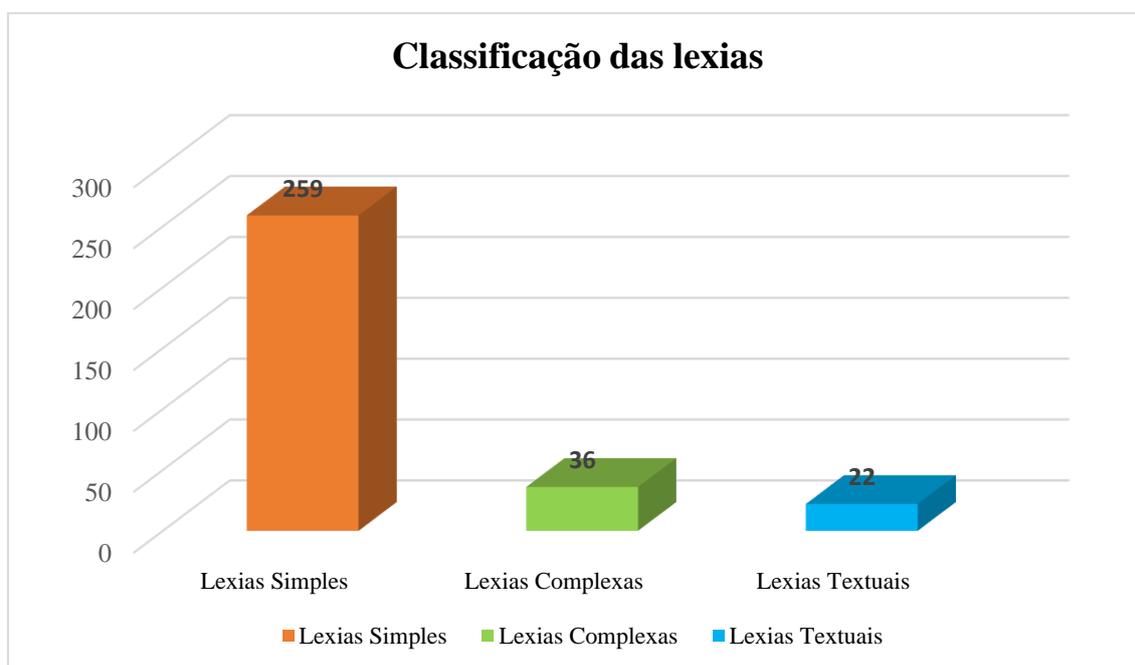
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir das lexias em apreciação nos referidos campos lexicais, serão examinados, neste capítulo, os dados gerais acerca dos resultados obtidos, cujas verificações tragam um panorama consumado do que foi depreendido ao longo da análise léxico-semântica.

Assim, serão verificados, em paralelo, com representação em gráficos e tabelas, a quantidade de lexias analisadas, em suas respectivas classificações, simples, complexas e textuais; quanto à dicionarização ou não das lexias; acerca do registro das acepções por tipos de dicionários; sobre as categorias gramaticais das palavras-entrada; quanto aos campos lexicais formados.

No gráfico 1 abaixo, constam as lexias analisadas quanto às classificações e a ocorrência correspondente a cada uma.

Gráfico 1 - Classificação das lexias



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se, pelo gráfico exposto, que das lexias selecionadas para a análise, cuja caracterização regional foi perceptível, confirmada pela dicionarização nas obras regionais ou ainda não contempladas nos dicionários da língua, a maioria é classificada como simples, atingindo 81,7% dos dados. As lexias complexas, por sua vez, alcançam 11,3% de realização, seguidas das lexias textuais com 7% dos dados.

Em verificação às lexias na obra, no tocante ao primeiro objetivo apresentado, de identificação das lexias, os percentuais corroboram a hipótese elencada que previa a realização maior de lexias simples na obra, mas foge quanto às complexas e textuais, tendo em vista que se previa a uma maior quantidade de lexias textuais, seguidas das complexas. Foi obtido, no entanto, após as lexias simples, um maior número de complexas do que textuais.

Salienta-se a pertinência regionalista identificada nas lexias em pauta, uma vez que, após a seleção pelo crivo da pesquisadora, os dados foram verificados quanto às acepções dicionarizadas ou não nos dicionários da língua e nos regionais, de modo a comprovar o caráter regional. Assim, os termos que não se apresentaram em nenhuma obra lexicográfica popular/regional, independentemente da acepção registrada – se equivalente, complementar ou diferente -, foram eliminadas do levantamento inicial. Permaneceram as lexias que constavam em, pelo menos, um dicionário regional/popular e as que, embora não registradas nas referidas obras, também não constavam nos dicionários da língua, ou constavam, mas com acepções diferentes.

Frente a isso, pois, explicita-se, pela tabela 1 abaixo, os números de lexias, com suas referidas classificações, que foram registradas ou não nos dicionários analisados.

Tabela 1 – Quanto à classificação das lexias e sua respectiva dicionarização ou não

LEXIAS	DICIONARIZADAS	NÃO DICIONARIZADAS
LEXIAS SIMPLES	246	13
LEXIAS COMPLEXAS	24	12
LEXIAS TEXTUAIS	19	3

Fonte: Elaborada pela autora.

Analisa-se, dessa forma, uma quantidade de lexias, cuja acepção foi dicionarizada, que se sobrepõe às não dicionarizadas, considerando os valores de registros das seis obras consultadas, sendo três de caracterização popular e três obras da língua. No que diz respeito às simples, 77,6% delas são registradas nos dicionários, enquanto 13 delas, não, o que equivale somente a 4,1%. Quanto às lexias complexas, com o número bem inferior às anteriores, tem-se, com realização de registro nas obras lexicográficas, 7,6% frente a 3,8% não dicionarizadas. Por fim, acerca das textuais, 6% correspondem às acepções dicionarizadas em paralelo com 0,9% não registradas.

Ressalta-se, ainda, no que diz respeito às lexias não dicionarizadas, que boa parte delas configura-se como neologismo apresentado pela autora, seja pelo novo sentido

empregado ao termo, seja pela inserção de uma nova lexia ao vocabulário da língua, constituindo, o primeiro, caso de neologismo conceptual, e o segundo, neologismo formal, segundo a definição exposta por Biderman (1978). Assim, Emília Freitas traz à tona, por exemplo, “garrado”, “aniversaristas”, “sireno”, “imedível”, “ribicada”, “alaridade”, como alguns dos casos de lexias simples, cujas acepções não são registradas nas obras consultadas, nem em outras a que se recorreu para verificação. Observa-se, a partir do ilustrado, casos de neologismo formal, em que o termo foi introduzido, passando a fazer parte do idioma.

Para além dos expostos, também foram identificados casos nas lexias complexas e textuais, sendo os dois tipos, conforme Biderman (1978), muito comuns de ocorrência dos neologismos, pois se caracterizam pela criação popular, em virtude da busca de elementos que garantam maior expressividade. Elenca-se, como exemplos, as lexias: “encher a barriga”, “mulheres de lençol”, “rainha de congo”, “pedra de sal”, “tirar a onça do pasto”, “buscar a morte”.

O exposto mostra como a autora, de posse dos registros corriqueiros na região, atentou-se para a apresentação das lexias, cujos usos, pelos usuários, demarcam os novos valores que são construídos, alguns de caráter metonímico e outros com sentidos já dicionarizados, mas nomeados de outras formas, além das composições presentes nas lexias complexas que particularizam o uso/a acepção.

Apesar disso, em verificação à hipótese levantada quanto ao maior ou menor número de acepções já dicionarizadas ou específicas da autora, confirma-se o que foi previsto, uma vez que, apesar de identificar alguns usos prototípicos ao estilo da escritora, o valor semântico das lexias apresentado na obra já estava, em sua maioria, dicionarizado.

Acerca dos dados exibidos, considerou-se, além disso, as realizações de dicionarização e não dicionarização por obra analisada, sendo que, em uma perspectiva ampla, a síntese dos resultados consta na tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Quanto à dicionarização ou não por obra lexicográfica (Continua)

	DICIONÁRIOS	DICIONARIZADAS	NÃO DICIONARIZADAS
Dicionários da língua	AURÉLIO	267	50
	HOUAISS	278	39
	MICHAELIS	278	39

Tabela 2 – Quanto à dicionarização ou não por obra lexicográfica (Conclusão)

Dicionários regionais	CABRAL	190	127
	PONTES	166	151
	SERAINÉ	153	164

Elaborada pela autora.

É perceptível um equilíbrio maior quanto aos resultados apresentados nas obras da língua, tendo em vista os valores que se aproximam, tanto no registro das lexias quanto nas que não são identificadas nos referidos dicionários. A discrepância maior se dá acerca dos registros nas obras de caráter popular/regional, considerando as duas informações analisadas, em que consta a prevalência de realizações no dicionário de Cabral, o que talvez se justifique em virtude de sua obra ter considerável número de verbetes, cerca de 18.000, o que ultrapassa o dos outros dicionários dessa categoria, evidenciando, portanto, o maior número de acepções dicionarizadas frente a 127 não registradas.

Salienta-se, em comparação aos dois tipos de obras, como tão bem previu o próprio Cabral (1982, p. 7), que:

Com efeito, muitos vocábulos e expressões encontrados no linguajar sertanejo – alguns até de origem desconhecida – hão-de necessariamente incorporar-se, mais dia menos dia, ao rico e exuberante vocabulário nacional, pela fidelidade e pureza com que exprimem certos atos, fatos e circunstâncias.

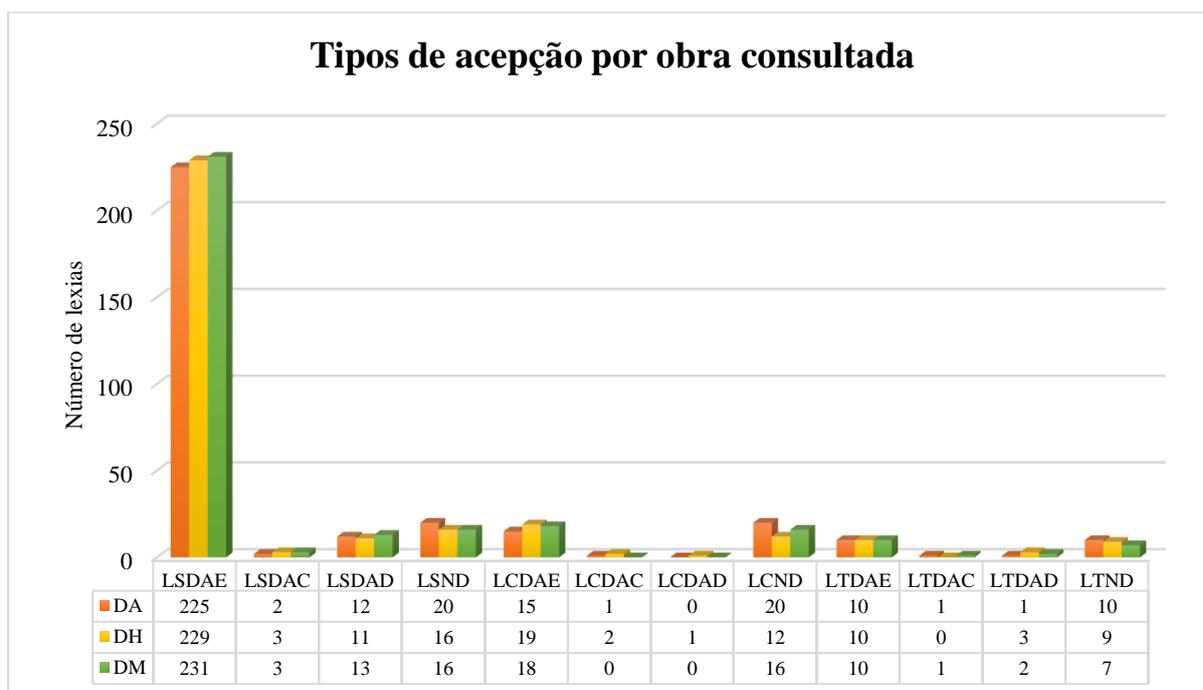
Essa afirmação, bem como os resultados apreciados, denota como os verbetes registrados foram ampliados, o que, de algum modo, ratifica o avanço de estudos na área lexicográfica, da mesma forma em que se reconhece, por parte dos estudiosos da língua, a necessidade de contemplar realidades não prototípicas, lexias que não se limitam ao padrão, mas que também pertencem à língua. Esse fato endossa a quantidade pertinente de registros nos dicionários padrão da língua, o que surpreende, dado o caráter regional que marca as lexias selecionados e cujas acepções são bem peculiares.

Quanto à não dicionarização, ao passo que muitas das obras regionais/populares evidenciam seus registros a partir de evidências literárias, estas tiveram um maior número de registros não exibidos, em desvantagem aos dicionários padrão da língua que, para além da quantidade superior quanto ao número de verbetes registrados, essas obras passam por atualizações. Ao longo de anos de pesquisa, análises, alguns dicionários, como o Michaelis (2015) realizam campanhas para sugestão de registro por parte dos consulentes.

No caso do DM (2015), a equipe da editora informou que a campanha “O Português é seu”, em parceria com a UOL, possibilitou a participação dos consulentes em relação aos verbetes, o que ampliou, consideravelmente, lexias de caráter coloquial, midiático e regionalista. As obras populares consultadas, pela pesquisa, não evidenciam outras publicações com atualizações ou versões complementares mais recentes, o que comprova as maiores evidências de não dicionarização em comparativo com os da língua.

Dos números registrados acima, analisou-se também os valores de ocorrência das lexias e suas respectivas acepções ou não, por dicionário. Assim, no tocante às obras lexicográficas da língua, Dicionário Aurélio, Dicionário Houaiss, Dicionário Michaelis, obteve-se o seguinte resultado exposto no gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2 – Quanto às lexias por tipo de acepção registrada ou não nos dicionários da língua



Fonte: Elaborado pela autora.

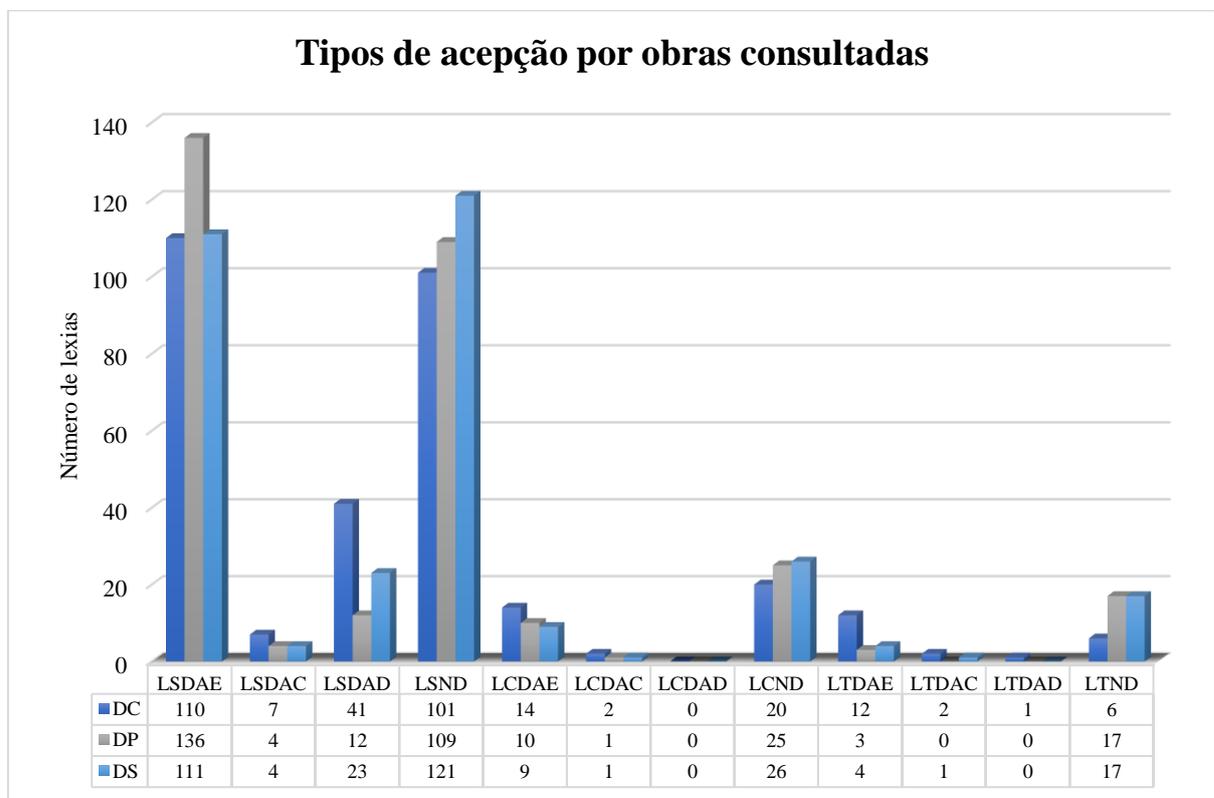
Com base nos registros, verifica-se as lexias exibidas com seus respectivos tipos de acepção, seja equivalente, complementar, seja diferente, além dos casos não registrados, considerando-se os três dicionários da língua consultados. Denota-se, quanto às lexias simples, um maior número de ocorrências das acepções equivalentes, nos três dicionários, seguido dos dados de não dicionarização e dos registros com acepção diferente. Dos três dicionários, Michaelis (2015) registrou o maior número de acepções, equivalente a 231 realizações, seguido do Houaiss (2009), com 229 e do Aurélio (2010) com 225.

Acerca das lexias complexas, os resultados que se sobressaem são também os das acepções equivalentes, seguidos das lexias não dicionarizadas e das dicionarizadas com acepções complementares, enquanto as de sentido diferente não apresentaram registros em duas das obras consultadas. Quanto às complexas, salienta-se ainda que a maior dicionarização se registra no dicionário Houaiss (2009), com 19 das lexias, na sequência, Michaelis (2015), com 18 e Aurélio (2010) com 15.

Por fim, os dados das lexias textuais evidenciam uma maior realização também das acepções equivalentes, com os mesmos resultados nos três dicionários, no entanto, com igual valor quanto às lexias não dicionarizadas, no DA, com 10 ocorrências apresentadas, diferindo apenas no DH e no DM, com 9 e 7 registros, respectivamente.

Considerando os mesmos referenciais de análise, também se registrou os resultados das lexias quanto aos tipos de acepções, levando em consideração as obras regionais/populares. A partir disso, apresenta-se o gráfico 3 abaixo como síntese do obtido:

Gráfico 3 - Quanto às lexias por tipo de acepção registrada ou não nos dicionários regionais



Fonte: Elaborada pela autora.

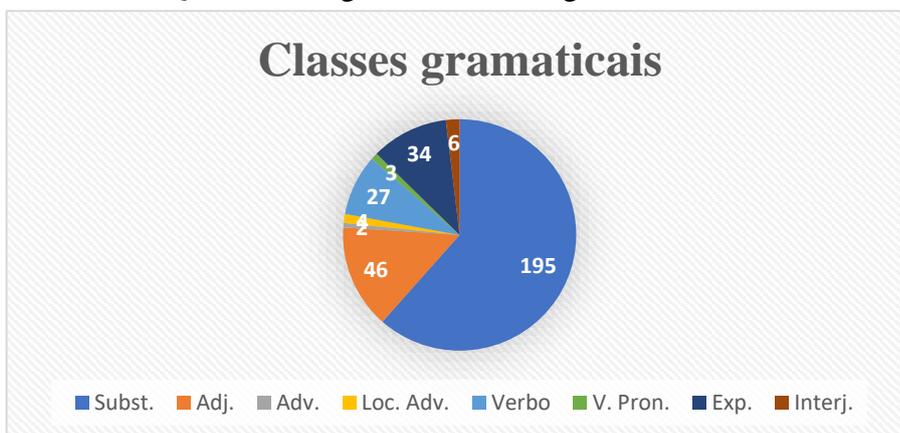
Nos dados acima, verifica-se, de modo similar aos dados dos dicionários da língua, um maior número de ocorrências de lexias simples com acepção equivalente, em que prevalece o DP como fonte dos maiores registros, o que surpreende, se for levado em consideração que o DC apresenta o maior número de dicionarização, porém, muitas delas distribuídas ao longo das demais lexias. Tal fato pode ser justificado em virtude da construção da própria obra do DP ter sido posterior à do DC, sendo mais atualizada, em busca de preenchimentos de algumas lacunas que a autora evidenciou.

Segundo Pontes (2003, p. 35), o trabalho teve como foco o “[...] o nível lexical, uma vez que o léxico é o elemento móvel mais sensível às mudanças culturais, que torna possível os diversos momentos da realização da língua”, o que possibilitou um estudo mais sistematizado, alicerçado nas produções lexicográficas já existentes e nas obras literárias pertencentes ao quadro regional/popular do Norte e Nordeste.

Ainda em análise aos dados, percebe-se um grande número de lexias não dicionarizadas, nas três classificações, sendo o DS o que se sobrepõe aos demais, talvez pela delimitação que o autor selecionou para a construção do dicionário, pois recorreu aos termos marcadamente populares, usuais no Ceará, bem como considerou obras literárias de escritores cearenses. Seguindo a ele, DP e DC, respectivamente, marcam também as acepções não dicionarizadas. No tocante às lexias complexas e textuais, o número de acepções é consideravelmente menor, mas se reconhece as especificidades destas, levando em conta os falantes e as necessidades destes, o que torna os usos ainda mais diversificados, como também o próprio número de lexias complexas/textuais obtidas na totalidade.

Com base, pois, no exposto acerca das lexias, expõe-se agora os dados concernentes à categoria das classes gramaticais, conforme se verifica no gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4 – Quanto à categoria das classes gramaticais dos verbetes-entrada



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 4, é perceptível uma maior realização de substantivos, o que corresponde a 61% dos dados analisados, seguido dos adjetivos, com 14% das lexias e das expressões, com 11%. Dos dados de menor realização, destaca-se a classe dos advérbios, das locuções adverbiais e dos verbos pronominais com igual percentual de ocorrência, correspondentes, cada um, a 1%.

Pontua-se, ainda, que dos substantivos identificados, estes se apresentam bem equilibrados acerca das informações de gênero, sendo que 91 deles são do masculino, enquanto 100 pertencem ao gênero feminino e apenas 4 são comuns de dois gêneros. Esclarece-se que em relação às expressões, não houve registro, nos dicionários consultados, que as definissem como provérbios, o que justifica a não existência dessa classificação, conforme o que havia sido determinado no percurso metodológico.

Partindo, pois, para a análise dos campos lexicais que constituíram as bases em que foram inseridas as lexias no glossário, este foi composto por 9 campos, construídos com base na representação maior que traziam em consonância com o teor das lexias averiguadas. Procurou-se estabelecer campos cuja referência regionalista fosse posta em pauta, o que levou à evidenciação dos seguintes: alimento; planta; animal; objetos; caracterização; insulto/desrespeito; profissão/atuação; espaço; ação.

Salienta-se, no que diz respeito aos referidos campos lexicais, que todos foram subdivididos em macrocampos, enquanto outros apresentaram, ainda, divisões em microcampos e até subcampos, de modo a atender os desdobramentos possíveis dos valores semânticos exibidos pelas lexias e como estas convergem para os referidos agrupamentos. Tal fato demonstra, conforme explicita Coseriu (1981b, p. 142, tradução nossa), que “A distribuição é particularmente reveladora no que se refere às «solidariedades» e serve, deste modo, para estabelecer classemas e arquilexemas.”¹⁵. Isto posto, confere-se à construção dos campos e respectivas subdivisões, a organização das lexias em conformidade com a caracterização que compartilham e que permitem, concomitantemente, separá-las de outras, tendo em vista os traços distintivos que apresentam.

Mediante, portanto, o exposto, serão exibidas, a seguir, as tabelas condizentes com a análise dos campos lexicais, os respectivos macrocampos, microcampos e/ou subcampos, bem como a quantidade de lexias associadas a cada um deles, considerando os resultados por campo. Ao final da exibição desses gráficos, verificar-se-á a refutação ou confirmação das hipóteses elencadas quanto aos dados.

¹⁵ “La distribución es particularmente reveladora en lo que se refiere a las «solidariedades» y sirve, de este modo, para establecer classemas y archilexemas [...]” (COSERIU, 1981b, p. 142).

Tabela 3 – Quantificação das lexias por campo lexical: alimento

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
		LS	LC	LT
ALIMENTO	PRODUZIDOS À BASE DE MILHO	3	-	-
	PRODUZIDOS COM OUTRAS BASES	5	1	-
	TOTAL	8	1	-
		9		

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela 3, indicada acima, expõe os dados concernentes ao campo lexical alimento, constituído por todos os gêneros alimentícios presentes nas lexias analisadas; destes, houve subdivisão em macrocampos, contemplando, em concordância com os tipos de alimentos consultados, produtos que foram produzidos à base de milho, e outro que contemplasse os alimentos produzidos a partir de outros bases.

Na ocasião, denotou-se uma referência aos alimentos de caracterização regional, sendo os primeiros exemplificações comuns no período das festas juninas. O último macrocampo apresentou um maior quantitativo de lexias, sendo predominante em todas as lexias classificadas como simples.

A tabela 4 a seguir trata do campo lexical planta:

Tabela 4 – Quantificação das lexias por campo lexical: planta

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	MICROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
			LS	LC	LT
PLANTA	FRUTÍFERA	-	12	3	-
	NÃO FRUTÍFERA	CONSIDERADAS SELVAGENS	3	1	-
		CONSIDERADAS MEDICINAIS	2	2	-
		CONSIDERADAS ORNAMENTAIS	4	2	-
		OUTRAS CARACTERIZAÇÕES	3	-	-
TOTAL			24	8	-
			32		

Fonte: Elaborada pela autora.

Na presente tabela, observa-se o campo lexical planta, dividido nos macrocampos frutífera e não frutífera, em que foi levado em consideração pesquisas desenvolvidas na área a

fim de confirmar as informações, seguido dos microcampos construídos a partir do que pôde ser averiguado nas próprias definições presentes no glossário.

Assim, obteve-se o microcampo das plantas consideradas selvagens, em que constam as espécies cuja adaptação à vida na natureza se dá de forma fácil, não havendo necessidade de cuidados especiais, existindo, inclusive, plantas que nascem e não requerem adubo, por exemplo, ou outras práticas. O microcampo das consideradas medicinais é contemplado pelas lexias que representam as plantas, cuja valoração se dá em virtude de suas caracterizações de cura, recuperação. O microcampo das consideradas ornamentais é ilustrado pelas lexias que trazem plantas de grande beleza e que são, comumente, utilizadas para enfeite, adereços. Por fim, o microcampo das outras caracterizações contempla as plantas cujos detalhes não permitiram um foco em nenhum dos casos demonstrados, o que levou ao agrupamento comum de características diversas.

Acrescenta-se à explicação que algumas das espécies têm mais de uma caracterização dos microcampos exibidos, mas foram alocadas no equivalente ao que a sua definição deixa mais enfático. Observa-se, em relação aos dados, um maior número de ocorrências no microcampo das não frutíferas, com valor quase similar às das selvagens, das plantas consideradas ornamentais, expostas tanto em lexias simples como nas compostas.

Na tabela 5 abaixo, evidencia-se o campo lexical animal:

Tabela 5 - Quantificação das lexias por campo lexical: animal

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	MICROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
			LS	LC	LT
ANIMAL	MÉDIO PORTE	-	2	-	-
	PEQUENO PORTE	DOS CANTADORES	2	1	-
		DOS NÃO CANTADORES	4	-	-
TOTAL			8	1	-
			9		

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados acima trazem o campo lexical animal, dividido nos macrocampos de médio e pequeno porte, em que se considerou a representação comparativa entre os próprios animais presentes nas lexias e na informação de que os que pertencem ao pequeno porte devem ter até 11kg. Dos macrocampos expostos, a subdivisão foi organizada nos microcampos dos cantadores e dos não cantadores, pois, embora seja caracterizado que chilram, os animais que

assim fazem também têm seus sons considerados como cantos. Sobressaiu-se os animais de pequeno porte, não cantadores, bem como expostos por meio das lexias simples.

Acerca dos dois últimos campos lexicais, plantas e animais, vale ressaltar que tentou-se estipular desdobramentos que não fossem específicos de como a área de cada um os considera, seja a botânica para as plantas, seja a zoologia para os animais. Embora referenciais ao que tratam no que diz respeito a essas espécies, os macrocampos e microcampos estipulados buscaram evidenciar também outras associações que são comuns aos contextos em que ocorreram, destacando-se a percepção regionalista, a exemplos, as plantas, que as comunidades que consideram medicinais, utilizando-as em chás, infusões diversas, e que constaram na definição do glossário.

Quanto a essa discussão de saber tradicional e linguístico, Coseriu (1981b, p. 99) ressalta a importância de reconhecer, no léxico de uma língua, que há amplas seções designativas enquanto outras estão estruturadas a partir de um léxico terminológico, que pode evidenciar uma particularidade não linguística.

Para a construção, pois, do glossário e dos respectivos campos, macrocampos, microcampos e subcampos, foi imprescindível a associação ao contexto de uso e à acepção denotados na obra e que reforçavam o caráter regionalista a que se primou desde o princípio do levantamento e da análise, conseqüentemente.

A tabela 6 abaixo evidencia o campo lexical dos objetos:

Tabela 6 - Quantificação das lexias por campo lexical: objetos

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	MICROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
			LS	LC	LT
OBJETOS	TIPOS DE USO	USO EM OFÍCIO/AFAZER	26	1	-
		USO PESSOAL/INDIVIDUAL	9	-	-
		USO EM CONFECÇÃO	7	-	-
		USOS DIVERSOS	2	-	-
		TOTAL	44	1	-
			45		

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste campo lexical, objetos, foram exibidas as lexias que se configuram como artefatos, utensílios, instrumentos, divididos ainda no macrocampo tipos de uso, em que, por meio dos microcampos definidos, buscou-se delimitá-los de acordo com a aplicabilidade deles.

Depreendeu-se, pois, 4 microcampos, a saber, os de uso em ofício/afazer, em que se especificou os casos de objetos utilizados para trabalhos, sejam profissionais, sejam de caracterização doméstica; os de uso pessoal/individual, contemplados por instrumentos que, geralmente, não são compartilhados; os de uso em confecção, considerando os materiais e/ou adereços que compõem as vestimentas; os de usos diversos, que não se encaixavam em nenhum dos anteriores pelos traços distintivos elencados, nem permitiam a construção de um subcampo.

Na tabela 7, a seguir, explicita-se o campo lexical caracterização:

Tabela 7 - Quantificação das lexias por campo lexical: caracterização

CAMPO LEXICAL	MACR.	MICR.	SUBC.	Nº DE LEXIAS		
				LS	LC	LT
CARACTERIZAÇÃO	DO TIPO DE CARAC.	REL. AO HOMEM	COMP./FÍSICO	43	1	-
			ALCUNHA/DESIG.	29	4	1
			MAN. EMOT.	13	7	7
		REL. À NAT.	-	7	1	-
		REL. A O. D.	-	27	5	2
TOTAL				119	18	10
				147		

Fonte: Elaborada pela autora.

Legenda: MACR.: MACROCAMPO; MICR.: MICROCAMPO; SUBC.: SUBCAMPO; CARAC.: CARACTERIZAÇÃO; REL.: RELACIONADA; NAT.: NATUREZA; O.D.: ORDENS DIVERSAS; COMP.: COMPORTAMENTO; DESIG.: DESIGNAÇÃO; MAN. EMOT.: MANIFESTAÇÕES EMOTIVAS.

Acerca do exposto na tabela 7, o campo lexical caracterização foi construído com base em associações às adjetivações ou mesmo outras classes que apresentavam esse teor de descrição, definição, independentemente a que ou quem faz referência. Assim, fez-se o macrocampo do tipo de caracterização, de modo a facilitar o desdobramento das outras categorias nos microcampos e subcampos.

Nos microcampos, evidenciou-se as especificações concernentes ao tipo, em que foram apontadas as lexias relacionadas ao homem, à natureza e a ordens diversas, sendo o primeiro bloco ainda subdividido em comportamento/físico, presentes os termos que trazem atribuições, definições ao homem, em virtude da forma como este se comporta, ou ainda por movimentos/trejeitos corporais que permitem tal descrição. Além deste, o subcampo da alcunha/designação contempla as formas de evocar, chamar outrem, considerando-se determinadas particularidades do homem. O último subcampo diz respeito às nomeações

relacionadas ao temperamento, às emoções do homem e constam as lexias que põem isso em evidência.

No microcampo relacionado à natureza, constam as lexias que especificam fenômenos naturais ou as manifestações destes, seja por questões associadas ao clima, seja por vínculos a animais, seja a demais questões. E, por fim, o microcampo relacionado a ordens diversas traz caracterizações que não se enquadram em nenhuma das anteriores, mas especificam situações variadas, como as que definem formas de expressão, estado, adjetivações que não se restringem ao homem ou à natureza, substantivos que contemplam também costumes, práticas e modos de manifestação, cuja natureza ímpar permite-lhes o respectivo agrupamento.

Quanto aos dados de ocorrência, o microcampo relacionado ao homem, distribuído nos subcampos seguintes, mostra: o subcampo comportamento ou físico que apresenta 44 lexias, seguido de 34 no tocante à alcunha/designação e de 27 acerca das manifestações emotivas. O microcampo voltado à natureza apresenta somente 8 lexias em paralelo a 34 das lexias presentes no microcampo de ordens diversas. Salienta-se o grande número de lexias simples exibidas nesse campo lexical, correspondendo a 119 das 147 lexias totais, valor bem superior a 18 das complexas e somente 10 das textuais.

A tabela 8 abaixo traz o campo lexical insultos/desrespeito:

Tabela 8 – Quantificação das lexias por campo lexical: insulto/desrespeito

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
		LS	LC	LT
INSULTO/DESRESPEITO	REALIZADO VERBALMENTE	12	-	2
	REALIZADO FISICAMENTE	5	-	1
TOTAL		17	-	3
		20		

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 8 exibida traz as lexias que especificam formas de insulto/desrespeito, que se desdobram nos macrocampos realizados verbal e fisicamente, sendo os primeiros correspondentes a todas as formas de afronta, injúria manifestadas por termos rudes, grosseiros, enquanto os segundos evidenciam as ações ou substantivações que definem os mesmos traços anteriores, porém aplicados de forma física, como a agressão.

Totaliza-se, neste campo lexical, 20 lexias, sendo 14 delas pertencentes ao macrocampo realizado verbalmente e 6 realizado fisicamente, havendo, também, predominância das lexias simples, com 17 dados frente a 3 de lexias textuais. Não há registros de lexias complexas neste campo lexical.

A tabela 9 evidencia o campo lexical profissão/atuação:

Tabela 9: Quantificação das lexias por campo lexical: profissão/atuação

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
		LS	LC	LT
PROFISSÃO/ATUAÇÃO	RELACIONADOS AO MAR	3	1	-
	NÃO RELACIONADOS AO MAR	3	1	-
TOTAL		6	2	-
		8		

Fonte: Elaborada pela autora.

O referido campo lexical traz as lexias associadas às funções desempenhadas pelo homem, sendo destaque algumas que se relacionam ao mar, dada a ambientação da história. Dessa forma, pôs-se em paralelo as atividades não relacionadas ao mar para a formação do outro macrocampo. Os dois apresentaram iguais quantitativos de lexias, distribuídos também igualmente, sendo 3 lexias simples e 1 complexa em cada um deles, totalizando as 8 lexias que marcam esse campo lexical.

A tabela 10, na sequência, traz o campo lexical espaço:

Tabela 10: Quantificação das lexias por campo lexical: espaço

CAMPO LEXICAL	MACROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
		LS	LC	LT
ESPAÇO	EDIFICAÇÕES	6	-	-
	LUGARES ABERTOS	11	-	-
	PARTES DE CONSTRUÇÕES	3	-	-
TOTAL		20	-	-
		20		

Fonte: Elaborada pela autora.

Neste campo lexical, constam as lexias relacionadas a construções, edificações diversas que situam determinados espaços, que foram apresentados indistintamente quanto a uso pelo homem ou por outros animais. Os macrocampos expostos são estruturados em relação

a edificações, em que constam construções, tanto relacionadas à casa, ambientes que associam à construção civil; quanto a lugares abertos, cujos traços distintivos característicos são serem desprovidos de construções propriamente ditas e denotam espaços ao ar livre e voltados a partes de construções, mas não necessariamente da área civil, mas de outras também.

Os dados mostram um maior número de realizações do macrocampo lugares abertos, com 11 lexias simples; seguido do edificações, com 6 lexias e, por fim, partes de construções, com 3 lexias, o que totaliza 20 unidades léxicas do campo lexical espaço. Aqui também não foram registradas lexias complexas, nem textuais.

A tabela 11 abaixo mostra os dados do campo lexical ação:

Tabela 11: Quantificação das lexias por campo lexical: ação

CAMPO LEXICAL AÇÃO	MACROCAMPO	Nº DE LEXIAS		
		LS	LC	LT
	PARA COM OS OUTROS	6	1	3
	DE ORDEM INDIVIDUAL	8	3	6
TOTAL		14	4	9
		27		

Fonte: Elaborada pela autora.

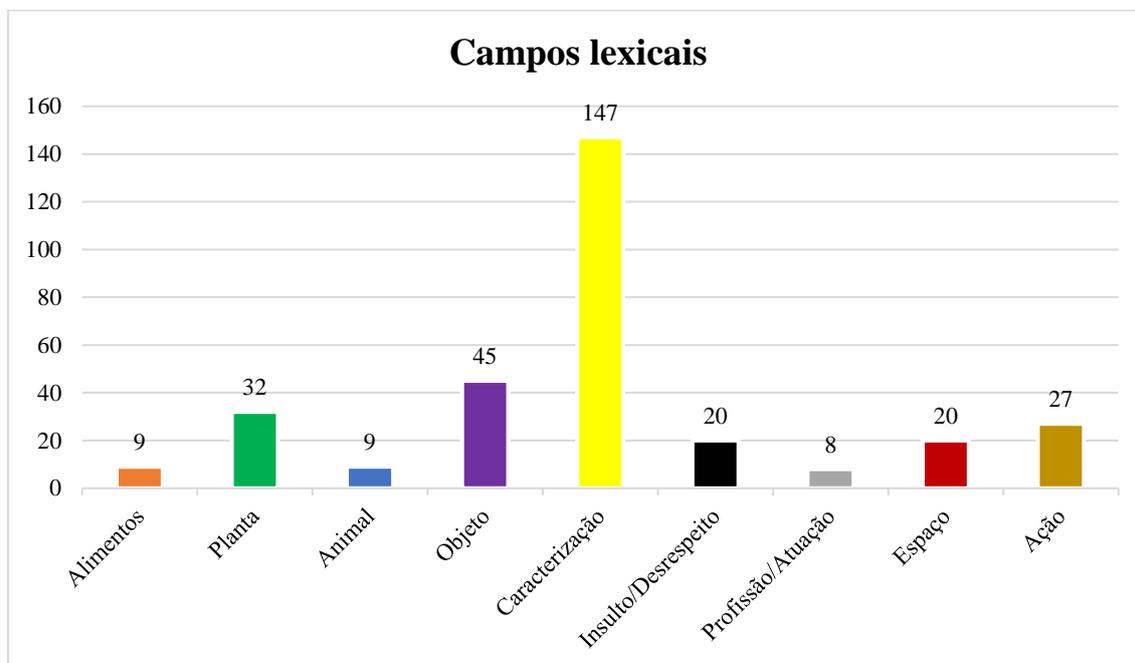
Diferentemente dos outros campos lexicais expostos que também contemplam ação, como o campo insulto/desrespeito, são apresentadas neste outras ações diversas, que não são contempladas em nenhum dos mencionados anteriormente, mas que se vinculam em virtude dos macrocampos em que foram subdivididos. Nesse sentido, associam-se a ações que são realizadas para com os outros e a atividades que se configuram como de ordem individual, impactando ou fazendo referência a um ser de forma específica, embora compartilhem da ação com outros, como na lexia “à desfilada”.

Quanto aos dados, o maior número de lexias é apresentado no macrocampo de ordem individual, distribuídas nas formas simples, com 8 casos; nas complexas, com 3 e nas textuais, com 6. No macrocampo para com os outros, registra-se 6 lexias simples, 1 complexa e 3 textuais. Predomina a lexia simples, com 14 casos, seguido das textuais com 9 e das complexas com 4, totalizando 27 casos.

Expostas, pois, as tabelas com seus respectivos números de lexias por campo lexical, apresenta-se o gráfico 4 a seguir, com o panorama dos campos lexicais exibidos, de

modo a ressaltar o campo que se sobressai em relação aos outros quanto à temática a que pertencem.

Gráfico 5 – Quantitativo de lexias por campos lexicais



Fonte: Elaborado pela autora.

Verifica-se, portanto, em análise à temática que se mostra mais pertinente dentre as lexias selecionadas, com 147 dados, correspondente a 46,3%, um maior número de unidades lexicais no campo caracterização, cujas referências trazem à tona as distintas formas de nomear, definir o homem, seja pelos traços físicos, comportamentais, seja pelas ações, havendo ainda a caracterização voltada à natureza e a ordens diversas. Na sequência, com 45 lexias, equivalentes a 14,2% dos dados, o campo lexical objeto e, com 32 lexias, correspondente a 10%, o campo lexical planta. Dos campos lexicais com menor indicação de lexia, registra-se o campo profissão/atuação, com apenas 8 dados, equivalentes a 1,1%; alimento e animal, com iguais valores, 9 lexias em cada, o que indica 2,8% dos dados totais analisados.

Os nove campos lexicais expostos trazem, pois, um panorama regionalista diverso, não sendo restrito a uma ambientação, mas revelando distintas referências às quais remetem as lexias apreendidas ao longo da obra *A Rainha do Ignoto*. No tocante às hipóteses, embora com alguns nomes alterados quanto aos campos lexicais exibidos, é refutado como maior ocorrência o campo que seria específico da representação feminina, uma vez que, ainda que estejam presentes em outros, como na profissão/atuação, não se verificam como o mais enfático. O

referido campo foi, inclusive, o que teve menor ocorrência de casos. Seguido a ele, o campo animal também não se mostrou com maior evidência, o que também refuta a hipótese apresentada. Quantos aos demais, apresentam consideráveis números que confirmam o que previamente havia sido estabelecido.

Em suma, o presente glossário é enfático quanto aos dados de caráter regional, o que reforça as hipóteses elencadas também quanto a essa manifestação, sendo algo que se consegue comprovar a partir dos resultados detalhados e analisados até então. As escolhas da autora reforçam um falar típico da região Nordeste, com exemplos peculiares do povo que habita no referido espaço social.

De forma similar, quanto à confirmação de hipóteses, a organização dos campos permite a identificação das lexias que compartilham traços em comum, sendo caracterizadoras dos agrupamentos em que estão, ao mesmo tempo em que se distinguem das demais em virtude dos referidos traços, mas que, em uma percepção macro, coadunam com a representação regionalista à qual se primou neste trabalho.

Ressalta-se ainda, considerando a natureza deste trabalho, a fala de Coseriu (1981b) acerca das relações léxicas, entendendo-as como complicadas, ao passo que as estruturas são muito imprecisas, tendo em vista a subjetividade inerente a elas, bem como a organização e interpretação distinta que cada indivíduo concede às unidades léxicas, embora pertença a mesma comunidade linguística.

Isto posto, reconhece-se a dificuldade de elencar os campos lexicais de maneira a observar os traços distintivos, agrupando-os da forma mais coerente possível, ainda que se tenha ciência da subjetividade com que cada falante lida com as referências linguísticas, assim como a forma de articulação do léxico no instante de fala. No entanto, vale o destaque para o glossário elaborado como fonte de propagação do viés regionalista e de uma evidência cultural manifestada por meio da linguística.

6 CONCLUSÃO

Os diversos trabalhos com a linguística evidenciam como a língua é dinâmica e se caracteriza em virtude de como o falante a usa. Mais do que marcas padronizadas, reflexo de uma gramática que trata a língua sob um prisma unificado, a língua é, conforme traz, em seu cerne, esta pesquisa, representação cultural e identitária de um povo.

Ao primar pelo traço regionalista comum aos itens lexicais analisados nesta proposição, para além do que se estruturou como objetivo, via-se também a possibilidade de reconhecimento e de ressignificação de uma particularidade linguística que, muitas vezes, é depreciada e ignorada, até mesmo, por seus representantes. Reafirmar valores, ampliar saberes e permitir conhecer a própria língua são algumas das muitas ações que tornam o estigmatizado reconhecido e o marginalizado aceito.

Considerando, pois, a pesquisa apresentada, em retomada aos problemas e hipóteses elencados, bem como aos objetivos, os quais se propôs neste estudo, foram perceptíveis muitas confirmações e algumas refutações que serão dispostas a seguir de forma mais pormenorizada. Salienta-se, antes disso, o aporte teórico utilizado e o percurso metodológico tomado para a melhor evidenciação dos pontos exibidos.

Assim, no tocante à hipótese geral da pesquisa: considerando a temática em discussão por Emília Freitas, a obra em análise traz à tona, de forma mais enfática, os campos lexicais que remetem à representação feminina; ações/comportamentos do homem; objetos diversos (caracterizadores do espaço; instrumentos de uso corriqueiro; objetos de uso pessoal); fauna; flora; cultura local. Tais campos contemplam, pois, a regionalidade com que se caracterizam os termos a compor o glossário; obteve-se uma realização parcial, pois a taxa de ocorrência da representação feminina foi a menor, correspondendo a 1,1% dos dados, enquanto a caracterização, mencionada na hipótese como ações/comportamentos do homem, atingiu a maior representação, com 46,3%. Na sequência, os objetos e a fauna coincidiram também com a hipótese estabelecida, correspondendo, respectivamente, a 14,2% e 10% dos dados.

No que diz respeito à fauna, a correspondência em percentual foi de apenas 1,1%, outro dado que também não foi favorecido pela hipótese prevista. Quanto à informação cultural local, optou-se pela não criação de um campo lexical específico com este nome, tendo em vista os estudos realizados na área da etnolinguística e a consciência de que a caracterização regional como um todo, com seus respectivos campos lexicais, convergem, na verdade, para uma representação que é também cultural. Este fato, portanto, endossa a pertinência regionalista com

que se demarcou as lexias em análise, corroborando aquela com a associação dos dicionários ora consultados.

Em posse das hipóteses secundárias, analisando a primeira: em conformidade com a caracterização de cada lexia a identificar, a autora apresenta seleções lexicais regionalistas principalmente pelas simples, seguidas das textuais e, por último, das complexas; verificou-se também uma confirmação parcial, tendo em vista a realização primária das lexias simples, com 81,7%, mas seguidas das complexas e textuais com 11,3% e 7%, respectivamente.

Quanto à hipótese, as escolhas regionalistas da autora evidenciam o uso linguístico caracterizador dos falares regionais do Ceará, manifestados por lexias que remetem à cultura; a comportamentos/ações locais; à fauna; à flora; a objetos de uso pessoal/profissional, dentre outros; observa-se a concretização da hipótese, considerando os campos lexicais construídos, assim como a pertinência às diferentes temáticas suscitadas pelas lexias em apreciação.

No que diz respeito à hipótese: embora traga um repertório linguístico com evidências prototípicas ao seu estilo e à interpretação específica, a autora faz uso, em sua maioria, de lexias cujo valor semântico já se encontra dicionarizado; denota-se a concretização também da hipótese, considerando, pois, a evidência dos dados gerais da pesquisa que revelou a dicionarização de 289 lexias e somente 28 sem dicionarização.

Embora se reconheça que essa menção quanto à dicionarização contemple todos os tipos de acepção, em análise aos tipos por obra lexicográfica, essa informação também é confirmada, o que ratifica a hipótese apresentada, bem como as particularidades de estilo da autora, justificadas pelo uso de alguns neologismos e arcaísmos, inclusive, mas com a maioria de lexias já dicionarizadas.

Por fim, acerca da última hipótese, de posse das lexias simples para análise quanto ao agrupamento, estas serão organizadas de modo a contemplar um campo lexical cuja relação associativa entre elas permita identificá-las dentro desse universo comum, ao passo que se diferenciam de outros campos organizados, mas que, ao todo, coadunam com a representação regional cearense; percebe-se a realização do exposto, uma vez que os dados elencados passaram pelo critério de seleção cujo recorte contemplasse, de antemão, a perspectiva regionalista, comprovada pelas acepções nos dicionários em análise e conforme o que se explicitou no percurso metodológico.

Ademais, o consulente terá, ao seu acesso, as lexias correspondentes a cada campo lexical estabelecido, reconhecendo, por meio deste, unidades léxicas que partilham de traços que possibilitam o referido agrupamento, assim como, ao mesmo tempo, garante a diferenciação quanto aos outros campos formulados.

Com base no exposto, portanto, denota-se o alcance dos objetivos a que se propôs neste projeto, em afirmação à evidência de análise das lexias cujo caráter regionalista trouxesse à tona os aspectos semânticos utilizados pela autora e que demarcam uma representação social e, conseqüentemente, de sua exibição nos respectivos campos, já exemplificados. Do mesmo modo, a identificação das lexias se deu em consonância com a classificação estabelecida, bem como com o recorte que auxiliou na delimitação e no alcance do propósito maior deste estudo.

Além disso, a identificação dos termos reforçou a correlação entre espaço social e representação identitária, reconhecendo-se as particularidades de variantes que, embora sejam utilizadas em outras ambientações, são marcadamente regionalistas e coincidem com o estado cearense. Tal comprovação dialetológica advém dos dicionários de caráter regional/popular consultados, assim como com os da língua que contribuíram para a retirada de dúvidas quanto às acepções.

Por fim, a associação das lexias aos campos lexicais reitera a sobressalência da regionalidade cearense, em que se denotam as caracterizações específicas de cada campo, ilustradas pelas lexias correspondentes, assim como divergem, por traços distintivos, das demais, contempladas pelos outros campos construídos.

Desse modo, em retomada à questão básica da pesquisa, que abrange todas as secundárias apresentadas, bem como os objetivos expostos, os campos lexicais mais pertinentes foram exibidos, mas sendo restritos à especificação regional/popular, o que permite entrever outras possibilidades de abordagem da obra, como a linguagem geral utilizada e sem limitação de regionalidade.

Acrescenta-se à possibilidade de desdobramento de estudos na referida obra, uma análise de caracterização estilística, em que se reconheça a função expressiva da língua a partir da seleção e disposição lexical da autora, em que muitos pontos podem ser averiguados, tanto na área do léxico, quanto na morfossintaxe. Além disso, a autora escreveu a referente obra no Amazonas, fato que pode ter influenciado na sua escrita, como a evidência de termos característicos da região. Um trabalho comparativo em se possa analisar obras lexicográficas de diferentes regiões pode ser também propício para a verificação do que se sobressai quanto a isso: se o lugar de origem, se o lugar onde se estabelece.

Evidencia-se, ademais, a contínua necessidade de estudos na área da lexicologia/lexicografia em consonância com os aspectos regionais por se compreender a variação constante e as inovações linguísticas que permeiam dadas comunidades de fala, além de pesquisas que também tragam uma percepção dos campos lexicais mais ampla, tendo em vista os poucos estudos e que ainda se dão sob uma delimitação preestabelecida.

À guisa de conclusão, reforça-se que o valor da língua está no constante reconhecimento de que todas as manifestações são válidas, pois não só particularizam o falante, mas, mais do que isso, são provas de outras características peculiares a ele, como a cultura, a escolaridade, as condições socioeconômicas, dentre outras que revelam os referenciais que permitiram a construção de sua identidade linguística. Este fato e a quebra de estereótipos põem em evidência, por meio dos estudos linguísticos, o espaço merecido por muitos daqueles que são julgados em função de uma língua estigmatizada, mas que, aos poucos, far-se-á respeitada.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *In: Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. **Campos lexicais no livro de cozinha da infanta D. Maria**. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia Social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (orgs.) As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 6. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.
- ALBERTI, Adriana; FURUZATO, Fábio Dobashi. Transgressão feminina: Emília Freitas e a transgressão da realidade através da narrativa fantástica. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 8, n. 20, p. 35-56, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/53327>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- ALIB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em 30 jul. 2022.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A Linguagem Regional Popular de José Lins do Rego. **Acta semiótica et lingvistica**, v. 25, p. 3-12, 2020a. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53047/1/2020_art_mssaragao.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As pesquisas geolinguísticas do português do Brasil. **Acta semiótica et lingvistica**, v. 25, p. 91-106, nº 1, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/53672/30739>. Acesso em 03 jan. 2022.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A socioterminologia e etnoterminologia das plantas medicinais no Nordeste. **Acta semiótica et lingvistica**, v. 15 – Ano 34 – Nº 1 – 2010. p. 34-49. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53108/1/2010_art_mssaragao.pdf. Acesso em 01 jun. de 2021.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Expressões Regionais Populares em 'O Quinze' de Rachel de Queiroz. *In: XXVI Jornada do GELNE*, 2016, Recife. **Pesquisa em Língua, Linguística e Literatura no Nordeste: Uma Jornada de Quase 40 Anos**. Recife - PE: Pipa Comunicações, 2016. v. 1. p. 377-388.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Sinônimos e parassinônimos em capitais do Nordeste brasileiro**: dados do ALiB. v. 19, n. 1, 2014. Disponível em: www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/actas/search/authors/view?firstName. Acesso em 20 set. 2022.

BARBOSA, Maria Aparecida. Reflexões sobre o projeto lexicográfico: análise e descrição da forma de conteúdo da unidade lexical. *In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS - SEMINÁRIOS DO GEL*, 17., 1989. São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: GEL/USP, 1989. p. 65-73.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. *In: Estudos de filologia e linguística*. São Paulo: T.A. Queiroz, Edusp, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. *In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2 ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. *In: Revista Palavra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CABRAL, Tomé. **Dicionário de Termos e Expressões Populares**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1989.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASTILHO, Ataliba de. Rumos da dialetologia portuguesa. *In: ALFA*, 1972, p. 115-153. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3512/3285>. Acesso em 22 jul. 2022.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. 1. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

COSERIU, Eugenio. La socio y la etnolinguística: sus fundamentos y sus tareas. *In: Anuario de Letras*. Lingüística y Filología, v. 19, 1981a. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/anuario-letras/index.php/al/article/view/442>. Acesso em 04 jan. 2022.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca [e] Mário Ferreira. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/USP, 1982.

COSERIU, Eugenio. **Principios de Semántica Estructural**. 2. ed. Madrid: Gráficas Córdor, S.A., 1981b.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. São Paulo: Presença / Editora da USP, 1979.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. 4. ed. Porto Alegre: BesouroBox, 2018.

DUARTE, Constância Lima. Emília Freitas. *In*: MUZART, Zahidé (org.). **Escritoras Brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 723-727.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Digital** - versão 5.0. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2010.

FILHO, Waldenor Barros Moraes. Ensino-aprendizagem do léxico de língua inglesa: o caso das coligações e co-ocorrências léxicas. Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino. João Pessoa, Ideia, 2003, p. 2181-2198. *In*: LEFFA, Vilson J. (Compilador). **TELA (Textos em Linguística Aplicada)**. Pelotas: Educat. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ECLAE_II/ensino%20aprendizagem/principial.htm. Acesso em: 22 jul. 2022.

FREITAS, Emília. **A rainha do ignoto**: romance psicológico. São Paulo: 106, 2019.

FREITAS, Emília. **A rainha do ignoto**: Romance psicológico. 2. ed. Pesquisa, organização, atualização ortográfica, apresentação crítica e notas por Otacílio Colares. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1980.

GAMA, Vanessa Oliveira; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Léxico e literatura: o vocabulário regional da obra Menino de Engenho de José Lins do Rego. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 – Anais do XVI CNLF, 2012, p. 761. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/067.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro, 2007.

GECKLER, Host. **Semántica estructural y teoria del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1971

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Demócrito Rocha: Fortaleza, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa** versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0. Acesso em 10 jan. 2022.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 10. ed. – São Paulo: Editora Ática, 2004.

IPSEN, G. Der alte Orient und die Indogermanen. *In: Stand und aufgaben der sprachwissenschaft*. Festschrift für W. Streitberg. Heidelberg: C. Winter, 1924.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologias em construção: procedimentos metodológicos. *In: Termisul*, Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: encurtador.com.br/djB46. Acesso em 01 set. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 1992.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Faca e armas brancas: um campo lexical em Grande Sertão:Veredas. *Alfa*, São Paulo, 44: 285-297, 2000.

LEWANDOWSKI, Theodor. **Diccionario de lingüística**. Madrid: Cátedra, 1995.

LIMA, Fagna de Souza. **A oralidade em poemas de Patativa do Assaré**. 2014. TCC (Graduação em Letras) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2014. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6405/1/PDF%20-%20Fagna%20de%20Souza%20Lima.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Siecknius de Souza. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1987.

LOPES, Ana Cristina Caminha Viana. A escrita insólita da cearense Emília Freitas: revisando o cânone da literatura fantástica no Brasil. *In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS LITERÁRIOS*, 15., 2018, Fortaleza. *Anais [...]*. Fortaleza: UFC, 2018. p. 281-291. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39979>. Acesso em 23 jul. 2021.

LUKÁCS, George. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1965.

MARINHO, Clécia Maria Nóbrega. **O léxico regional/popular de Graciliano Ramos em Caetés, São Bernardo e Vidas Secas: uma análise léxico-semântica**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14864?locale=pt_BR. Acesso em 28 dez. 2021.

MATORÉ, George. **La méthode en lexicologie: domaine français.** Paris: Marcel Didier, 1953.

MICHAELIS. Dicionário Eletrônico **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, versão 5.0. Rio de Janeiro: DTS Software Ltda, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro>. Acesso em 10 jan. 2022.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** 17 reimp. São Paulo: Cultrix, 2008.

NASCENTE, Antenor. **O linguajar carioca.** Coleção Rex. Organização Simões. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1953.

NUNES, Ticiane Rodrigues. **Glossário de Termos do Campo Lexical Violência nos Autos de Querela do século XIX.** Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada). Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83995>. Acesso em 15 ago. 2022.

OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. **Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908).** Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-73BHB7/2/vers_o_impres_o_def.pdf. Acesso em 28 dez. 2021.

OLIVEIRA, Uélida Dantas de.; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O Vocabulário Regional do Escritor Ariano Suassuna na Obra Farsa da Boa Preguiça. **A Cor das Letras** (UEFS), v. 19, p. 91-101, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3708>. Acesso em: 22 jul. 2021.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? *In:* GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** v.1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 163-177.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais.** Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: O que é, como se lê.** Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONTES, Maria das Neves Alcântara. **Dicionário linguístico-literário de termos regionais/populares: Norte/Nordeste.** Vol. 1 e 2. João Pessoa: Ideia, 2003.

PONTES, Maria das Neves Alcântara. Linguagem regional/popular em Menino de Engenho, de José Lins do Rego: uma perspectiva etno-sociolinguística. *In:* ENCONTRO NACIONAL DA APL, 14., 2017, Lisboa. **Actas [...].** Lisboa: APL, 2017. Disponível em: <https://apl.pt/wpcontent/uploads/2017/12/1998-25.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

POTTIER, Bernard. **Estruturas linguísticas do português.** Tradução Albert Audubert e Cidmar Pais. 3. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1975.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

QUEIROZ, Silvana Rodrigues de Souza. **O vocabulário alencariano de *O Sertanejo***: uma análise léxico-semântica. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras e Linguística, Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15443/1/SRSQueirozDISSPRT.pdf>. Acesso em 28 dez. 2021.

SANTOS, Ana Paula Araújo. A figuração fantástica em *A Rainha do Ignoto* (1899) de Emília Freitas. In: **Revista Entrelaces**, v. 8, n. 20, abr-jun, 2020. p. 22-34. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/43254>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SANTOS, Elias de Souza. **Estudo lexical do Receituário Setecentista de Frei Manuel de Santa Teresa**. Dissertação. (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/602796?mode=full>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. - 28. Ed. - São Paulo: Cultrix, 2012.

SERAINÉ, Florival. **Dicionário de termos populares**. 2. ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

SILVA, Régia Agostinho da. Emília Freitas e a escrita de autoria feminina no século XIX. **Outros Tempos**: Pesquisa Em Foco - História, 7(9), v. 7, n. 9, jul, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v7i9.130>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura**: um estudo do imaginário em Emília de Freitas e Francisca Clotilde. 2003. Dissertação (Mestrado em história social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/43813>. Acesso em 23 jul. 2021.

SOUZA, Carlos Alberto. **A linguagem regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8241>. Acesso em 22 jul. 2021.

TRIER, Jost. **Der deutsche wortschatz im sinnbezirk des verstandes**: Von den anfängen bis zum beginn des 13. Jahrhunderts. Michigan: Ed. C. Winter, 1931.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução de J.A. Osório Mateus. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VILELA, Mário. **Estruturas Léxicas do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WEISGERBER, L. **Das menschheitsgesetz der sprache als grundlage der sprachwissenschaft**. Heidelberg, 1963.